

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

O jogo dos gêneros e o gênero do jogo: o caso do voleibol

LEONARDO ERIVELTO SOARES DE OLIVEIRA

2010

O jogo dos gêneros e o gênero do jogo: o caso do voleibol

Leonardo Erivelto Soares de Oliveira

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), sob orientação do Prof. Luiz Henrique de Toledo, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo (orientador – UFSCar)

Prof. Dr. Igor José de Renó Machado (USFCar)

Prof. Dr. José Paulo Florenzano (PUC/SP)

Soares de Oliveira, Leonardo Erivelto

O jogo dos gêneros e o gênero do jogo: o caso do voleibol / Leonardo Erivelto Soares de Oliveira. -- 2010.
95 f. : 30 cm.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador: Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo

Banca examinadora: Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo (orientador – UFSCar), Prof. Dr. Igor José de Renó Machado (USFCar), Prof. Dr. José Paulo Florenzano (PUC/SP)

Bibliografia

1. Antropologia dos esportes . 2. Voleibol. 3. Gênero. I. Orientador. II. Universidade Federal de São Carlos. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo Programa de Geração Automática da Secretaria Geral de Informática (SIn).

DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

Bibliotecário(a) Responsável: Ronildo Santos Prado – CRB/8 7325



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
Via Washington Luís, Km 235 - Caixa Postal 676
CEP 13565-905 - São Carlos - SP - Brasil
Fone: (16) 3351-8371 - ppgas@power.ufscar.br



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

BANCA EXAMINADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE

Leonardo Erivelto Soares de Oliveira

03/03/2010

Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo
Orientador e Presidente
Universidade Federal de São Carlos / UFSCar

Prof. Dr. Igor José de Renó Machado
Universidade Federal de São Carlos / UFSCar

Prof. Dr. José Paulo Florenzano
Pontifícia Universidade Católica / PUC-SP



AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que eu iniciasse e terminasse minha dissertação. Nomearei, entretanto, apenas as pessoas que me vêm diretamente à memória, sem as quais nada seria possível.

Gostaria de agradecer ao meu orientador, o Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo, pela enorme paciência, pela compreensão e por acreditar que eu pudesse finalizar o que me propus a fazer.

Gostaria de agradecer ao Prof. Dr. Igor José de Renó Machado, que participou tanto de minha banca de qualificação quanto de minha banca de defesa, brindando-me com preciosas sugestões de modificação da minha dissertação.

Gostaria de agradecer ao Prof. Dr. José Paulo Florenzano, que participou de minha banca de defesa, trazendo à baila alguns aspectos essenciais sobre os quais eu não havia refletido.

Gostaria de agradecer aos meus pais, aos meus irmãos e aos meus amigos pelo apoio moral.

Gostaria, enfim, de agradecer a todos os meus entrevistados.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RESUMO

Por meio de uma etnografia, baseada em minha biografia esportiva, demonstro a existência de concepções pujantes sobre o voleibol que o fazem figurar como “esporte feminino”, “de mulherzinha” e/ou “esporte de viado”, dentre outras variantes, confrontando-as com as reações e concepções de que dispõem os próprios jogadores e jogadoras de voleibol a respeito do esporte que praticam. O argumento central do trabalho é que tais concepções são sustentadas por um conjunto de fatores: o contraste entre futebol e voleibol, respectivamente primeiro e segundo esportes em preferência nacional, aliado a uma certa visão sobre as técnicas corporais em geral e as do vôlei em particular, que proporcionam e se fundem a um contexto peculiar marcado pela grande presença de mulheres e “gays” e, muitas vezes, por usos feminilizados do corpo, ao menos no circuito amador.

Palavras-chave: antropologia dos esportes – voleibol – futebol – gênero – técnicas corporais

ABSTRACT

Through an ethnography based on my own sports biography, I demonstrate the coexistence of powerful conceptions about volleyball that make it appear as “female sport”, “women's sport” and/or “sport of fagots”, among other variants, and the volleyball players’ conceptions about the sport they practice. The central argument of this research is that such conceptions are supported by a set of factors: the contrast between soccer and volleyball, respectively first and second sports in national preference, coupled with a certain view on body techniques in general and on the techniques of volleyball in particular, which merge with a peculiar context marked by the large presence of women, "gays" and certain uses of the body, at least in the amateur circuit.

Keywords: anthropology of sports – volleyball – soccer – gender – body techniques

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. A questão do gênero e das técnicas corporais na comunidade <i>Jogo vôlei e sou macho</i> , do Orkut.	63
Figura 2. A questão do gênero e das técnicas corporais na comunidade <i>Os vôlei-maníacos do Grajaú</i> , do Orkut.	65
Figura 3. Discussão sobre gênero e técnicas corporais no voleibol em uma comunidade do Orkut.....	66
Figura 4. Discussão sobre gênero, sexualidade e técnicas corporais dos esportes na comunidade <i>Jogo volei e sou macho</i> , do Orkut.....	82
Figura 5. Discussão sobre gênero, sexualidade e técnicas corporais dos esportes na comunidade <i>Jogo volei e sou macho</i> , do Orkut.....	83
Figura 6. Discussão sobre gênero e sexualidade nos esportes na comunidade <i>Clube Atlético Mineiro – Galo</i> , do Orkut.....	85
Figura 7. Discussão sobre gênero, sexualidades e técnicas corporais na comunidade <i>Clube Atlético Mineiro - Galo</i> , do Orkut.....	86
Figura 8. Discussão sobre gênero, sexualidade e técnicas corporais dos esportes na comunidade <i>Jogo vôlei e sou macho</i> , do Orkut.....	89
Figura 9. Discussão sobre gênero e sexualidade nos esportes na comunidade <i>Jogo vôlei e sou macho</i> , do Orkut.	90

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1. EM CAMPO ANTES DE IR A CAMPO: DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA AO SESC	19
1.1 No SESC: a percepção das performances gays	24
1.1.1 A equipe GVSC.....	29
1.2 Na AVS	32
CAPÍTULO 2. O CAMPO NAS QUADRAS	39
2.1 Treinando na AVS: a ampliação do campo de percepção da presença de gays e da difusão de usos feminilizados corpo	39
2.2 Treinando na Federal: a naturalização do vôlei como esporte feminino e as reações dos jogadores à feminilização do esporte.....	43
CAPÍTULO 3. AS TÉCNICAS CORPORAIS DO VOLEIBOL E NO VOLEIBOL	54
CAPÍTULO 4. VÔLEI: ESPORTE DE MULHER? ESPORTE DE MULHERZINHA? ESPORTE FEMININO? ESPORTE MASCULINO E FEMININO? ESPORTE MASCULINO?.....	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95

INTRODUÇÃO

Se é verdade, como afirma Pierre Bourdieu, que nós “aprendemos pelo corpo”, e que “a ordem social inscreve-se no corpo por meio desse confronto permanente, mais ou menos dramático, mas que sempre abre um grande espaço para a afetividade”, então impõe-se que o sociólogo submeta-se ao fogo da ação *in situ*, que ele coloque, em toda a medida do possível, seu próprio organismo, sua sensibilidade e sua inteligência encarnadas no cerne do feixe das forças materiais e simbólicas que ele busca dissecar, que ele se arvore a adquirir as apetências e as competências que tornam o agente diligente no universo considerado, para melhor penetrar até o âmago dessa “relação de presença no mundo, de estar no mundo, no sentido de pertencer ao mundo, de ser possuído por ele, na qual nem o agente nem o objeto estão postos como tal”, e que, no entanto, os define, aos dois, como tais, e ata-os com mil laços de cumplicidade, mais fortes ainda porque são invisíveis (WACQUANT, 2002, p. 12).

Meu interesse na elaboração desta dissertação de mestrado foi despertado por uma questão que me aflige desde quando era pré-adolescente e frequentava as aulas de educação física de uma escola pública em São Carlos, cidade do interior de São Paulo. Ela dizia respeito, sobretudo, ao fato de que parecia haver uma grande quantidade de pessoas que enxergavam o voleibol como um “esporte feminino” e/ou como um esporte apropriado para mulheres/meninas e/ou, ainda, como um “esporte de mulherzinha”. Não que homens e meninos também não pudessem praticá-lo, porém, a estes, o esporte “naturalmente” adequado parecia ser o futebol. Essas impressões, que, paulatinamente, foram se consolidando ao longo de minha trajetória como atleta amador, me estimularam a querer saber mais sobre os fundamentos de tais concepções.

Durante minha graduação, havia desenvolvido uma pesquisa cujo propósito era apreender quais eram os aspectos que compunham o *ethos* esportivo dos jogadores de voleibol. Fazia parte de um projeto mais amplo¹, idealizado pelo Professor Luiz Henrique de Toledo, que visava ampliar a perspectiva comparada dentro do subcampo da Antropologia dos

¹ O projeto a que me refiro, intitulado “Das formas simbólicas e natureza social dos esportes coletivos: perspectiva comparada em antropologia do esporte”, é de autoria do professor Luiz Henrique de Toledo, da Universidade Federal de São Carlos.

esportes – para o qual ele próprio tinha contribuído com duas teses sobre o futebol² –, englobando outras práticas esportivas, como o voleibol e o basquetebol, por exemplo.

Mais dois colegas participavam do projeto: Júlio Cesar Jatobá Palmiéri, que desenvolveu uma pesquisa sobre o basquetebol, e Juliana Coelho, a qual optou por empreender uma pesquisa sobre o voleibol. Quando tomei conhecimento de que Juliana estava elaborando uma pesquisa sobre voleibol e gênero, aquilo instantaneamente me despertou a atenção. Embora, naquele período, não estivesse exatamente de acordo com alguns de seus argumentos, o tema do texto foi o que inspirou o desenvolvimento do meu projeto de mestrado. Dessa forma, poderia dar expressão a toda minha experiência longa e concreta no esporte, de alguém que passou pelos meandros do treinamento e da prática quase diária da modalidade, e que, portanto, poderia oferecer uma visão de dentro do campo (ou das “quadras”). E mais: poderia perscrutar e cotejar minhas experiências às de meus colegas, em busca de uma compreensão mais aprofundada dessas concepções e classificações do voleibol como “esporte para meninas/mulheres”, “esporte feminino” ou “esporte de mulherzinha”, de cuja existência não duvidava, todavia não sabia quais eram os fundamentos sobre os quais essas denominações se assentavam.

Além disso, outro fator que me impeliu ao estudo do voleibol foi o atual contexto esportivo brasileiro, que revela o voleibol como esporte em franca ascensão, sustentada pelas inúmeras conquistas das seleções masculina e feminina, que advieram vultosos investimentos realizados pela CBV, desde fins da década de 1970. O corolário disso é que o número crescente de praticantes de ambos os sexos tem crescido ininterruptamente, tornando o voleibol o segundo esporte em número de praticantes no Brasil e também o segundo em preferência nacional. Estamos vivenciando um período em que se começa a falar do Brasil como país do vôlei³, representação que vem ganhando força e emula, naturalmente, uma outra muito mais consolidada, que é a do Brasil como país do futebol.

Com certa dose de oportunismo, já que trato de um esporte em ascensão no Brasil, ao qual não se pode referir sem que as pessoas pensem no sucesso atual das seleções brasileiras

² Foram publicadas versões de ambas as teses, sob os títulos de *Torcidas organizadas de futebol* (1996) e *Lógicas no Futebol* (2002).

³ Há diversos sítios na *internet*, em que essa concepção é veiculada, além de tópicos e comunidades na plataforma de sociabilidade virtual “Orkut”. Cito, aqui, apenas alguns endereços: <http://entreternanet.blogspot.com/2008/07/brasil-o-pas-do-vlei.html>, <http://esporte.uol.com.br/olimpiadas/ultimas/2004/08/13/ult2280u229.jhtm>, <http://luanacomenta.blogspot.com/2009/08/brasil-pais-do-volei.html> e <http://jolpuc.wordpress.com/2009/08/25/brasil-o-pais-do-voleibol/>.

masculina e feminina, compartilho, por meio dessa dissertação, experiências pessoais de longa data, através das quais detectei a existência de certas concepções de que o voleibol seria um “esporte de mulherzinha”, um “esporte feminino” ou ainda “esporte de viado/gay” que parecem se manter fortes ao longo do tempo. Concepções que não assumo como exatamente equivalentes, mas que parecem se reforçar mutuamente, convergindo para a percepção do voleibol como esporte feminino, como explico no quarto tópico.

A opção pela “etnografia autobiográfica” decorreu da minha história de treze anos de prática do voleibol, do esporte recreativo ao amadorismo. Por isso, creio que seria pouco proveitoso e extremamente complicado falar do universo do voleibol do qual fiz e faço parte, tentando, de forma artificial, me afastar para não eivar toda a análise com os modos de pensar e agir próprios dos praticantes de vôlei. Se o fizesse, estaria mutilando uma parte seminal de minhas experiências que antecedem e que motivaram essa pesquisa. Assim, decidi relatar minhas experiências, na esperança de que elas possam conter algo de revelador. A autoetnografia figura, aqui, por conseguinte, quase como uma injunção de minhas próprias condições, do meu profundo envolvimento com o objeto estudado e também como, possivelmente, o modo mais sensato de abordar o que pretendo. Porém, devo advertir que não foi o primeiro método que me surgiu, tendo sido adotado apenas após a sugestão de grande valia no momento da qualificação⁴. Acatei-a, porque notei que poderia ser um caminho perspicaz e frutífero, fornecendo uma perspectiva interna que contrastaria com os excessos da “sociologia espontânea”, para evocar uma expressão de Wacquant (2002)⁵.

Durante a narração, o leitor perceberá que minhas experiências foram construídas, desde o início, claramente de forma relacional (se é que poderiam ter ocorrido de outra maneira). Explico. O fato de os professores de educação física das escolas pelas quais passei entregarem a bola de futebol aos meninos e a bola de vôlei às meninas e a proximidade com os meninos do futebol no SESC deu azo a situações em que havia um confronto simbólico bastante claro e imediato. Por um lado, o futebol como esporte para meninos e homens/esporte masculino e voleibol para meninas, mulheres e “mulherzinhas”/esporte feminino. À medida que comecei a treinar em locais em que apenas se treinava voleibol, esses confrontos perderam um pouco da sua força e, sobretudo, visibilidade. De fato, creio que

⁴ A sugestão foi concedida pelo professor Dr. Igor José de Renó Machado, da Universidade Federal de São Carlos.

⁵ Parece-me que, para Wacquant (2002), “sociologia espontânea” seria aquela fundada no senso comum, em estereótipos. Em outro registro, seria expressa por meio de concepções elaboradas sem análise circunstanciada do que se pretende falar.

difícilmente seria de outra forma: esse confronto simbólico com o futebol que vivenciei é, guardadas as devidas proporções, algo que outros praticantes de voleibol vivenciaram e vivenciam pelo Brasil afora. Deixemos, entretanto, essa discussão para o desenrolar do texto.

É essencial fazer algumas observações antes de principiar a apresentação dos eventos que se me sucederam e que tomo como fatos etnográficos. Concentro-me, sobretudo, na perspectiva de gênero que orientará a descrição e análise dos fatos.

A discussão, em algum ponto, transcenderá a questão do corpo, conduzindo-nos a um universo simbólico mais vasto, conquanto não deixe de tê-lo (o corpo) como pedra de toque. Isso porque há uma clivagem produzida por nós nativos. Por um lado, o voleibol, com suas técnicas abstraídas dos corpos, do modo como figuram nos manuais consultados, que tratam especificamente deste esporte, cujos fins são evidentemente pedagógicos, de normatização e normalização dos gestos, juntamente com suas regras. Por outro lado, o voleibol com suas técnicas empregadas na prática por determinados atores cujos corpos são diferenciados (entre masculinos ou femininos, de estatura baixa, mediana ou alta etc.), bem como singulares, e as relações concretas (situadas espacial e historicamente) e dinâmicas entre os praticantes e espectadores.

A constatação dessa clivagem levou-me a buscar uma concepção de gênero mais abrangente que pudesse ser aplicada ao voleibol e suas técnicas e não somente às pessoas e seus corpos. Obviamente, não desprezo um conceito de gênero mais preocupado com os corpos, como o de Butler, para a qual, nas palavras de Piscitelli, “gênero seria a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos reiterados dentro de um marco regulador altamente rígido, que se congela no tempo produzindo a aparência de uma substância, de uma espécie de ser natural” (PISCITELLI, 2002, p. 28). Entretanto, cremos que ampliaríamos sensivelmente o sentido do termo, podendo mesmo englobar a própria definição de Butler, se dispuséssemos da definição de Strathern, para a qual gênero se reporta a

(...) categorizações de pessoas, artefatos, eventos, sequências etc. que se fundamentam em imagens sexuais – nas maneiras pelas quais a nitidez das características masculinas e femininas torna concretas as idéias das pessoas sobre a natureza das relações sociais (STRATHERN, 2006, p. 20).

Impende observar que a análise comparada, promovida por Strathern, entre Ocidente e Melanésia, foi o que possibilitou essa distensão na forma de conceituar gênero. A autora constatou que postulados ocidentais como os de “construção social”, “identidade”, “gênero” ou, ainda da combinação entre eles representada pela expressão “construção social de identidades de gênero” não se aplicam senão com profundas distorções da simbologia dos melanésios. Quer dizer, o problema não está somente nessas pré-concepções, mas, sobretudo no fato de que elas têm como princípio subjacente a noção, que nos é bastante peculiar, de socialização fundamentada na acumulação progressiva de experiências e relações sociais ao longo da vida, que permitiria a *construção* de uma *identidade* mais ou menos fixa. Em suma, é um conceito que se nos revela mais sedutor, porque não restrito apenas aos corpos e porque, talvez, ainda, menos restrito ao ocidente.

Com isso, assumimos uma concepção mais adequada a nossa proposta, que nos resulta particularmente profícua, desde que não tratamos apenas de corpos e pessoas, mas também de coisas, ações, movimentos, técnicas, gestos, fenômenos esportivos. É fundamental salientar que adotar um conceito não implica se comprometer com todos os postulados teóricos desta autora, muitos deles formulados, aliás, para um contexto específico⁶.

Reforço essa concepção mais ampla de gênero citando um excerto de Bourdieu, no qual o autor aponta que, em contextos culturais como os nossos, ao chegarmos a um estágio em que passamos a conceber os corpos como naturalmente sexualizados, perdemos a noção de que apreendemos também as coisas de forma sexualizada:

A constituição da sexualidade enquanto tal (que encontra sua realização no erotismo) nos fez perder o senso da cosmologia sexualizada, que se enraíza numa topologia sexual do corpo socializado, de seus movimentos e seus deslocamentos, imediatamente revestidos de significação social – o movimento para o alto sendo, por exemplo, associado ao masculino, como a ereção, ou a posição superior no ato sexual (BOURDIEU, 2005, p. 15-16).

Em outro trecho, o autor observa que:

A divisão entre os sexos parece estar na “ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao

⁶ A propósito, esse princípio vale também para outros autores mencionados no decorrer do texto.

mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação (BOURDIEU, 2005, p. 17).

Não obstante Bourdieu estar se referindo, para ser mais exato, à sociedade cabila, enxergar as coisas de modo “sexualizado” não é uma prerrogativa exclusiva de tal sociedade. De acordo com o autor, nossos “sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação” também contêm um dispositivo semelhante que molda nossa maneira de apreender o mundo, como podemos verificar nesse fragmento:

A descrição etnológica de um mundo social, ao mesmo tempo suficientemente distanciado para se prestar mais facilmente à objetivação e inteiramente construído em torno da dominação masculina, atua como uma espécie de “detector” de traços infinitesimais e de fragmentos esparsos da visão androcêntrica do mundo e, por isso, como instrumento de uma arqueologia histórica do inconsciente que, originariamente construída, sem dúvida alguma, em um estágio muito antigo e muito arcaico de nossas sociedades, permanece em cada um de nós, homem ou mulher (BOURDIEU, 2005, p. 69).

Scott, embora esteja mais preocupada com as relações entre os gêneros ou, mais especificamente, em revelar a existência de relações de poder entre eles, também aponta algo nesse sentido:

Os arranjos de mobiliário, o modo como são mobilizadas as qualidades ergométricas de determinados objetos da casa, a ornamentação dos objetos pessoais e domésticos, as regras de decoração, as especializações dos cômodos, a rotina doméstica e os trabalhos que ela envolve, [todos eles são capazes de] produzir e reproduzir diferenças de natureza sexuada (SCOTT *apud* TORRÃO FILHO, 2005:135).

Com essas citações bastante heterogêneas, se levarmos em conta que elas provêm de autores cujas matrizes teóricas são diferentes, e que salientam o fato de enxergarmos o mundo social de maneira generificada, pretendo assinalar que meu intuito não é desenvolver uma discussão sobre identidades ou mesmo modelos identitários de gênero que fazem parte do universo simbólico do voleibol (algo semelhante ao que fez Archetti (2003), por exemplo, em seu estudo sobre masculinidades no futebol).

Meu intuito é demonstrar que a concepção e classificação do voleibol como “esporte feminino”, “esporte de mulher”, “esporte de mulherzinha”, ou de outras maneiras que se aproximam das referendadas é bastante difundida não apenas entre não-torcedores e não-praticantes, mas também entre torcedores e praticantes, revelando os fundamentos que sustentam essas classificações, as reações dos jogadores e jogadoras, que acabam por dar vigor às ditas classificações.

Advirto que a relação entre identidades de gênero, a questão da sexualidade e o voleibol perpassará o texto, justamente porque as entendo como parte importante na construção de concepções. Porém, ressalto desde já que meu propósito não é adensar os debates sobre sexualidade ou papéis sexuais, mas abordar tão-somente a relação entre identidades de gênero, sexualidade e o modo como comumente se classifica o voleibol.

Até o momento, tenho usado os termos gênero e sexualidade sem prévios esclarecimentos. Por isso, há que se fazer uma breve observação acerca das relações entre eles:

Na produção sobre sexualidade, gênero pode ser considerado na perspectiva dos papéis sexuais e/ou da distinção sexo/gênero ou, em algumas das abordagens recentes, da crítica a tal distinção. Ao mesmo tempo, essa categoria pode ser pensada, privilegiando as dimensões representacionais ou o plano das identidades, isto é, a maneira como se constitui o sentimento individual ou coletivo de identidade (Grossi, s/d). Por outra parte, e talvez seja esse um dos pontos mais significativos, não há convergências em termos de se tratar sexualidade e gênero como analiticamente distintos – e, portanto, não há consenso sobre as possíveis relações entre ambos (Vance, 1995) (PISCITELLI, GREGORI; CARRARA, 2004, p. 15).

Considerando o que os autores asseveraram, bem como meus objetivos, mantereí a distinção entre as noções de sexo e gênero, muitas vezes embaralhadas nas discussões sobre sexualidade. Neste excerto, Piscitelli pondera os termos “sexo” e “gênero”, apontando que:

(...) nas análises de sexualidades heterossexuais, gênero aparece frequentemente aprisionado numa distinção binária na qual a sexualidade é atravessada por uma linha divisória entre homens e mulheres que parece estabelecer uma continuidade entre “sexo” e gênero (PISCITELLI, 2003, p. 217).

A autora assinala, pois, uma redução do campo semântico da noção de gênero promovida pelas análises de sexualidades heterossexuais, que tendem a empregar “sexo” e “gênero” quase como sinônimos. É bom que se diga que a provável intenção de Piscitelli é lembrar que o gênero feminino pode ser exercido tanto por pessoas do sexo feminino quanto do sexo masculino, assim como o gênero masculino, e também que as identidades de gênero podem não ser “unitárias e coerentes”, nas palavras da própria autora. Contudo, meu propósito é, mais uma vez, ressaltar que o campo semântico da noção de gênero é ainda mais vasto, englobando também as coisas, eventos, ações etc.

Manterei a distinção justamente pela maior amplitude de significação que a noção de gênero pode assumir, como pudemos verificar nas definições de Strathern (2006), Bourdieu (2005) e também de Scott. Apenas através de definições amplas como essas, seremos capazes de entender e abordar o voleibol como esporte generificado.

Quanto à organização textual, iniciarei apresentando algumas experiências anteriores ao período em que principiei a pesquisa, as quais estão repletas de acontecimentos que moldaram minhas reflexões, levando-me a crer, inicialmente, que as pessoas julgavam o voleibol de uma forma diferente da que julgavam o futebol, encarando-o, mais precisamente, como um “esporte de menina”, “esporte de mulherzinha”, “de viado”⁷. Apresento-me, por conseguinte, como um nativo, integralmente.

Nesta primeira seção, busquei relatar algumas situações em que pouco é dito e explicado, mas que as ações nos comunicam inequivocamente através do domínio do sensível, como, repito, o fato de a professora de educação física entregar a bola de futebol aos meninos e a de vôlei às meninas. Procurei trazer à baila as coisas que se inserem num campo que muitas vezes está aquém do discurso, que são esporadicamente verbalizadas, mas que nem por isso deixam de ser uma realidade que nos interessa e que faz a diferença. São concepções implícitas que, aparentemente, emanam de fora das quadras de voleibol e que são fortes o bastante para adentrá-las e causar reações nos praticantes, sobretudo naqueles que se sentem ofendidos.

⁷ “Viado” – que é, possivelmente uma corruptela de “veado” –, na linguagem nativa, é uma designação pejorativa, ofensiva para gays, meninos/homens que se relacionam sexualmente com pessoas do mesmo sexo.

Sublinho, ainda, a existência de “gays⁸ assumidos”⁹ nas equipes de voleibol pelas quais passei e de que modo ela se envolve com a forma como as pessoas (eu, inclusive), sejam elas praticantes ou não, enxergam o vôlei. É essencial enfatizar que não estou falando aqui de qualquer gay: isso tudo está performatizado e experimentado no contexto do voleibol, que parece, como indico ao longo do texto, oferecer uma oportunidade que talvez nenhum outro esporte no Brasil ofereça para a manifestação de determinados usos do corpo e de uma determinada linguagem tidos como feminilizados.

Devo ressaltar, porém, que meu objetivo não é advogar uma suposta apropriação deste esporte por uma fração social, no caso os gays, a despeito de, em função de minha vivência no esporte, acreditar que o vôlei seja mais permissível com relação à manifestação de usos feminilizados do corpo e da identidade “gay” e que tal fato estivesse envolvido, de alguma forma, com a apreensão e classificação do voleibol por parte das pessoas que praticam e que

⁸ Minha predileção pelo termo gay, em vez de homossexual, se deve pelo uso a que se prestou este último termo. Segundo Adelman, nas primeiras fases da formação da sociedade moderna, (...) *o comportamento sexual [de muitos outros grupos sociais que não a elite] não constituía um marcador ou “determinante” da personalidade (ou “identidade”) individual (D’EMILIO, 1983). Isso mudou somente no final do século XIX, momento a partir do qual algumas pessoas passam a serem identificadas como “homossexuais”, principalmente por conta de um novo discurso médico-científico preocupado com o estudo e classificação das patologias (ADELMAN, 2000, p. 165). O termo homossexual, por conseguinte, foi apropriado pelo discurso médico do século XIX para classificar patologias, assumindo uma conotação mais negativa. Inversamente, o termo “gay” parece ter uma conotação positiva, conforme crê Foucault, citado por Torrão Filho: John Boswell introduziu na história da homossexualidade o termo gay, que o autor observa como designativo de relações entre homens desde o século XIII, com origem no provençal antigo. Michel Foucault acredita que este conceito introduzido por Boswell, em lugar de homossexual, proporciona um útil instrumento de investigação, além de contribuir para “uma valoração positiva (...) de um tipo de consciência na qual a afetividade, o amor, o desejo e a relação sexual interpessoais ganham uma decidida importância” (TORRÃO FILHO, 2005, p. 152).*

⁹ Estou ciente de que utilizo uma expressão bastante empregada no cotidiano e que, por isso mesmo, está carregada de pré-noções. É também empregada e criticada por trabalhos de cunho científico, como o de Eve K. Sedgwick. Em “A epistemologia do Armário” (2007), conquanto a autora afirme que a epistemologia do armário, a qual contribui para a sustentação do binômio *revelação (assumir-se)/segredo, não é um tema datado nem um regime superado de conhecimento* (p. 21), observa que *há riscos em enfatizar a continuidade e centralidade do armário numa narrativa histórica que não tenha como fulcro uma visão de salvação – situada no passado ou no presente – de sua ruptura apocalíptica* (p. 22-23). Afirma ainda que *a epistemologia do armário tem sido produtora incansável da cultura e história do ocidente como um todo* (p. 23) e que isso poderia ser razão suficiente para tomá-la como tema de questionamento. Contudo, admite não ter conhecimento de procedimentos alternativos consistentes. Em que pese isso, no presente texto, não descartarei o uso de “gay assumido”, que deve ser entendido como aquele que explicita sua orientação sexual voltada para indivíduos do mesmo sexo, podendo ou não apresentar trejeitos efeminados. A intenção, com o uso dessa expressão, não é informar se alguém “é” ou “não é” gay, mas simplesmente transmitir, por meio de um conceito, um entendimento que os jogadores tinham de si mesmos e que os companheiros de equipe e eu (como nativo) elaborávamos sobre os indivíduos que falavam e se comportavam de uma determinada forma, julgada como efeminada e reveladora de uma orientação sexual endereçada ao mesmo sexo. É importante também observar que a revelação desse entendimento de si como gay para os companheiros de equipe não nos fornece bases para saber se isso se dá também em outros contextos, como, por exemplo, em casa ou no trabalho. Mesmo assim, incita-nos a especular sobre a possibilidade da prática e do espaço de sociabilidade oferecido pelo voleibol oferecerem um ambiente propício para a “revelação”.

não praticam voleibol, como “esporte de mulherzinha”/“de gay”/“de viado” e, indo ainda mais longe, com a própria classificação do vôlei como “esporte feminino”.

É por isso que, no desenrolar do texto, discuto sobre a possibilidade da presença de gays contribuir, de alguma forma, para a sustentação das concepções do voleibol como “esporte de viado”, “de mulherzinha” que, pelo modo como são enunciadas, se pretendem pejorativas e preconceituosas e que acabam sendo, de fato, recebidas dessa forma pelos próprios praticantes de vôlei (inclusive eu próprio). O leitor não deverá encarar essa afirmação como preconceituosa, porque não se trata de condenar nenhum segmento social, mas antes de constatar uma grande presença de um determinado grupo¹⁰. Pelo contrário, o leitor deve estar ciente de que repugno qualquer forma de discriminação.

Também discuto a grande participação das meninas/mulheres no voleibol, atentando para o fato de que parece causar pouca estranheza, no caso específico desta modalidade, que homens e mulheres, de vez em quando, se agrupem para jogar, mesmo que *esporadicamente* se reúnam para disputar jogos oficiais. Digo *esporadicamente* porque houve (e ainda há) torneios, inclusive televisionados, de voleibol de praia, que agrupavam homens e mulheres dentro da mesma quadra. Torneios aos quais é atribuída pouca relevância, talvez, pela mídia e pelos seus organizadores, uma vez que são raros, há participação de pouquíssimas equipes e a premiação é meramente simbólica, mas bastante emblemáticos do que buscamos demonstrar aqui, que é a pluralidade do vôlei quando o analisamos numa perspectiva de gênero (mesmo que isso não signifique propriamente uma convivência harmônica entre os gêneros dentro da quadra, como veremos).

Na segunda seção, descrevo minhas experiências após o começo propriamente dito da pesquisa, minhas reflexões e interações com companheiros das equipes da Universidade Federal de São Carlos (ou, simplesmente, “Federal”) e da Associação de Voleibol São Carlos (AVS), com as meninas da equipe da “Federal”, e minhas visitas aos treinos das meninas da AVS. Tais experiências tornam evidentes a existência da concepção do vôlei como “esporte feminino” e “esporte de viado”, por meio dos acontecimentos que descrevo e das reações dos jogadores, como quando meus companheiros de equipe da Federal colocam as intrigas como algo feminino e que deve ser evitado, de modo a reafirmar a masculinidade da equipe.

¹⁰ Reconheço que, nesta seção, há um largo rastro de um (lamentável e execrável) preconceito que eu mesmo possuía com relação aos gays quando era adolescente. Mas o relato, apesar de repugnante, serve para mostrar a atmosfera que envolvia a prática do vôlei. Devo enfatizar que sou contra qualquer forma de discriminação.

Ao menos a primeira e segunda seções têm como modelo a autoetnografia de Wacquant (2002), embora haja contrastes evidentes entre ambos os empreendimentos. A primeira comparação possível concerne às relações do pesquisador com o objeto de estudo. Wacquant começou a praticar boxe por conta de sua pesquisa num gueto de Chicago, tendo o boxe sido uma forma pela qual ele pôde estabelecer relações com os habitantes do local. Vislumbrando o boxe como um interessante objeto de estudo, além de um esporte agradável para ser praticado, o autor desenvolveu uma pesquisa centrada no assunto. No meu caso, comecei a pesquisar o voleibol, após ter tido a experiência de ser jogador amador. Portanto, meu foco, desde o início, era o voleibol. A pesquisa foi motivada pela minha longa inserção na prática do esporte.

Como corolário disso, Wacquant construiu uma “biografia esportiva” junto com seu ingresso no campo de pesquisa. Já no meu caso, levei minha “biografia esportiva” para dentro do campo, almejando agregá-la a ele e potencializá-la.

Na terceira seção, discuto a questão das técnicas corporais do voleibol, confrontando experiências próprias com as de meus companheiros de equipe e outros praticantes de vôlei com os quais tive oportunidade de compartilhar minhas dúvidas, opiniões veiculadas no *Orkut*, plataforma de relacionamento virtual, e nos manuais de voleibol, com o fito de demonstrar que uma certa concepção acerca das técnicas corporais em geral e do vôlei em particular contribui para a sustentação da concepção do vôlei como esporte feminino e possuidor de um potencial feminilizante. O *Orkut*, conquanto tenha alguns inconvenientes que serão mencionados, me pareceu uma ferramenta de pesquisa formidável. Além de ser inegavelmente uma fonte rápida e de manuseio relativamente simples para coletar concepções expressas por pessoas de diferentes partes do Brasil, no tempo presente, mas também num passado recente, convém por permitir captá-las sem a necessidade de elaborar perguntas por vezes mal formuladas e obter respostas insatisfatórias.

Na última parte do texto, novamente a partir do *Orkut*, procuro delimitar cada uma das concepções e classificações que apresento ao longo do texto – “esporte feminino”, “esporte de mulher” e “esporte de mulherzinha”, “esporte de viado” – e estabeleço uma discussão mais teórica, dialogando com (os poucos) autores das ciências sociais que aventaram pontos importantes para meus propósitos. Apresento, por fim, a tese central do trabalho.

CAPÍTULO 1. EM CAMPO ANTES DE IR A CAMPO: DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA AO SESC

Embora o que apresento aqui tenha sido elaborado especificamente para compor minha dissertação de mestrado, a mola propulsora dessa etnografia autobiográfica foi uma inquietação gestada, com efeito, muito antes do meu ingresso no programa de pós-graduação da Universidade Federal de São Carlos, como já explicitado. Achei interessante expor algumas experiências pelas quais passei antes de principiar meus estudos sobre o voleibol, uma vez que estão repletas de indícios que fornecerão as bases para a discussão que pretendo estabelecer. Tais experiências indicam, sobretudo, que existem certas concepções de que o voleibol se trata de um “esporte para mulheres/meninas”, um “esporte de mulherzinha” e um “esporte feminino”. Centrar-me-ei, sobretudo, nos fatos que são relevantes para demonstrar a existência e prevalência dessas concepções, expondo minhas experiências de forma mais ou menos linear, a fim de demonstrar a continuidade das referidas concepções ao longo do tempo.

Aos oito anos de idade, quando, em função de ter contraído caxumba e, em seguida, meningite, passei alguns dias em repouso, assistindo à televisão como passatempo, tive oportunidade de acompanhar pela televisão a campanha da seleção masculina brasileira de vôlei nas Olimpíadas de Barcelona, em 1992. Naquela ocasião, a seleção brasileira chegou à conquista da medalha de ouro, fazendo com que me sentisse enlevado pela plasticidade do jogo e começasse a nutrir interesse pela prática da modalidade. Porém, esse interesse no voleibol não era exclusivo: simpatizava também muito pelo basquetebol. Este era, aliás, meu esporte favorito, antes de o voleibol vir a rivalizar na briga pela minha preferência.

Foi brincando de basquete que iniciei na prática esportiva. Arriscava meus arremessos nas aulas de educação física da E.E.P.G. Professor Arlindo Bittencourt. Estudei por oito anos (durante todo o ensino fundamental) nessa mesma instituição pública de ensino, localizada na cidade de São Carlos, cidade de médio porte (com aproximadamente 220.000) do interior do estado de São Paulo, num bairro próximo à região central.

Da primeira à quarta série do que hoje designamos por ensino fundamental, minha professora de educação física propunha algumas atividades lúdicas de que todos os alunos e alunas participavam juntos, como pular amarelinha, pular corda, corrida, pega-pega, duro ou mole etc. Algumas vezes entregava a bola de futebol aos meninos e a bola de vôlei às

meninas. Eu, como não gostava de jogar futebol, ou não fazia nada, ou solicitava uma bola de basquete à professora. Para um menino da minha idade era bastante difícil admitir que não gostava de jogar futebol. Não jogar futebol resultou, inclusive, praticamente em minha exclusão do grupo dos meninos.

Se aos meninos, quando não havia alguma atividade da qual a professora exigia que todos participassem, era entregue uma bola de futebol, às meninas era oferecido um repertório maior de atividades. Não é surpreendente, por conseguinte, que, quase sempre que jogava basquete, o fazia na companhia das meninas. A não interação com os outros meninos nas aulas de educação física desencadeava uma série de comentários feitos diretamente a mim, insinuando ou declarando diretamente que eu era “bichinha”. Não digo que duvidavam de minha sexualidade, porque, nessa idade, pelo menos eu, tinha pouca noção do que isso podia significar. Mesmo assim, como se pode imaginar, tais comentários produziam efeitos sobre mim, posto que, tal como meus pequenos colegas, se não fazia uma ideia completa do que estava por trás de ser chamado de “bichinha”, sabia que aqueles eram comentários que visavam me provocar e que tinha a ver com o modo, não usual, como eu usufruía de meu corpo.

Apesar de ter simpatizado pelo voleibol desde as Olimpíadas de 1992, só comecei a praticá-lo aos doze anos, quando cheguei à quinta série. E foi por causa de experiências familiares que meu interesse pelo esporte começou a se elevar a ponto de ultrapassar o interesse que tinha pelo basquete.

Quando ia à chácara de um tio, onde, aliás, toda minha família costumeiramente se reunia, tinha a oportunidade de, além de aproveitar a piscina, brincar de futebol, basquete e vôlei, numa quadra de grama e com gols e uma rede, bastante precários, mas suficientes para a prática recreativa. Os homens e os meninos sempre jogavam futebol, inclusive um primo, um ano mais novo do que eu e muitos anos mais novo do que meus tios. Eu ficava apenas observando ou, então, procurava alguma outra atividade mais interessante.

Às vezes, a família acordava em se reunir para jogar vôlei. Nessas ocasiões, as mulheres, tanto as adultas quanto as adolescentes, estavam sempre representadas. Compunham-se dois grupos, em que se imiscuíam homens e mulheres, em busca de um pretendido “equilíbrio”. Minhas primas e eu dispúnhamos de muita vontade para participar da brincadeira, porém não nos deixavam participar, provavelmente em função do fato de que o voleibol, para ser considerado um esporte interessante, tenha que ser praticado de forma que se consiga manter a bola no ar por algum tempo. Para que pudesse praticar vôlei juntamente

com meus familiares, treinava nas paredes de casa com uma pesada bola de futebol de salão. Assim, fui desenvolvendo um interesse por este esporte, que, a partir daí, só progrediu.

Comecei, então, a praticá-lo nas aulas de educação física da escola. No início, alternava a prática do basquete com a do vôlei, uma vez que meu interesse por este esporte ainda não havia ultrapassado meu interesse pelo primeiro. O preconceito com relação ao fato de que eu nunca praticava futebol nas aulas de educação física persistia. E parecia ainda um pouco pior em virtude do fato de que o esporte que a professora costumava sugerir às meninas era o voleibol. E as meninas, na maior parte das vezes, aceitavam a sugestão sem reclamações. Aliás, essa situação – refiro-me ao fato de os professores entregarem a bola de futebol aos meninos e a bola de voleibol às meninas – parece ser bastante difundida, como atestaram algumas pessoas com as quais conversei¹¹ e a leitura do resumo de um trabalho de Fernanda dos Santos Kenski¹². Aquilo era estranho para mim e suficiente para que eu pudesse sentir a existência de concepções diferentes e claramente contrastantes atuando nos casos do vôlei e do futebol. As situações vividas levavam a perceber que o vôlei era concebido como

¹¹ Foi, inclusive, uma colega de mestrado, Camila Mainardi, que me chamou a atenção para isso, quando relatou sua experiência nas aulas de educação física de uma escola de Araraquara, município vizinho à cidade de São Carlos e que também pertence ao estado de São Paulo. A ela, devo meus agradecimentos. Depois disso, passei a conversar com alguns companheiros de equipe a esse respeito, que me apresentaram relatos similares.

¹² Li apenas o resumo do trabalho em um sítio da internet. Trata-se de um trabalho da área de educação física, cuja autoria é de Fernanda dos Santos Kenski, pela Universidade Federal do Paraná. Infelizmente não pude lê-lo inteiramente, já que não encontrei o texto completo. Mas o título era bastante sugestivo: “Meninos/ futebol versus meninas/voleibol: um estudo de caso sobre as relações de gênero nas práticas corporais de uma certa escola”. Pelo conteúdo do longo resumo, podemos perceber que a autora trata de uma situação semelhante à minha. Eis um excerto: “Observamos que a qualquer brecha, nos horários de intervalo, mesmo sem chuteiras, traves, ou uma bola específica, os meninos jogavam futebol. Já as meninas, no horário de recreio, geralmente ficavam sentadas conversando ou andando pelo pátio de braços enganchados com as amigas. Durante as aulas de Educação Física, ambos, meninos e meninas, relutavam em aceitar e participar das atividades propostas, o pedido era para que jogássemos a bola, deixássemos-los jogarem futebol. Contudo, o pedido partia dos meninos, os mesmos que não permitiam a entrada das meninas no jogo, na verdade nem mesmo elas mostravam interesse em participar da brincadeira. Desta forma, as meninas em contraponto dos meninos solicitavam uma bola de voleibol. Estas situações foram visualizadas durante o período de observação, quando muitas aulas caracterizavam-se como “livres” e sucederam-se durante as intervenções numa espécie de negociação pedagógica, para conseguirmos realizar as aulas (...) Sabemos que em muitos momentos a história da Educação Física e dos esportes (principalmente com o surgimento dos esportes modernos na década de 30) cruzam-se, o que também reporta-nos as representações do corpo feminino em determinados esportes e dos homens em outros, justamente pelas características a eles atribuídas e comentadas anteriormente. Desta forma, aos homens era permitido jogar futebol, basquete e judô, esportes que exigiam maior vigor físico, confrontos corpo a corpo e propensos a violência, enquanto às mulheres e aconselhada a prática de movimentos suaves e de distanciamento corporal garantidos em atividades como a ginástica e voleibol”. Disponível em: <http://www.pdf-search-engine.com/meninas-volei-pdf.html>. Acesso em: 20/03/2009.

um esporte mais próprio para as meninas do que o futebol ou um “esporte feminino”, enquanto o futebol, por sua vez, um “esporte masculino”.

O primeiro campeonato de vôlei que disputei foi o torneio interclasses da minha escola, participando, logo em seguida, de uma seletiva para os “Jogos da Primavera”, os quais envolviam diversas escolas públicas e particulares da cidade de São Carlos. Não obtive resultados expressivos em nenhum dos dois, contudo, mesmo assim, me entusiasmei e parti à procura de um lugar para que pudesse treinar.

Foi então que, por meio de algumas amigas que estudavam comigo – e não poderia ser de outra forma, já que havia apenas um colega que praticava, às vezes, vôlei comigo – e que praticavam vôlei na escola, participando dos torneios promovidos pelos professores de educação física, vim a saber que o SESC (Serviço Social do Comércio) de São Carlos disponibilizava cursos gratuitos para iniciantes nas modalidades de voleibol e basquetebol. Por ser um clube projetado com vistas à ocupação do tempo livre e fruição de momentos de lazer pelos comerciários, o SESC, instalado próximo à região central da cidade, era, e ainda é, frequentado, geralmente, por indivíduos oriundos das classes populares e da classe média. Oferece, usualmente, vários cursos de baixo custo, ou mesmo gratuitos, não só de iniciação em práticas esportivas, mas também nas áreas de pintura, música, artes cênicas etc. É também um espaço de lazer, bastante frequentado aos finais de semana. Naquela época, quando eu tinha doze anos, os cursos de voleibol e de basquetebol eram gratuitos.

Profundamente interessado nisso, consultei meus pais sobre a possibilidade de frequentar o curso. Com a obtenção da anuência deles, que, a bem dizer, me incentivaram, principiei, aos doze anos, na prática do voleibol. Por vezes, como ainda não tinha interesse exclusivo pelo vôlei, também frequentava o curso de basquete.

Os cursos de iniciação esportiva de voleibol e de basquetebol no SESC tinham como público alvo aqueles que não tinham experiência na prática esportiva e que eram adolescentes mais ou menos na faixa compreendida entre os 12 e 15 anos de idade. Tanto meninos quanto meninas podiam frequentá-los. Os “treinos”, como costumávamos designar as aulas de iniciação, tinham o propósito exclusivo de ensinar os principais fundamentos das modalidades, sem o intuito de formar atletas para competição. As aulas de voleibol e de basquetebol eram ministradas em dias alternados e no período da tarde, sendo dois dias reservados para cada modalidade. No treino de voleibol, as meninas sobrepujavam numericamente os meninos, os quais, no primeiro ano em que treinei, não somavam mais do que quatro, enquanto as meninas eram mais do que dez. No de basquetebol, ocorria o inverso.

Mesmo sabendo que não poderia me tornar um jogador treinando ali, dedicava-me exaustivamente ao aprendizado das técnicas do vôlei, que me pareciam muito diferentes umas das outras e cuja dificuldade de execução era extrema.

Não demorou muito tempo, fui deixando de comparecer às aulas de basquete, reservando todo meu empenho exclusivamente ao voleibol.

Durante os treinos de vôlei, às vezes o professor propunha pequenos torneios de dupla ou trio. Nestes eram exigidos certo equilíbrio, quer dizer, uma distribuição igualitária de meninos e meninas pelas equipes. Nos trios, especialmente, os meninos ficavam raramente de levantadores. Com o apoio das próprias meninas, desempenhavam quase sempre a posição de atacante. Desde cedo percebi a presença dessa assimetria. Sempre que meninas e meninos jogam juntos, estes tendem a ocupar as posições de ataque, privilegiando, assim, a cortada em relação aos demais fundamentos, enquanto aquelas desempenham as funções de levantar e defender, sobretudo.

Além da dificuldade no aprendizado das técnicas, ainda havia um outro obstáculo a enfrentar: nos treinos de vôlei, diversas vezes ouvi as próprias meninas que praticavam voleibol proferirem comentários atinentes à sexualidade dos meninos que com elas treinavam. Não raro ouvia amigas minhas insinuarem que um ou outro menino ali devia ser “viado”¹³, nas palavras delas. De fato, a impressão que eu tinha era que parecia haver algum fundamento naqueles comentários.

Houve, inclusive, uma vez em que interpelaram sobre minha sexualidade e eu sabia que muitos ali deveriam tecer comentários desse tipo. Nos treinos de basquete, em que meninos e meninas também dividiam a quadra, mas o número de meninos era maior do que o de meninas, esses comentários e a sondagem em busca de quem poderia ou não ser “viado”, não eram comuns.

Ao mesmo tempo em que treinava no SESC, nas aulas de educação física da escola, passei a jogar vôlei com as meninas e a aproveitar o tempo para me aperfeiçoar. As aulas prosseguiam basicamente da mesma forma: aos meninos era entregue a bola de futebol e às meninas, muitas vezes, a bola de vôlei. Às vezes, brincava sozinho, pois as meninas ficavam dançando ou – o que era ainda um pouco atípico, mas acontecia – jogavam futebol com os meninos.

¹³ Optei pela utilização da categoria “viado”, por ser de uso recorrente na linguagem nativa.

1.1 No SESC: a percepção das “performances gays”

Estudei, no ensino médio, no colégio Objetivo, localizado próximo à região central da cidade. A metodologia da professora de educação física era um pouco diferente da metodologia dos meus professores do ensino fundamental, de escola pública. Pretendia fazer com que praticássemos futebol, basquetebol, voleibol e handebol. Todavia, os meninos, mesmo quando a professora propunha a prática de outros esportes, insistiam que queriam futebol. E, à vezes, a professora acabava cedendo. Como não me comprazia com a prática de outros esportes que não o voleibol, decidi pedir dispensa dessas aulas. Apresentei, então, um atestado que comprovava que eu já praticava uma atividade física fora da escola.

Dispensado das aulas de educação física aos quinze anos de idade, continuei praticando voleibol no SESC mais ou menos nas mesmas condições dos anos precedentes. A única modificação foi que, após um ano do projeto de iniciação, criaram um projeto para o aperfeiçoamento das habilidades de alunos avançados, que tanto poderiam ser aqueles que já tinham treinado por um ano ali mesmo e se destacavam perante os demais, como também alunos novos, que possuísem capacidade suficiente para se enquadrar naquele nível. O número de meninos praticantes começou a aumentar (eram aproximadamente nove) e eu fui estabelecendo novas amizades não só com meninas, mas também com meninos.

À medida que meu corpo se desenvolvia, minha força aumentava concomitantemente na mesma proporção de minha dedicação, conduzindo-me ao aperfeiçoamento da execução das técnicas. Tanto que os professores solicitavam que não empregasse muita força. Os interesses também não eram mais compatíveis: a maior parte das meninas e alguns meninos compareciam aos treinos apenas para praticar uma atividade recreativa. Eu, aos dezesseis anos de idade, pretendia me tornar um jogador de voleibol profissional e não mais me contentava em treinar junto com meninas e meninos desinteressados em ampliar as habilidades no voleibol com o fito de disputar campeonatos. Almejava treinar em alguma equipe em que todos tivessem o objetivo de aperfeiçoar o voleibol e eu pudesse desenvolver ainda mais minhas habilidades, com a possibilidade de, eventualmente, disputar jogos oficiais. Não era o único que pensava dessa forma. Algumas das meninas já haviam buscado outro espaço para praticar voleibol com vistas à competição (como foi o caso de Júlia, Mara e Beatriz, meninas que estudavam comigo na escola EEPG Professor Arlindo Bittencourt).

Por meio de Danilo¹⁴ e também de algumas meninas, tomei conhecimento de que havia uma professora, Fabíola¹⁵, que treinava, ali mesmo no SESC, um grupo de meninos às quartas-feiras e sextas-feiras. Fiquei realmente interessado nisso.

Também treinava, separadamente da modalidade masculina, três grupos de meninas/mulheres às quartas e sextas, após o treino masculino, e às terças e quintas, nas categorias juvenil (até 19 anos), adulta e máster. No SESC, a demanda feminina pela prática amadora de vôlei era maior do que a masculina.

Os treinos ocorriam duas vezes por semana, no período da noite. O único empecilho para que começasse a treinar era que, para frequentar esses treinos, havia a necessidade de pagar uma taxa no valor de vinte reais. A professora não recrutava apenas aqueles que dispunham de habilidade ou altura para jogar. Qualquer um que pudesse pagar poderia treinar. Por conseguinte, eu necessitava apenas de dinheiro. Inicialmente, foi complicado convencer minha mãe a pagar o treino para mim, mas consegui, com muita insistência, que me custeasse.

Antes de começar a treinar com a professora nova, resolvi fazer uma visita para observar seu método de treinamento e também para conhecer meus futuros companheiros. Fui sozinho, todavia acabei encontrando um colega, cujo nome era Paulo, que fazia aulas de aperfeiçoamento no voleibol comigo. Ele também treinava com essa professora, mas, naquele dia, estava apenas assistindo. Sua companhia foi-me particularmente útil, pois ele me apresentou os jogadores e indicou aqueles que acreditava serem os mais habilidosos dentre todos. E não foi só isso: lembro-me de que Paulo apontou para um deles, um sujeito alto e careca, cujo nome era Richard, observando que ele era um grande jogador e que tinha muita força física. Emendou, por fim, sem ser questionado, que era “viado”. Paulo começou, a partir de então, a apontar todos os que, segundo ele, eram “viados” ali.

Decidi treinar juntamente com eles. Estava disposto a enfrentar o que, para mim, aos dezesseis anos, eram percalços. E pensava dessa forma, porque sabia que poderia ser selecionado para jogar e que meus pais, provavelmente, desejariam assistir aos jogos. Meus pais poderiam não gostar de observar certas performances feminilizadas, quer dizer, modos de executar as técnicas do vôlei e um linguajar que fossem identificados como feminilizados.

Após essa visita para conhecimento do campo, decidi que deveria treinar com eles. Dedicava-me ainda mais, já que os meninos que comigo treinavam eram quase todos mais

¹⁴ Danilo era um dos meninos que praticavam voleibol há mais tempo e era o mais velho dentre todos. Ele tinha obtido permissão do professor para treinar conosco.

¹⁵ Por questões éticas, optei por substituir os nomes verdadeiros por fictícios.

velhos e detinham alguma experiência em jogos oficiais amadores. Ademais, muitos deles eram mais altos e tinham mais técnica do que eu, e Fernanda, a treinadora, era bastante exigente. Aos poucos, fui me equiparando tecnicamente a eles e decidi que queria desempenhar a função de “ponteiro”, ou seja, um jogador cujas funções de “atacar” (que, na maior parte das vezes, corresponde ao ato de “cortar”) e “passar” (fazer a “recepção” do saque adversário) estão entre as mais importantes.

Até os 17 anos de idade, não abdiquei das aulas vespertinas de aperfeiçoamento. Logo que saía da escola, almoçava e rumava direto ao SESC, onde passava o dia todo. Era sempre o primeiro a chegar, por isso ficava sozinho batendo bola na parede do ginásio. Em seguida, começava a aula de iniciação e, à vezes, eu acompanhava ou, então, prosseguia treinando sozinho na parede. Finalizados os treinos vespertinos, quase às 18h00min, seguiam-se os (muito mais) rigorosos treinos noturnos, com a professora Fernanda, que iniciavam às 18h00min. Alguns de meus companheiros de equipe e eu treinávamos com a vontade de quem um dia queria tornar-se jogador profissional.

Por vezes, quando o treino terminava, às 20h00min, eu continuava, assim como outros companheiros de equipe, a jogar voleibol na quadra ao lado da que costumávamos treinar, sempre que não havia ninguém para jogar futebol, uma vez que aquela era uma quadra reservada a quem quisesse praticar este esporte. Jogava até que o SESC encerrasse suas atividades, precisamente às 21h30min, com outras pessoas. Eram todos homens, bastante experientes e mais velhos do que eu. Muitos, dentre eles, portavam-se de maneira tida como feminilizada, utilizavam um vocabulário próprio, se chamavam por nomes femininos, dentre os quais Ludmila, Ola, Ederina, Sexarina (ou simplesmente “Sexa”) etc. e atribuíam nomes femininos a vários dos que com eles jogavam.

Por meio do contato com esses praticantes regulares, que, em sua maior parte, não eram profissionais e nem amadores¹⁶, vim a saber que eles se reuniam aos fins de semana para jogar vôlei. Assim, passei a frequentar o SESC também aos sábados e domingos à tarde.

¹⁶ Damo (2002) critica acertadamente “a transposição direta de terminologias, periodizações, expressões, enfim, de um conjunto de categorias êmicas”, que, segundo o autor, “permeia boa parte das produções sobre o esporte/futebol em ciências sociais” (DAMO, 2002, p. 12), como é o caso dos termos amadorismo e profissionalismo, que são “expressões comprometidas ideologicamente, sem o devido reparo crítico” (idem, p. 14). A despeito de tratarmos de outra modalidade esportiva aqui, creio que, seguindo orientações do autor, seja prudente delimitar o conteúdo dessas noções. O termo “amador” será empregado nesse texto para designar aquele que pratica voleibol com a finalidade de competir, porém sem ganhos pecuniários. O termo “profissional” será empregado para designar aquele que pratica o voleibol, disputando ligas, campeonatos, torneios e percebe rendimentos. Finalmente, o termo “semiprofissional” será utilizado para designar o atleta que é pago para jogar, mas não tem como única atividade a prática do esporte, em geral, devido ao fato de que os ganhos pecuniários são insuficientes para que consiga viver apenas com o que recebe por meio da prática do esporte.

Duas coisas caracterizavam, sobretudo, essas disputas: o “pingo”, que será explicado mais a frente, e as provocações, ambos, a mim como a outros praticantes, componentes que contribuíam para intensificar as emoções do jogo.

Os jogos entre duplas e trios dispunham de uma dinâmica totalmente diferente dos sextetos ou mesmo do jogo de duplas do vôlei de praia. Quando comecei a jogar, algumas convenções já estavam estabelecidas, como, por exemplo, a ordem de entrada das equipes que estavam à espera para jogar. Além disso, foram promovidas diversas alterações na configuração do jogo, de forma que esteticamente ele se revelava distinto do voleibol oficial, em virtude da alteração de algumas regras e desprezo de outras, com o intuito deliberado de protelar o momento de definição do ponto, tornando-o mais emocionante.

Uma das regras modificadas, por exemplo, era a de que, para a conquista do ponto, a bola deveria tocar o solo adversário dentro dos limites das linhas da quadra oficial de vôlei apenas uma vez. Talvez esta fosse a que mais alterasse a percepção e a estética do voleibol. A fim de que o jogo não se tornasse enfadonho demais, convencionou-se que a bola deveria tocar o solo duas vezes seguidas, uma vez que, frequentemente, as equipes eram montadas com indivíduos de distintos níveis técnicos e, como o número de integrantes de uma equipe geralmente era de apenas dois, seria bastante fácil obtê-lo. Isso é o que chamávamos (e chamamos) de “pingo”. Bastaria sacar naquele cujo nível técnico fosse inferior. A despeito das modificações, jogávamos voleibol. Não sucedia que a transfiguração da prática acarretasse a sensação, por parte dos praticantes, de que estivessem jogando outra coisa que não o vôlei.

De maneira geral, todos os que entravam em quadra estavam em busca da competitividade, esperando grandes duelos. Aqueles que não se envolviam de tal forma, geralmente desistiam de jogar, um pouco pela visível inquietação e pressão daqueles que exigiam jogos mais competitivos e um pouco pela diferença de nível técnico que havia entre aqueles que não dominavam as habilidades requeridas e os que queriam competir.

A competitividade era intensificada pelas provocações. O alto grau de competitividade e as descomedidas provocações levavam, muitas vezes, a rivalidade a níveis quase inaceitáveis. Surgiam discussões e, por vezes, elas consumiam grande parte do tempo de que dispúnhamos para jogar. Algumas delas resultavam em verdadeiras agressões verbais – e eu mesmo fui protagonista de inúmeras delas –, mas raramente em agressão física, conquanto já

tenha presenciado algumas situações em que isso aconteceu. Esse foi o caso de uma vez em que jogávamos voleibol e havia muitas duplas à espera – o que, por si só, era um fator que acirrava a competitividade dentro de quadra e tornava o ambiente propenso às provocações –, quando Carlos, assumidamente gay, praticante de voleibol de meia-idade, de estatura relativamente elevada, já bastante experiente e habilidoso, mas também, e reconhecidamente tido por muitos como “trapaceiro”, reivindicou um ponto, como habitualmente fazia, ato a que Edson, também gay, meu parceiro nessa ocasião, imediatamente não só se opôs, como rechaçou, lançando uma provocação. No entanto, Carlos pouco discutiu. Passou por debaixo da rede e correu em direção a Edson, numa inesperada reação que o levou a agredir meu companheiro. Foi preciso que Luciano, um dos que aguardavam para jogar, os apartasse.

As afrontas ocorriam em qualquer ocasião, indistintamente: em presença das meninas, que treinavam vôlei na quadra ao lado, com a professora Fabíola, enquanto jogávamos durante a semana e também aos sábados e domingos, quando, na quadra ao lado, havia apenas meninos jogando futebol. Raramente um jogo se passava sem que ocorressem provocações. Sem as afrontas, muitos dos praticantes de futebol já caçoavam do jeito de jogar de alguns praticantes de vôlei, ou mesmo, às vezes, achincalhavam qualquer um. Afinal, eram muitos os praticantes de vôlei que se serviam de “técnicas feminilizadas” para praticar o voleibol. Como apontei na introdução, as técnicas do vôlei serão objeto de discussão no terceiro tópico.

Com as provocações, era muito pior: o escarnecimento era garantido. Interessantemente, quase nenhum dos meninos do futebol que zombavam utilizava palavras identificadas como extremamente ofensivas, do tipo: “bicha” ou “viado”. Muito mais comuns eram os gritos como “ui” ou “ai”, ou uso alguma frase comumente proferida pelos gays que habitualmente frequentavam o SESC, em sua maior parte, de classe média, relativamente jovens (compreendidos dentro da faixa etária que vai dos 17 aos 35 anos), com o intuito de imitar ridicularizando. O intuito parecia-me, portanto, mais troçar do que promover uma confusão. Quando Carlos e Edson se agrediram, houve uma verdadeira celeuma, com os meninos do futebol incentivando a rusga e satirizando o acontecimento por meio dos gritos.

Não é de se admirar que ocorriam tantas altercações, dado que muitas das provocações eram, apesar de intencionalmente risíveis, bastante incisivas. Muitas delas extrapolavam a barreira do aceitável, chegando, sobretudo em momentos mais tensos das disputas, a assumir um caráter mais ofensivo, contribuindo para alimentar um clima temporário de animosidade.

Expressões do tipo “toma, vaca!”, “dá na cara dela!”, “toma, querida!”, “salta, chica!”¹⁷ eram empregadas na maior parte das vezes apenas para apimentar os embates, mas, não raro, acabavam deflagrando sérias discussões.

Como esses jogos de finais de semana eram excelentes oportunidades para eu desenvolver meu potencial no voleibol, eu seguia jogando. Mesmo porque muitos que ali jogavam haviam tido muitas experiências no voleibol amador e possuíam mais habilidade do que a maior parte dos que treinava comigo.

Em virtude desses acontecimentos, acreditava que, quando uma pessoa dizia que vôlei era “esporte de mulherzinha” – isso já ouvi até mesmo de familiares – tinha a ver com o fato de que havia muitos gays que praticavam o esporte. Para mim, a vasta presença deles contribuía fundamentalmente para que as pessoas concebessem e classificassem o esporte como “de viado”, de “mulherzinha”, expressões semanticamente próximas, como veremos no quarto tópico, no qual delimito o significado dessas expressões.

Não cria que o esporte em si pudesse conter algo que o tornasse mais adequado para as mulheres praticarem do que o futebol, o basquetebol, ou qualquer outra modalidade. Como mostrarei na continuidade do texto, após meu ingresso no mestrado, essa idéia de que praticantes gays e mulheres eram o ponto de partida para a elaboração de concepções do vôlei como “esporte de mulher”, “de viado” começou a ser problematizada.

1.1.1 A equipe GVSC

No início, quando comecei a treinar com a professora Fabiana, a qual chamávamos simplesmente pelo nome, não disputamos campeonato algum. Fazíamos apenas alguns amistosos, mas nada oficial. Contudo, em pouco tempo, o número de atletas começou a aumentar. Alguns colegas do treino da tarde, interessados, como eu, em treinar com o fito de competir, passaram a treinar ali também e, por já nos conhecermos, desenvolvemos uma sólida amizade. Algumas das meninas trilharam um caminho semelhante, por meio das quais, mais uma vez, tomei conhecimento da existência da professora Fernanda e de sua equipe masculina.

¹⁷ “Salta, chica!” era uma referência à expressão utilizada pelas integrantes da seleção cubana, especialmente quando enfrentavam seleções cujo nível técnico poderia rivalizar com o delas. A seleção cubana feminina de vôlei, a que me refiro, foi uma das mais vitoriosas da história do voleibol, vencendo a maior parte dos títulos disputados na década de 1990. Um dos maiores expoentes dessa seleção foi a atacante Mireia Luiz. Tratava-se de uma seleção bastante conhecida por provocar as adversárias.

Já dispondo de um número razoável de atletas, Fabiana propôs, então, que participássemos de campeonatos. Era, de fato, o que todos ali pareciam querer. O principal campeonato que disputamos foi a APV¹⁸ (Associação Pró-Voleibol), por três anos consecutivos. A partir daí, iniciaram-se verdadeiramente minhas experiências como atleta amador.

Vivi muitos dissabores enquanto treinava com Fabiana, por dois motivos. Em primeiro lugar, devido ao grande descompasso entre meu desempenho nos treinamentos e minhas performances nos jogos. Consegui evoluir muito em todos os fundamentos, tornando-me um dos mais habilidosos da equipe. Contudo, meu desempenho nos jogos ficava muito aquém do que eu poderia oferecer. Por isso, por vezes não era escalado entre os titulares, o que me deixava ainda mais frustrado e irritado, tanto comigo quanto com Fabiana. Em segundo lugar, porque nossa equipe raramente ganhava. Nos três anos em que participei da APV, ficamos sempre nas últimas posições do campeonato. Quer dizer, muitos dos meus companheiros também não conseguiam pôr, a serviço da equipe, todo seu potencial. Com isso, dentro de quadra, durante os jogos, acabavam por surgir muitas intrigas.

Quando jogávamos, não só eu, como também meus três amigos¹⁹, Danilo, Diogo e Dario, receávamos convidar nossos pais para assistirem aos jogos. Um pouco em virtude de nossas péssimas apresentações. Porém, o fator principal consistia no receio de que nossos pais pudessem não apreciar a presença notável de gays em nossa equipe, flagrada nos gestos e na voz de alguns companheiros, e nos obrigassem a parar de treinar.

Essa presença nos marcava de tal forma que nos divertíamos Danilo, Diogo, Dario e eu, com a subversão do significado das letras que compunham a sigla de nossa equipe, a qual verdadeiramente correspondia a “Grupo de Voleibol de São Carlos”. “Grupo de Viados de São Carlos” ou, ainda, “Gays e Viados de São Carlos” era o que costumávamos dizer, sempre entre nós mesmos e geralmente fora da quadra. Não era, pois, uma brincadeira compartilhada entre todos da equipe, embora Edílson, que era gay assumido (ao menos para os colegas de equipe), também satirizasse o nome da equipe, num tom que demonstrava reprovação. Pode-se imaginar que, apesar de satirizarmos, também a nós não agradava o nome da equipe, escolhido por Fabiana. No fundo, a espirituosa brincadeira referenciava algo que fazia parte

¹⁸ A Associação Pró Voleibol promove campeonatos dos quais participam equipes amadoras e profissionais do interior do estado de São Paulo.

¹⁹ Quando digo “amigos”, refiro-me a pessoas com as quais passei a conviver também fora das quadras. Diogo, Dario e Danilo e eu formamos um grupo que tinha estreitos laços de amizade, tanto que saíamos juntos e as decisões de um de nós influenciavam a dos outros. A exemplo disso cito o caso, no texto, de quando decidimos começar a treinar com a equipe da Associação de Voleibol São Carlos e decidimos parar de treinar com Fabíola.

de nossa experiência concreta e imediata, que era a existência de pessoas que se consideravam gays na equipe.

A despeito dessa preocupação excessiva e de um preconceito velado, não tínhamos problemas de relacionamento dentro da equipe conectados com esse fato. Quer dizer, todos conversavam com todos, embora, é claro, houvesse afinidades e a tendência de formação grupos, como o dos que se identificavam como gays, por exemplo. Nossa preocupação era sempre com o que os outros, sobretudo nossos pais e amigos que não jogavam vôlei, que apenas nos assistiam, poderiam falar. Essa preocupação levou, segundo Diogo, um de meus melhores amigos e companheiro de equipe, Túlio, outro companheiro de equipe que era negro e tinha 17 anos de idade, a desistir de praticar vôlei. O motivo era que os colegas de escola estavam zombando de Túlio pelo fato de haver muitos gays na equipe em que treinava e ele receava que comesçassem a dizer que também ele era gay.

O que verdadeiramente dissolveu os laços que davam coesão à equipe foram as inúmeras derrotas que desencadearam alguns problemas internos. Os conflitos se davam, sobretudo, entre mim e meu grupo de amigos e Fabiana, a técnica, porque acreditávamos que ela não nos dava oportunidade para jogar.

Durante esse período, alguns amigos meus e eu participamos de alguns testes em equipes, que estavam selecionando atletas de nossa faixa etária, entre 16 e 18 anos de idade. Participamos das “peneiras” – que é o modo como costumam denominar os processos de seleção de jogadores – do Objetivo/Sorocaba e da equipe de Lwart/Lençóis Paulista. Não obtive sucesso, devido, em grande parte, à minha baixa estatura. Os outros companheiros também não obtiveram êxito, exceto por Edson, o qual dispunha de uma estatura aceitável²⁰ para um jogador de voleibol (1,88 m) e uma enorme capacidade técnica, reconhecida por todos, inclusive pela técnica da equipe, que conseguiu passar no teste para jogar no time de Lençóis Paulista, em que permaneceu por três anos, até que voltou para São Carlos para se integrar à equipe da AVS. Buscávamos uma oportunidade para ingressar numa equipe profissional, na qual fôssemos pagos para jogar, ao invés de pagarmos para jogar.

Ademais, a relação entre alguns de nós atletas e a técnica já estava um pouco desgastada e, pelo menos eu, não queria mais permanecer ali. Por causa das inúmeras

²⁰ No voleibol, a alta estatura é um fator fundamental e que pesa na escolha dos atletas realizada pelos técnicos e treinadores, sobretudo por duas razões: porque facilita as ações de ataque, já que quanto mais alto o jogador, mais fácil é escapar do bloqueio adversário, e porque facilita o bloqueio, uma vez que, quanto mais alto o bloqueio, mais fácil é barrar o ataque adversário. A estatura tem se tornado um elemento cada vez mais relevante tanto no voleibol amador quanto no voleibol profissional.

derrotas, Danilo, Dario, Diogo e eu decidimos procurar outra equipe para jogar. Através do campeonato da APV, tomamos conhecimento de que havia outra equipe na cidade além da nossa, a AVS (Associação de Voleibol de São Carlos). Isso automaticamente nos interessou. Decidimos fazer uma visita para conhecer o técnico e saber se poderíamos começar a treinar com a equipe. O técnico, Hugo, permitiu, então, que participássemos de um pequeno teste, que não poderia ser definido propriamente como uma “peneira”, dado que não era algo programado, organizado e visava menos excluir do que observar o potencial de cada um. Após nos avaliar, o técnico permitiu que meus amigos e eu começássemos a frequentar os treinos. Passamos, então, a frequentar os treinos de Fabiana e Hugo.

1.2 Na AVS

A Associação de Voleibol São Carlos (ou simplesmente AVS) é uma equipe apoiada pela prefeitura municipal de São Carlos e dispõe de equipes nas modalidades feminina e masculina de vôlei. É interessante observar que, quando comecei a frequentar os treinos da AVS, a modalidade feminina possuía equipes nas categorias mirim (para atletas até 13 anos de idade), infantil (até 15 anos), infanto-juvenil (até 17 anos) e adulta, e a modalidade masculina possuía apenas uma equipe na categoria adulta²¹. A modalidade feminina possuía, portanto, muito mais atletas, assim como ocorria na equipe GVSC, que possuía 3 equipes femininas em 3 categorias distintas.

Os treinos se passavam (e ainda se passam) num lugar um pouco distante do SESC, em um ginásio localizado num bairro da periferia, chamado Santa Felícia, o que nos obrigava a um considerável deslocamento. Não seria possível que chegássemos a tempo se não fosse de carro, com um companheiro de equipe, que também treinava com Fabiana. Isso porque os treinos do SESC terminavam quase às 20h00min, exato momento em que iniciavam os treinos no ginásio do Santa Felícia.

O local no qual os treinos ocorriam já nos era familiar, dado que todos nós havíamos tido uma breve experiência há algum tempo com outro treinador, que foi fracassada pelo fato de que ele não era um participante assíduo de seus próprios treinos. Em linhas gerais, é um ginásio cujas dimensões são bem mais modestas do que as do SESC, com duas arquibancadas que permitem ter uma visão apenas lateral do jogo. As instalações são muito precárias se

²¹ Esse quadro se alterou em 2005, quando foi criada a categoria juvenil na modalidade masculina. Em 2008, a modalidade feminina deixou de contar com a equipe juvenil, por falta de atletas, que só voltou a existir em 2010.

comparadas às do SESC. Talvez pela própria localização, um espaço interno relativamente reduzido e a divulgação dos jogos relativamente pequena, havia e há sempre poucas pessoas que assistem aos treinos. Apenas em dias de jogo o ginásio é mais frequentado. Mesmo assim, o público que costuma comparecer é composto, na maior parte das vezes, por ex-jogadores de vôlei da cidade, jogadores de categorias mais novas, parentes, amigos e namoradas/os dos competidores e alguns curiosos, que geralmente habitam as cercanias. Aliás, é interessante apontar que, dentre as pessoas que comparecem para assistir aos jogos e treinos, é notável a presença de gays, quase sempre apoiando algum amigo ou conhecido, quer dizer, alguém que se conhece, mas com quem não se tem amizade da equipe da cidade.

Transcorrido certo tempo em que permanecemos treinando simultaneamente com a equipe GVSC e com a equipe AVS, por pressão de Fabiana, que não mais aceitava essa situação, optamos, meus amigos e eu (nunca sabemos direito quem são esses amigos), por treinar apenas na AVS. Pouco tempo depois, a equipe GVSC, em virtude de uma reestruturação nas metas do SESC, se extinguiu e alguns dos seus integrantes deixaram de participar de campeonatos de voleibol amador.

Por meio dos treinamentos com a equipe da AVS, tive oportunidade de conhecer outros praticantes, em sua maioria provindos de outras cidades do estado de São Paulo, mas também de outros estados do Brasil. A existência de jogadores de outras cidades era (e ainda é) decorrente, sobretudo, da existência de duas grandes universidades públicas na cidade – a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e a Universidade de São Paulo (USP) –, que atraem estudantes de diversas partes do país. Até hoje, muitos estudantes que integram as equipes de voleibol de ambas as universidades acabam passando pela equipe da cidade. Digo “equipe da cidade”, porque é assim que costumamos nos referir à AVS. Além disso, ela é amparada pela prefeitura de São Carlos e, atualmente, é a única equipe de voleibol que disputa jogos oficiais carregando o nome da cidade.

Entretanto, quase todos os anos, há também jogadores profissionais e semiprofissionais, ou melhor, que recebem uma determinada soma de dinheiro para disputar alguns campeonatos por São Carlos, principalmente os “Jogos Regionais”²², considerados

²² Os Jogos Regionais são promovidos anualmente pela Secretaria de Juventude, Esporte e Lazer (órgão estadual) em conjunto com os municípios-sede e são disputados em diversas modalidades esportivas pelas representações municipais do estado de São Paulo. Geralmente são realizados no mês de julho em oito regiões esportivas. São Carlos pertence à 3ª região esportiva.

importantes por serem uma via para se ter acesso aos “Jogos Abertos do Interior”²³. Conquistar bons resultados nesses jogos pode, além de promover o nome da cidade e da própria equipe, ajudar na busca por patrocinadores e, quem sabe, ser alçado, através do financiamento deles, ao profissionalismo.

Essa modificação constante no quadro de jogadores da equipe, que ocorre todos os anos ou até mesmo num período inferior a um ano, permitiu que eu ampliasse meu campo de percepção da presença dos gays no vôlei.

E não é só isso. Os jogadores provindos das universidades dividem a prática do voleibol com os estudos. Os jogadores profissionais e semiprofissionais, mais dependentes do voleibol como meio de conseguir dinheiro, mesmo que uma quantia irrisória (caso dos semiprofissionais), têm como atividade central o próprio voleibol. Estes, como são bons jogadores, mas, pelo menos até o momento da pesquisa, não haviam conseguido ingressar numa equipe profissional, e, ao mesmo tempo, não dispõem de um contrato que lhes assegure coisa alguma, acabam levando uma vida um tanto itinerante, permanecendo poucos meses numa equipe, logo partindo para uma outra que lhes ofereça condições melhores. Percebe-se, por conseguinte, que há um contraste entre o perfil dos que chamo de “pagos” e o dos universitários, sendo os primeiros oriundos de classes sociais geralmente mais baixas do que os segundos. Além disso, podemos notar não tanto um envolvimento afetivo diferenciado com o voleibol, visto que, ao que parece, ambos os grupos levam muito a sério o esporte que praticam, mas a expectativa quanto aos lucros que o voleibol pode proporcionar. Os universitários não esperam ganhar nada com o voleibol, mesmo embora alguns, notadamente os mais habilidosos, sejam pagos para jogar, enquanto os profissionais e semiprofissionais têm a expectativa de, pelo menos num curto período de tempo, auferir lucros.

Porém, como mencionei, é interessante perceber que os atletas profissionais e semiprofissionais, dentre os quais geralmente há um número expressivo de “gays assumidos”, são aqueles mais engajados no circuito do voleibol amador e são um dos fatores que, possivelmente, contribuem para configurar um perfil diferenciado desta modalidade perante as demais, dando substância à concepção do vôlei como “esporte de viado”.

Há também, obviamente, os jogadores da própria cidade, que, em geral, não recebem dinheiro para jogar e estudam ou trabalham ou estudam e trabalham, além de jogar vôlei.

²³ Os Jogos Abertos são promovidos anualmente pela Secretaria de Juventude, Esporte e Lazer (órgão estadual) em conjunto com o município-sede e são disputados em diversas modalidades esportivas pelas representações municipais do estado de São Paulo que obtiveram o primeiro e o segundo lugar em cada modalidade esportiva nos Jogos Regionais. Portanto, os Jogos Regionais são a via de acesso aos Jogos Abertos.

Dentre estes, também há um número expressivo de “gays assumidos”, como é o caso de Edson, Dario, Tadeu, Luís, Márcio e Rodrigo. Expressivo porque a equipe, que dispunha sempre de uma quantia inconstante de atletas, não chegava a contar com mais de dezoito atletas por treino.

Apesar de conter jogadores provindos das universidades, não se trata exatamente de um recrutamento elitista, justamente porque muitos dos “atletas da cidade” provêm das classes sociais mais populares. Assim, a noção de que o vôlei é, dentre os esportes coletivos populares, o mais elitizado, o que recruta os jogadores mais intelectualmente preparados e de mais alta classe social, não é de toda verdadeira neste caso. Menciono isso porque, acredita-se que este seja um fator que, supostamente, levaria à associação dele ao feminino, à coisa de “mulherzinha”. Levando esse argumento às últimas consequências, esse campo semântico gestado em torno do vôlei poderia ter aberto fendas para experimentações mais francas de gênero, como a aproximação dos gays, que teriam vislumbrado aí um ambiente propício para ser incorporado ao circuito de sociabilidade, simplesmente porque há nele mais tolerância.

Aos 19 anos, quando consegui passar no vestibular, meu interesse pelo voleibol tinha decrescido bastante, a ponto de não mais almejar ser jogador profissional. Ainda assim, continuava a frequentar os treinos, mesmo porque eles também se constituíam, para mim, em um espaço de sociabilidade.

Foi ainda aos 19 anos, no ano de 2003, que participei pela primeira vez dos Jogos Regionais, ocorridos em Igarazú do Tietê. Não obstante os Jogos tenham sido sediados pela cidade referida, estabelecemo-nos num alojamento em Barra Bonita, cidade bastante próxima. Mais especificamente, estávamos alojados, assim como todos os outros atletas visitantes, em uma escola localizada próxima à escola em que estavam instaladas as jogadoras de voleibol de São Carlos, que se constituía também no refeitório para todos os atletas são-carlenses. Dessa forma, se quiséssemos comer, deveríamos nos dirigir ao alojamento das meninas. Meus amigos e eu conhecíamos algumas meninas da equipe de vôlei de São Carlos com as quais conversávamos toda vez que íamos fazer alguma refeição.

Lembro-me de que Laís, uma negra com mais de 1,90m de altura, numa dessas vezes, nos contou que havia algumas meninas em seu time que, segundo ela, eram “sapatões”²⁴ e que as tinha flagrado, no banheiro, se beijando. Quando eu treinava com Fabiana, havia também

²⁴ “Sapatão” é uma categoria nativa, que possui, na maior parte dos casos em que é enunciada, sentido pejorativo, ofensivo e é utilizada para designar a orientação sexual de indivíduos do sexo feminino para indivíduos do mesmo sexo.

algumas meninas da equipe adulta e várias mulheres da equipe máster que eram “lésbicas assumidas”²⁵. Todavia, a meu ver, não parecia e não parece afetar tanto a concepção que as pessoas possuem do voleibol quanto a existência de um número considerável de gays, o que, talvez, tenha a ver, em parte, com o cotejamento que se faz comumente entre voleibol e futebol, fazendo com que o futebol figure como “esporte masculino” e o vôlei como “esporte feminino”. O inverso ocorre no caso do futebol, esporte considerado masculino. Atribui-se destaque à existência de lésbicas e pouco se fala sobre os gays.

Além disso, minha participação nos “Jogos Regionais” permitiram apreender um outro fato interessante, que conjugado ao anterior, conduziu-me a perceber que a presença de gays e mulheres não poderia ser o único fator que contribuía para amparar concepções do vôlei como “esporte de mulherzinha”, “de viado”, “feminino”. Poderia nem mesmo ser o mais importante. É fato que os Jogos não são apenas uma oportunidade para os atletas disputarem partidas, se promoverem no cenário esportivo e promoverem o nome de suas cidades. Enquanto não jogam, os atletas se divertem com outras atividades, como, por exemplo, assistir aos jogos de outras modalidades, ou, então, de equipes potencialmente rivais, ou jogar baralho, cantar, dançar, sair para tomar bebidas alcoólicas, comemorar vitórias, ou, ainda, e principalmente, para flertar, conquistar uma companhia, mesmo que temporária, e/ou se relacionar sexualmente.

Cito o caso de Célio e Tadeu, companheiros de equipe que na época tinham respectivamente 23 e 18 anos de idade, que confessaram, para alguns companheiros, ter-se relacionado sexualmente com todos os jogadores da equipe de futebol de Ibaté. É interessante mencionar esse fato, porque, se os jogadores de futebol participaram de uma relação homoerótica, o estigma não recaiu sobre eles, ao menos não da forma como recaí sobre os jogadores de vôlei, e nem recaí sobre o esporte que praticam. Obviamente, este não foi um acontecimento isolado. A questão que emerge, portanto, é: por que o estigma recaí sobre os jogadores de vôlei e sobre o próprio vôlei e não sobre os jogadores de futebol e sobre o futebol? Foi apenas após o início da pesquisa que comecei a notar, então, que deveria haver razões outras pelas quais o vôlei era enxergado como “esporte de mulherzinha”, “de viado”, “feminino”, que começo a explicitar melhor no tópico sobre as técnicas corporais.

No ano de 2004, Jogos Regionais de Jaú, minha segunda participação em Jogos Regionais, ocorreu que, malgrado houvesse treinado em São Carlos, com a equipe da AVS,

²⁵ Utilizo aqui “lésbicas assumidas”, porque acredito que, da mesma forma que o termo gay, o termo lésbica possui uma conotação positiva, ao contrário de “sapatão”, empregado por Laís, que é uma designação ofensiva para uma mulher/menina que se relaciona com indivíduos do mesmo sexo.

joguei representando a cidade de Ribeirão Bonito, que é próxima a São Carlos. Aliás, meus companheiros de equipe que possuíam menos de 21 anos também jogaram por Ribeirão Bonito. Visitamos apenas uma vez esta cidade, somente para a disputa de um jogo amistoso, por meio do qual o responsável pela “contratação” pretendia nos conhecer e nos avaliar como jogadores. “Contratação” está entre aspas, porque, na verdade, não assinamos qualquer contrato e só recebemos comida e transporte durante os jogos.

Na primeira fase da competição, encaramos equipes de baixo nível técnico, as quais não ofereceram qualquer resistência. Nas quartas-de-final, enfrentamos uma equipe de nível técnico mais elevado, que representava a cidade de Promissão. Este jogo foi marcante pelo seguinte motivo: os torcedores presentes no ginásio, cujas dimensões eram até razoáveis, diga-se de passagem, começaram a bradar que alguns integrantes de minha equipe eram “viados”. Citavam os números das camisas de Bernardo e de Paulo, quando estes iam sacar. Isso se devia pelo modo como ambos se portavam. Contudo, é interessante notar que um deles nem mesmo se dizia gay. Apesar de estarem torcendo contra, os torcedores não apupavam todos os que iam para o saque. Aparentemente, eram apenas os dois que tinham movimentos vistos como feminilizados pelos torcedores.

Aliás, no caso de Bernardo, que se dizia gay, parecia estar em jogo todo um conjunto de aspectos: seu modo de andar, seus gestos e atitudes dentro e fora da quadra, e não só na quadra, quero dizer, não só enquanto estava jogando. Já no caso de Paulo, que não se dizia gay, era, provavelmente, seu movimento de saque que provocava as vaias da torcida. Sentia isso, porque nós mesmos, companheiros de equipe, comentávamos, sem que ele tivesse consciência, a respeito de seu movimento de saque, com o braço direito elevado ao lado do corpo, cotovelo ligeiramente acima da linha do ombro, a palma da mão direita voltada para o lado direito, o dedo mínimo um pouco para trás dos outros dedos e o polegar um pouco à frente. Considerávamos um gesto feminilizado, que provocava comentários e especulações sobre sua orientação sexual.

Após minhas participações nos Jogos Regionais, logo no início de 2005, decidi parar de jogar voleibol amador, em virtude de frustrações provenientes de alguns maus desempenhos e intrigas com o técnico, bem como com alguns jogadores, que me fizeram ir para o banco de reservas. Descrente na possibilidade do retorno às quadras, prosseguia, contudo, praticando voleibol aos finais de semana no SESC, sem a intenção de disputar campeonatos. Nem mesmo a pesquisa de graduação sobre a construção do *ethos* dos

jogadores de voleibol, que empreendia naquela época, me impulsionou a voltar a praticar voleibol.

Quase três anos depois, no início de 2008, movido pelo meu ingresso no programa de pós-graduação em antropologia da Universidade Federal de São Carlos, decidi voltar a treinar voleibol, participando dos treinos da equipe da AVS e também da Federal. Treinava cinco vezes por semana, o que me deixava exausto. Três vezes com a equipe da AVS, às segundas, terças e quintas à noite e duas com a da Federal, às terças e quintas das 12h00min às 14h00min.

CAPÍTULO 2. O CAMPO NAS QUADRAS

2.1 Treinando na AVS: a ampliação do campo de percepção da presença de gays e da difusão de usos feminilizados corpo

O início de minha pesquisa de mestrado realmente me estimulou a voltar para as quadras. Queria ver se conseguia captar indícios latentes atinentes à generificação do vôlei, sem que precisasse ficar interrogando excessiva e artificialmente as pessoas. Sendo assim, uma vez que estava interessado em pistas que pudessem remeter a essa dimensão generificada do voleibol, achei prudente submergir novamente no universo tangível da prática do esporte e não apenas agir como mero espectador.

Após ter ficado de 2005 a 2007 sem treinar vôlei, decidi voltar a treinar com a equipe da Associação de Voleibol de São Carlos (AVS) em 2008. Há algum tempo, mais precisamente em 2005, a equipe, com a ajuda do patrocínio da UNICEP (Universidade Central Paulista), tentou se profissionalizar²⁶. Alguns atletas provindos de outras cidades foram convidados a compor a equipe, mediante o pagamento de uma quantia em dinheiro e o oferecimento de bolsas de estudo na UNICEP. A despeito dos bons resultados da equipe nos campeonatos de que participou²⁷, no ano de 2006, a equipe perdeu o patrocínio e, com isso, abandonou o processo de profissionalização.

A equipe retornou ao amadorismo e, a partir daí, começou a depender muito dos atletas da própria cidade e de atletas das universidades interessados em disputar campeonatos amadores por São Carlos, voltando às mesmas condições que estavam estabelecidas antes do profissionalismo, que se estendeu apenas pelo ano de 2005. Assim, voltou a se apoiar no voluntarismo dos jogadores, já que a maior parte não recebia quaisquer incentivos financeiros. Muitos dos atletas, como eu, passavam relativamente longas jornadas dentro dos ônibus até chegar ao ginásio, já que a maior parte era proveniente de diferentes regiões da cidade e também de camadas mais baixas da sociedade.

Logo quando retornei aos treinos, foi feita uma promessa, por parte da comissão técnica, de valorização dos atletas oriundos da própria cidade de São Carlos. Começamos o

²⁶ Esse foi justamente o período em que desenvolvi minha pesquisa de graduação, que tinha como um de seus objetos a equipe da AVS, intitulada *Voleibol no Interior: um estudo de caso sobre o ethos dos jogadores*. Meu texto foi publicado e pode ser consultado em TOLEDO, L. H. & COSTA, C. E. *Visão de Jogo*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

²⁷ A equipe participou da Federação Paulista de Vôlei, APV, Jogos Regionais e Jogos Abertos, tendo sido campeã da APV e dos Jogos Regionais.

ano participando de um campeonato promovido pela cidade de Ibaté, de pouca relevância, para o qual não foram pagos atletas de outras cidades. A equipe técnica acreditava que o nível técnico de nossos atletas era suficiente para fazer um bom campeonato. No entanto, acabamos sendo derrotados na final pela equipe de Motuca, jogo do qual não participei.

Contudo, para a APV e os Jogos Regionais o mesmo não se aplicava, já que muitas das cidades que participavam dessas competições possuíam ou então contratavam atletas de alto nível técnico. Compreensivelmente, a promessa de valorização dos atletas da cidade não foi mantida e, com a anuência da maior parte dos atletas são-carlenses, foram chamados atletas de outras cidades tanto para a disputa do campeonato promovido pela APV quanto para os Jogos Regionais, os dois campeonatos mais importantes que disputamos em 2008.

Para os jogos da APV, foram chamados dois atletas de outra cidade (quer dizer, que não eram são-carlenses e/ou não moravam em São Carlos), Sérgio e Régis, que defendiam também a equipe de Ribeirão Preto, outra cidade do interior de São Paulo e treinavam conosco uma vez por semana.

O breve contato que tive com eles, já que não participei dos Jogos Regionais, fez-me perceber algumas coisas interessantes. Não só me permitiu ampliar o campo de percepção da presença de gays, mas também e principalmente perceber a difusão de gestos e linguajares gays que, até então, estava restrito aos frequentadores do SESC, aos companheiros da equipe GVSC e da AVS.

Sérgio, que era levantador, utilizava expressões gays do tipo: “O passe tá uó!”, querendo dizer que a recepção do saque adversário estava ruim, difícil para que ele pudesse passar a bola aos atacantes. Era frequentemente satirizado por Edson, companheiro de equipe, que, por vezes, vinha até mim e dizia: “Como ela é feminina, Léo!”, “Olha a mãozinha dela” e outras coisas que apontavam para a voz, os dizeres e as técnicas feminilizadas de Sérgio.

Para os Jogos Regionais, os mais importantes dentre todos os campeonatos de que participamos, foram convidados atletas com experiência em times profissionais que, inclusive, haviam disputado a Superliga de Vôlei²⁸, como Roberto, Eduardo e Bernardo. Roberto, especificamente, foi indicado por Edson, que por sua longa experiência no voleibol, acabou adquirindo muitos contatos nas equipes pelas quais passou. Os outros atletas que vieram com Roberto eram seus companheiros de equipe. Os demais atletas de minha equipe e eu tivemos a

²⁸ A Superliga masculina de vôlei é um campeonato brasileiro interclubes promovido pela Confederação Brasileira de Vôlei (CBV). A primeira edição da Superliga ocorreu nos anos de 1994/95.

oportunidade de treinar com eles apenas por duas semanas antes dos jogos. Foram chamados e pagos exclusivamente para este campeonato, do qual se sagraram campeões.

Dentre esses atletas, também notei um linguajar e um gestual feminilizados. Percebi que Bernardo, indivíduo magro, com cerca de 1,90m, que não dispunha de uma técnica apurada, mas era eficiente, por vezes valia-se de gestuais considerados por todos como efeminados e empregava o jargão gay a todo o momento, sobretudo quando solicitado por Dario, que era um companheiro de equipe assumidamente gay, que se comprazia com interpretações de Bernardo. Isso parece demonstrar que, no *ethos* do voleibol, há margem para a utilização de um linguajar que se junta ao do próprio jogo, quer dizer, à linguagem tática, às técnicas e também das regras.

Caso semelhante é o de Roberto, que, a julgar pelo sotaque e pelo apelido que lhe fora dado (Baiano), provinha de um dos estados nordestinos, e se entrosou rapidamente com todos da equipe. Misturava sua força física avassaladora a um jeito feminilizado de usar o corpo, flagrado especialmente no movimento de mãos, que se juntava ao seu jeito de falar, recorrendo abundantemente ao jargão gay. Edson o chamava de “A Baiana”, tanto que vários dos companheiros de equipe também passaram a chamá-lo dessa forma.

E ambos dispunham de usos feminilizados do corpo porque, na verdade, na equipe de São Carlos aquilo não representava nada de novo, exótico, mas era um código compartilhado pelos atletas da equipe, além de ser relativamente tolerado pelo técnico. Na equipe da AVS, havia pelo menos cinco atletas gays que frequentavam regularmente os treinos (Edson, Dênis, Gustavo, Tadeu e Dado) e que eram da própria cidade de São Carlos, num total que variava entre dez e quinze atletas, pois uma parte dos quais frequentava esporadicamente os treinos, outros abandonavam os treinos após um determinado período e outros resolviam começar a treinar após o início da temporada de treinos e jogos.

Imediatamente após os Jogos Regionais, Roberto foi chamado para jogar em Portugal. E os outros dois atletas profissionais foram para outros times brasileiros. Logo em seguida, resolvi desistir de frequentar os treinos, pois estava descontente com minhas performances, com as decisões do técnico e me sentia sobrecarregado, já que participava também dos treinos da Federal. Cinco dias de treinamento na semana eram realmente muito para mim. Assim, decidi treinar apenas na Federal.

Apesar disso, continuei por dentro do que acontecia, uma vez que Edson, que, além de companheiro de equipe da AVS era técnico da Federal, onde eu treinava naquela momento, e

me relatava os eventos principais. Falava, sobretudo, dos jogos, das vitórias, das derrotas, dos jogadores, reclamavam do técnico, coisas que faziam parte da rotina.

Foi assim que fiquei sabendo que, no início de 2009, mais especificamente em janeiro e fevereiro, período de férias para as equipes amadoras, Edson hospedou em sua casa um de seus ex-companheiros da equipe de Lençóis Paulista, Ricardo, o qual passou a frequentar o SESC juntamente com Edson. Pelas conversas que tive com Ricardo, a expectativa dele era de que pudesse ser pago para treinar e jogar pela cidade de São Carlos, ou seja, para a AVS, assim que os treinos voltassem do período de férias, que duraria até fevereiro. Entretanto, sua expectativa não se concretizou. Houve quem dissesse que Ricardo não era contratado em virtude de uma indisposição por parte de membros da comissão técnica em convidar indivíduos que demonstrassem trejeitos efeminados demais: “Eles não querem mais viados na equipe. Uma pena porque eles estão perdendo um ótimo jogador. Veja, ele já foi seleção paranaense!”. Quer dizer, o problema não consistia no fato de o jogador ser gay, mas sim no fato de ele se comportar de forma “exageradamente” feminilizada. É um determinado uso do corpo que se quer evitar. De fato, não parecia haver outro motivo, já que ele dispunha de uma técnica apurada e tinha sido convocado, alguns anos antes, para participar da seleção do Paraná, estado do qual era oriundo. Após essa recusa, Ricardo, felizmente, foi chamado para jogar para a cidade de Taquaritinga.

Notei, a partir disso, que, no plano do amadorismo, os usos feminilizados do corpo, que eram parte da sociabilidade entre os jogadores, não pareciam ser totalmente rejeitados pelos técnicos e companheiros de equipe. Entretanto, quando o profissionalismo começa a se insinuar, há uma disposição mais acentuada entre os técnicos, dirigentes, e também por parte de alguns atletas a problematizar a condição de gay de alguns jogadores. Impõe-se, portanto, um limite de contato e convivência com o feminino, do qual não se pode passar, sob pena de corrosão da imagem (masculina) da equipe.

Um pouco depois disso, no mês de maio de 2009, quando os treinos da AVS já haviam recommençado, Roberto, que acabara de retornar de Portugal, foi novamente convidado a jogar para a equipe de São Carlos, mediante o pagamento de uma determinada soma de dinheiro. E novamente por indicação de Edson, que comunicou ao técnico sobre o regresso de Roberto. Dessa vez permaneceu por cerca de quatro meses, juntamente com Neto, outro atleta que também foi convidado para reforçar a equipe. Assim, tive nova oportunidade de dividir a quadra com o jogador, mas, dessa vez, enquanto treinava na equipe da Federal, já que em função de sua amizade com Edson, frequentava alguns de nossos treinos. Esse contato foi-me

útil, porque me fez elucubrar sobre alguns aspectos com os quais lido na seção sobre as técnicas corporais do vôlei e de seus praticantes.

2.2 Treinando na Federal: a naturalização do vôlei como esporte feminino e as reações dos jogadores à feminilização do esporte

Nesta parte do texto, busco mostrar que os usos feminilizados do corpo e o linguajar gay fazem parte da dinâmica do voleibol, sendo aceitos pelos jogadores em algumas ocasiões, enquanto os praticantes acreditarem que não interferem no modo como as pessoas enxergam o vôlei e eles mesmos e, em outras, não.

Comecei a treinar com a equipe da Federal, em março de 2008, decidido a me empenhar e participar dos campeonatos. Um fator que contribuiu para que eu iniciasse essa experiência foi a contratação de meu amigo Edson, como técnico da equipe no início mesmo de 2008. Já conhecia, portanto, alguém com quem pudesse conversar e por meio do qual eu poderia mais facilmente estabelecer amizades com colegas de equipe, dado sua notória extroversão.

A entrada de Edson como técnico da equipe atendeu diretamente às minhas expectativas. Por meio dele, consegui conquistar a confiança e o respeito dos companheiros, sem que, de início, revelasse meus interesses de pesquisa. Não queria que pensassem que estava lá apenas para interrogá-los e observá-los, especialmente após ter percebido que levavam muito a sério os jogos dos quais participavam e a rivalidade que tinham com a USP (Universidade de São Paulo), que também possui um *campus* na cidade. Embora a cada treino houvesse um contingente variável de atletas, que não excedia a soma de dezesseis atletas, todos faziam o possível para comparecer. Muitas vezes até driblavam compromissos, como estudar para as provas da universidade, sobretudo quando havia jogos importantes. Afinal, tanto no ano de 2008 quanto no de 2009, treinávamos apenas duas vezes por semana, às terças e quintas e tínhamos que aproveitar o tempo se quiséssemos conquistar campeonatos.

O desenvolvimento de relações amistosas com os companheiros de equipe foi certamente fundamental para minha permanência e para que pudesse presenciar situações que me fizeram repensar sobre minhas experiências progressas.

Pelo manuseio da bola, pude notar que muitos de meus companheiros eram habilidosos e, portanto, que eram atletas experientes no voleibol, apesar de que, em sua maioria eram mais novos do que eu, estando na faixa compreendida entre os 18 e 24 anos de

idade. Após certo tempo de convivência com a equipe, notei que alguns companheiros utilizavam, com certa frequência, gírias gays que eu automaticamente pude reconhecer, dado que, desde quando iniciei os treinos com a equipe GVSC, estava acostumado a ouvir.

Renato frequentemente chamava os companheiros de equipe de “bi”, que, na linguagem gay, é uma abreviação de “bicha” (visando, talvez, a chamar menos a atenção das pessoas). Breno, que ingressou na universidade e na equipe no ano de 2009 e logo se revelou um exímio e experiente jogador, apesar de ter apenas vinte anos, valia-se amiúde de palavras e expressões comuns da gíria gay. Em um dos treinos, por exemplo, quando Tiago, o levantador da equipe, atacou uma bola forte e precisa, Breno congratulou-o com um “Arrasou, bi!” e emendou um: “Ela (o levantador) até bateu cabelo!”. Aliás, sempre quando percebia que alguém, após uma bola bem “cortada”, esboçava um olhar altivo e afrontoso, disparava um: “Olhaaaaa, fez até carão!”, ou ainda: “Até bateu o cabelo!”. Situações semelhantes a essas ocorriam em quase todas as terças e quintas-feiras.

Novamente, chamo a atenção para o linguajar específico utilizado pelos gays, que era de conhecimento amplo. Como no caso de Bernardo, mencionado anteriormente, havia alguns jogadores que se valiam do linguajar para se comunicar na equipe, o que era bastante revelador, não do ponto de vista da sexualidade deles, mas porque demonstra que, no *ethos* do voleibol, há margem para a utilização de um linguajar que se imiscui ao do próprio jogo. Assim, reitero que a presença dos gays e de sua linguagem não é algo que está fora. Na verdade, é algo constitutivo da dinâmica do vôlei. A utilização da linguagem dos gays, seu uso na performance, é o bastante para fazer com que os jogadores fiquem mais distantes do torcedor truculento de alguma torcida uniformizada, por exemplo. Essa dinâmica de gêneros parece, pois, ser mais abertamente dialogada no vôlei do que em outras modalidades esportivas.

Como se pode perceber, a mistura entre elementos masculinos e femininos não era evitada a qualquer custo. Essas “brincadeiras”, na verdade, suponho que devam ser entendidas como parte mesmo do cotidiano da prática do voleibol; como algo permitido e corriqueiro. Seriam oportunidades para experimentações de gênero, dentre muitas outras, mesmo que no nível da linguagem, as quais parecem importantes para marcar o vôlei como um espaço de maior multiplicidade de experimentações de gênero, no campo dos esportes mais populares.

Voltando à exposição de fatos, o aparente clima de descontração era parte integrante dos nossos treinos, que tinham o objetivo claro de nos preparar para os dois principais

campeonatos dos quais participávamos: a Liga Paulista²⁹ e o Tusca³⁰. Para participar da Liga Paulista, campeonato semestral, tínhamos que viajar de ônibus (oferecido pela própria universidade) para a capital e cidades circunvizinhas, na maior parte das vezes junto com equipes de outras modalidades esportivas. Durante as viagens, costumava conversar com meus companheiros de equipe e também com as meninas da equipe de vôlei da Federal a respeito de diversos assuntos, mas procurava, às vezes, uma oportunidade para discutir algum assunto de meu interesse de pesquisa. Foi esse o modo que encontrei para me aproximar das meninas, as quais me revelaram fatos dignos de nota.

Durante a viagem de ida para São Caetano do Sul, cidade do interior de São Paulo bastante próxima à capital, para disputar uma partida contra a equipe da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), Ana, a líbero da equipe da Federal, dialogava com Edson e lhe revelou que, quando criança, praticava basquete, mas que sua mãe desejava que praticasse um esporte menos violento e eu, como estava próximo, ouvi a conversa. Esse foi o motivo pelo qual ela decidiu jogar vôlei e acabou gostando do esporte. A partir do que disse Ana, podemos depreender que sua mãe acreditava que o vôlei fosse um esporte feminino, ou, no mínimo, mais feminino do que o basquete e, talvez, outros esportes coletivos. Por conseguinte, para as mulheres/meninas, o vôlei parece figurar como uma opção quase natural. No tópico sobre as técnicas, mostrarei que essa “falta de violência do vôlei” a que se refere a mãe de Ana e também outras pessoas está vinculada à concepção do vôlei como “esporte feminino”.

Numa outra viagem, quando contei que estava interessado em saber se as pessoas achavam que o voleibol era um esporte feminino ou masculino, ou, ainda, ambos, Isabel rapidamente respondeu que achava um esporte feminino, sem oferecer explicações. E não se importou em elaborar uma explicação possivelmente porque não era (e não é) problema para ela jogar vôlei como é para meninos/homens. Por outro lado, se jogasse futebol, certamente

²⁹ A Liga Universitária Paulista é uma associação entre as universidades do estado de São Paulo que visa unificar o universo composto por estudantes em torno de equipes esportivas. Certamente as Instituições de Ensino Superior do Estado de São Paulo, representadas por suas entidades esportivas agregam valores para aprimorar e desenvolver ainda mais o esporte universitário estadual. A Liga Universitária Paulista originou-se do crescimento da Liga Esportiva Universitária do Grande ABC fundada em 2004 pelas entidades da região do Grande ABC Paulista. Disponível em: <http://www.ligaabc.com.br/ligapaulista/historia.aspx>. Acesso em: 08/12/2009.

³⁰ Tusca, ou Taça Universitária São Carlos, é um torneio promovido pela Associação Atlética Acadêmica da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e pela Associação Atlética Acadêmica Universidade de São Paulo (USP - *campus* São Carlos). É disputado em diversas modalidades esportivas (dentre elas, voleibol de quadra, voleibol de areia, futebol de campo, futsal, basquete, handebol etc.). Ambas as universidades promotoras sempre participam do torneio e convidam geralmente outras duas universidades para também participar. Juntamente com o torneio e, talvez, tão importante quanto ele, são promovidas festas.

assumiria um discurso reticente, evasivo, agressivo, contra-atacaria com outros argumentos, problematizaria um lugar de forte contraste entre feminino e masculino. No vôlei esse diálogo parece ser mais franco, as modalidades são mais consolidadas no plano das competições, organizam times fortes e deixam lacunas fundamentais para outras experimentações de gênero. Além disso, a naturalização do vôlei como feminino dispensa qualquer tipo de explicação.

É interessante apontar que essa naturalização do vôlei como esporte feminino se coaduna e abre espaço para usos feminilizados do corpo, tornando possível que estes não figurem como elementos exóticos na prática cotidiana da modalidade, ao menos no nível amador e no vôlei como esporte recreativo, para os praticantes da modalidade. A naturalização do vôlei como esporte feminino e os usos feminilizados do corpo sustentam-se, no nível simbólico, de uma forma peculiar, que revelo no tópico sobre as técnicas corporais.

Após ter tido contato com as meninas durante as viagens, decidi frequentar alguns de seus treinos, apenas para observar. Fui me aproximando, aproveitando-me do fato de que já conhecia algumas delas. Porém, não fiquei só a observar: acabei treinando inúmeras vezes com a equipe feminina da Federal, sobretudo no ano de 2009, em que já tinha estabelecido algumas amizades. Comparecia tão-somente para assistir aos treinos, com o propósito de captar dados para a pesquisa. Porém, Edson, que também era o treinador das meninas, às vezes solicitava que o ajudasse e eu nunca recusava. Por vezes, pedia que eu completasse um time no treino “coletivo”³¹. Apesar de ter treinado algumas vezes junto com elas, a pedido de Edson, antes mesmo de Ana e Isabel, atletas da equipe da Federal, terem me convidado para frequentar os treinos de sexta-feira, só comecei a comparecer mais assiduamente quando recebi o convite. Ambas acreditavam que eu poderia ajudá-las a treinar “passe”, ou seja, a recepção do saque. A própria Ana também participou de alguns treinos masculinos da Federal. Essas ocasiões sempre foram comuns ao longo de minha trajetória como atleta.

Diversas vezes participei dos treinos femininos, quando fazia parte da equipe GVSC, a convite da professora Fernanda. Aquecia com alguma atleta que estava sem parceira ou, então, completava equipe quando não havia atletas o suficiente para os treinos coletivos. Um fato interessante ocorreu quando, no segundo semestre de 2008, compareci pela primeira vez aos treinos da equipe juvenil feminina da AVS, decidido a frequentá-los paralelamente aos treinos na equipe da Federal. Neste dia, não houve treinamento algum em virtude do número reduzido de atletas presentes (apenas cinco). Fui informado pelas próprias jogadoras que

³¹ “Coletivo” é como uma simulação de jogo, da qual participam todos (ou quase todos) os integrantes da equipe.

aquele treino não era levado a sério por muitas delas e, por isso, não havia uma quantidade suficiente de atletas para treinar. Na sexta-feira desta mesma semana (dia 12), após ter comentado com Edson, vim a saber, por seu intermédio, que ocorreria uma partida entre a equipe feminina juvenil e um time composto apenas por atletas masculinos (todos conhecidos e amigos meus), do qual resolvi participar. Acabamos vencendo todos os *sets*.

Essas situações em que homens e mulheres, meninos e meninas treinam e/ou jogam juntos são realmente interessantes de ser expostas, já que contrastam com o caso de outros esportes em que isso raramente ocorre, o que, às vezes, faz o voleibol parecer mais plural que as demais modalidades esportivas coletivas, oferecendo oportunidade para aproximações entre os gêneros. Decerto, elas também contribuem para reatualizar a concepção do vôlei como esporte feminino, a qual, por seu turno, se revela menos rígida do que, por exemplo, a concepção do futebol como esporte masculino, abrindo espaço para que, na prática, ocorram experimentações e combinações entre os gêneros.

Como eu dizia, as viagens para disputar a Liga Paulista permitiram que me aproximasse das meninas, mas também, e sobretudo, foram um fator fundamental para que eu desenvolvesse laços de amizade com alguns de meus próprios companheiros de equipe. Ao longo do primeiro semestre, a única competição importante de que participamos foi a Liga Paulista. Tornamos a disputar esse campeonato no segundo semestre de 2008, em que também participamos do Tusca. Era com vistas às competições que treinávamos e o contingente de atletas aumentava notavelmente quando se aproximavam os jogos. Nos períodos em que passávamos sem jogar, o fluxo de atletas diminuía consideravelmente.

Em 2009, participamos do Tufscar³² e de um torneio promovido pela cidade de Ibaté, no primeiro semestre, e do Tusca e da Liga Paulista, no segundo. Vencemos com facilidade ambos os jogos do Tufscar, tanto que o técnico decidiu poupar alguns jogadores na partida final do torneio. Depois disso, passamos a treinar visando à vitória no Tusca, dado que não tínhamos certeza se disputaríamos outro campeonato. Pensávamos em desistir do campeonato de Ibaté, de que havíamos participado de apenas dois jogos (ambos contra a própria cidade promotora), assim como outras equipes que o disputavam haviam feito. Até o Tusca, a frequência aos treinos ainda era intensa. Contudo, após o término do torneio, o fluxo de

³² Tufscar, ou Taça da Universidade Federal de São Carlos, é um torneio promovido pela Associação Atlética Acadêmica da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). É disputado em diversas modalidades esportivas (dentre elas, voleibol de quadra, voleibol de areia, futebol de campo, futsal, basquete, handebol etc.). Juntamente com o torneio e, talvez, tão importante quanto ele, são promovidas festas.

atletas diminuiu substancialmente. Nem mesmo a confirmação de que voltaríamos a disputar a Liga Paulista foi capaz de conter a evasão dos atletas. Restaram os titulares, ou seja, aqueles que são efetivos dentro da equipe, alguns reservas e outros que, suponho, gostavam bastante de voleibol, mas que nem sempre eram convocados.

A despeito de o treinamento com o fim de vencer jogos e conquistar campeonatos ter sido o fundamental de estarmos ali, não era apenas a persecução desse objetivo que nos mantinha juntos.

Antes, durante ou no final dos treinos a maior parte da equipe se reunia e começava a conversar a respeito de um ou outro indivíduo, que tanto podia ser algum conhecido de alguns dali, alguém da própria equipe que estivesse ou não presente, ou algum(a) jogador(a) da seleção de vôlei. Falávamos principalmente sobre jogos e jogadores e sobre o que ocorria por trás dos bastidores, sobre a vida pessoal dos atletas. Edson, o técnico, era quase sempre quem iniciava as sessões, das quais quase todos, aparentemente, gostavam e participavam e com as quais se regozijavam. No início ou no final do treino, agrupávamo-nos em torno do técnico e, enquanto fazíamos exercícios de alongamento, alguém desfilava nomes e fatos. Os comentários diziam respeito a boas ou más atuações de jogadores, a algum acontecimento curioso e risível de jogo, ao comportamento de alguns jogadores da própria equipe e/ou à sexualidade e performances de jogadores de outras equipes e da nossa também. Chegamos mesmo a especular sobre a sexualidade de jogadores e jogadoras da seleção. O que não é surpreendente, como tenho demonstrado, uma vez que a presença de gays é algo corrente no vôlei, fazendo parte do *ethos* que perpassa a prática deste esporte. Havia quem afirmasse que alguns dentre os atletas da seleção eram gays e lésbicas, apresentando inclusive os nomes tanto dos atletas quanto de quem havia “ficado”³³ com o/a atleta em questão e de quem tinha informado sobre o acontecimento.

Aí devo apontar um descompasso entre a prática amadora e a profissional no que tange à sexualidade e ao gênero, entendido aqui como algo que engloba a sexualidade e também os gestos. A imagem máscula que transpassa o vôlei profissional no Brasil e que é veiculada pela mídia, essa ideia de que agora somos o país do vôlei, escamoteia a presença de gays assumidos e também o estigma que há em torno dessa presença³⁴. É no nível do cotidiano que

³³ Na linguagem nativa, “ficar” quer dizer apenas beijar, abraçar ou mesmo estabelecer um relacionamento sexual, mas sem o compromisso que exige um relacionamento como o namoro.

³⁴ Numa pesquisa rápida pela internet, encontrei, no *site* UOL Esporte, o caso do jogador Lilico, que assumiu publicamente, no ano de 1999, ser gay. Segundo consta no *site*, na época, ele chegou a afirmar que o técnico da seleção, Radamés Lattari, só não o convocou para disputar os Jogos Olímpicos de Sydney-2000 por causa de sua

ela aparece com força. É relativamente raro ouvir que temos uma seleção de gays, tanto por parte da mídia de uma maneira geral, como também pelos brasileiros. Ao contrário, mantemos e montamos times nacionais tidos como másculos.

A proximidade que desenvolvemos ao longo do tempo em que treinamos juntos permitiu que o técnico atribuísse apelidos aos jogadores, com os quais ninguém parecia se aborrecer. Interessantemente eram sempre nomes de jogadoras da seleção brasileira de vôlei. Os próprios jogadores, por vezes, contribuía para a escolha dos apelidos. Assim, havia na equipe uma Carol Gattaz, uma Dani Lins, uma Sheila, uma Mari, uma Fabi, uma Thaísa, uma Paula Pequeno... A partir disso, notei uma certa tolerância com relação à feminilização, desde que a “renomeação” fosse entendida como um modo de descontrair e não comprometesse as relações entre os integrantes da equipe.

É, digo mais uma vez, uma linguagem possível e, de fato, relativamente permitida no universo do vôlei, o que contrasta com o caso de outras modalidades esportivas, como o caso do futebol. Não é vista como mero xingamento e suponho que não seja somente para descontrair. Na verdade, essa linguagem ampara certas condutas prazenteiras, ajuda na descontração, mas não é pura descontração. Ela é parte legitimada de um repertório possível dentro de um maior que delimita o convívio de atletas que jogam vôlei, atletas que se visibilizam como homens, mulheres e gays numa exposição que pode ser mais franca do que no futebol, por exemplo.

Entretanto, afirmar que esse embaralhamento dos gêneros faz parte da dinâmica do voleibol, como tenho feito até o momento, não implica asseverar que não sejam impostos limites a essa amalgamação, como podemos depreender a partir de algumas situações.

Numa terça-feira, em um dos treinos ocorridos na quadra externa da Federal, no primeiro semestre de 2009, Renato e Luís brincavam um com o outro utilizando a gíria gay e diziam coisas que remetiam ao sexo entre homens. Renato espirituosamente interrompeu a brincadeira, que era realizada em voz alta, com o seguinte conselho: “É melhor a gente parar, vai. Os outros já falam da gente porque a gente joga vôlei...”.

E não foi à toa que Renato disse isso. No final do segundo semestre de 2009, um fato interessante ocorreu e que torna lógica a advertência de Renato, ao mesmo tempo em que evidencia o motivo da contenção da diluição dos limites entre o masculino e o feminino por

parte dos jogadores de vôlei. No dia 22 de novembro, jogamos contra a FMU. Foi um jogo fácil, que não exigiu grande dispêndio de energia para vencermos por 2x0. Viajamos de São Carlos a São Paulo de ônibus, juntamente com a equipe masculina de handebol e com o basquete feminino. Uma típica viagem, fastidiosa, mas, ao mesmo tempo, divertida pela algazarra que sempre fazíamos entre nós, quase sem interação com as outras equipes com as quais dividíamos o ônibus. Retornamos para São Carlos com as equipes de futebol feminino e de basquete feminino da Federal. Estávamos já no ônibus à espera das duas equipes e alguns de meus companheiros brincavam de se estapear e esmurrar, quando uma garota loira, integrante do time de futebol feminino, entrou e os flagrou nesta contenda controlada e amistosa. Apesar de pouco nos conhecer, sem qualquer discriminação, acanhamento e pouco temerosa de qualquer reprimenda, proferiu como se almejasse admoestar: “Ih, o povo já fala do vôlei masculino, ainda vocês ficam com essas coisas!”. Sem dizer mais nada, desceu do ônibus e foi encontrar suas colegas de equipe. Todos (meus companheiros de equipe e eu) sabíamos o que ela estava insinuando. Para nós, era o mesmo que dizer que no vôlei masculino só tem “viado”. Aquilo foi interpretado como uma provocação, que acabou disparando reações indignadas e revanchistas. Assim que desceu do ônibus, logo os comentários começaram: “E delas então? Como se o povo não falasse nada delas. Só tem *sapatão* no time feminino! Não tem nenhuma que não seja *sapatão*!”. Essa situação condensa um pouco o pensamento que se tem sobre o vôlei masculino e, indo ainda mais longe, sobre o vôlei. Colateralmente, explicita a existência de uma visão simétrica e oposta no que tange ao futebol feminino e ao futebol de uma maneira mais geral. O futebol é um esporte masculino e mulher que joga futebol é “sapatão”.

Notei também essa necessidade obsessiva de afastamento de elementos femininos e de afirmação da masculinidade por meio de uma intriga ocorrida entre companheiros de equipe. As intrigas faziam parte da rotina de treinamento na equipe da Federal. Iniciadas frequentemente durante os jogos, intensificavam-se nos treinos. Aconteciam, geralmente, entre os próprios jogadores, na maior parte das vezes como resultado de más atuações de alguns da equipe e de derrotas.

Logo no início da disputa dos jogos da Liga Paulista no segundo semestre de 2008, Adilson, colega de equipe que nos representava perante as instâncias responsáveis pela inscrição das diversas modalidades esportivas em torneios, sujeito que gostava de cobrar a presença, o horário de chegada e o desempenho de todos nos treinos e jogos, acabou provocando um grande mal-estar, que culminou numa intensa discussão com o levantador,

Tomas, durante um de nossos treinos. Na verdade, essa discussão foi fruto de desentendimentos acumulados ao longo do primeiro semestre, desencadeados pela derrota na semifinal da Liga e pela postura de alguns companheiros durante os treinos.

A partir daí, foram vários os treinos em que nos reuníamos para “acertar contas”. Com o fim evidente de restabelecer a ordem, dispersando as discussões, Edson sempre provocava: “nem no time feminino tem dessas picuinhas”. Sempre falava coisas do tipo: “As meninas se dão melhor do que vocês” ou, ainda, “Galera, isso aqui tá parecendo time feminino! Vamos parar com isso!”.

Durante um certo tempo, parecia ter se instalado uma verdadeira “guerra fria”, com os atletas hesitando entre apoiar Tomas, com o lema “jogar com prazer, pela diversão e amizade”, ou Adilson, com o lema “jogar com compromisso, pela vitória”. Essa atmosfera de animosidade perdurou e culminou com uma fragorosa derrota para o time da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) na semifinal do Tusca, torneio muito valorizado por alguns dos integrantes de minha equipe. No dia do jogo (25 de outubro de 2008), malgrado tentássemos escamotear a sensação de ansiedade e o clima de suspense, todos estávamos apreensivos, em virtude do próprio jogo e das tensões acumuladas, resultantes das intrigas. Apesar de o jogo ter começado após a meia-noite, ainda havia muitas pessoas nas arquibancadas para nos assistir. Inclusive nossos possíveis adversários do domingo, integrantes da equipe do CAASO – nome pelo qual é identificada a USP – estavam nos assistindo, possivelmente torcendo para que perdêssemos, dada a rivalidade histórica entre as duas universidades públicas de São Carlos. Após sequências de erros desastrosos e banais, acabamos perdendo o primeiro *set*. Aparentemente, o motivo era que, antes da partida, prevalecia entre nós o sentimento de que nossa equipe era superior tecnicamente e que, portanto, não encontraríamos dificuldades em superar o adversário. A despeito da frustração geral, conseguimos nos reerguer no segundo *set*, vencendo os adversários por uma diferença significativa. Tudo parecia estar apontando para que as coisas estivessem “entrando nos eixos”. Foi assim que ingressamos no terceiro e decisivo *set* com as esperanças renovadas, conseguindo imprimir, logo de início, uma boa vantagem no placar. Mas, como todo jogo, o voleibol é imprevisível e mesmo com o placar marcando 9 a 5 a nosso favor, permitimos que a equipe da UNICAMP nos ultrapassasse em número de pontos. O *tie-break* terminou em 16 a 14 para os adversários, com uma bola atacada na saída de rede, que foi, infelizmente, batida por mim. Um dos integrantes da equipe, o que mais tinha criado expectativas em torno deste campeonato, caiu em prantos. Com isso, perdemos a oportunidade de disputar a final no

domingo, contra os nossos adversários “históricos”. Após este evento, nossa confiança estava abalada e as relações entre nós, distendidas. Um e-mail de Marcelo revela bem o clima que havia se instaurado na equipe:

Na moral na moral...Isso aqui tá parecendo time feminino hein gente...Muita discussão pra pouca bosta...Nunca vi tanta picuinha num time...E isso só leva a uma coisa...derrota...como já vimos...Se a derrota serve pra alguma coisa serve pra colocar o rabinho entre as pernas e voltar a ser humilde...e não tô vendo isso no time...tô vendo gente cantar vitória antes...falando em pegar FEFISA na final...tô achando estranho já que a gente ia pegar o CAASO na final do TUSCA tbem...mesma história...cada jogo é um jogo e nosso próximo é sábado...depois domingo...as quartas e assim por diante...tô cagando mole pra FEFISA na moral...Pode vir quem for...pq se quer ganhar um torneio não importa não é mesmo...Se é pra falar o q cada um fez ou deixa de fazer no time pra mim não importa...não é prioridade pra nenhum aluno ir jogar, tudo é questão de prioridade na vida...soh q como falaram ouve comprometimento do time...e isso exige o mínimo de sacrifício sabe...Contrariando o Adilson* tbem fui em todos os jogos...e daí?eu vou pq eu gosto de vôlei...e pra viajar pra são caetano precisa gostar muito...eh isso galera...acho q o time tem mostrar um pouco mais de humildade...e querer ganhar...e mostrar a quadra q quer ganhar...ainda não vejo no time a cara de campeão...sinceramente...não de por falta de habilidade no vôlei, mas como coletivo...e pra quem não sabe, o vôlei eh o esporte q necessita mais do coletivo que os demais.

Percebi, então, que as intrigas, apesar de comuns entre nós, eram interpretadas por muitos dos meus companheiros como algo feminino, portanto pernicioso, que devia ser esconjurado a qualquer custo, de modo a não dissolver os bons relacionamentos cultivados dentro da equipe e comprometer o desempenho geral. Elas se constituíam em elementos que, pelo menos aos olhos dos jogadores e também do técnico, feminilizavam as relações dentro de quadra. Colocá-las como algo feminino, era uma maneira de tentar obliterá-las e as evitar seria uma forma de afirmação de um tipo de masculinidade entre os jogadores de vôlei, que não é, evidentemente, o tipo de masculinidade exaltada e cultuada pelos jogadores de futebol, truculenta, com tolerância à violência física, afastamento do que é tido como feminino dentro de campo, onde a linguagem gay e os usos feminilizados do corpo não teriam lugar.

Assim, conclusões similares ao caso de Ricardo, que supostamente não foi aceito na AVS pelo seu jeito feminino, podem ser extraídas. Pela existência e evocação de um limite

simbólico para a convivência com o que é tido como feminino, tenta-se afirmar um determinado tipo de masculinidade. A partir disso, não é possível asseverar que a concepção do vôlei como esporte feminino esteja na base das reações a situações como esta a que acabei de me referir, mas podemos imaginar que os jogadores (e aqui me refiro principalmente aos jogadores mesmo e não tanto às jogadoras) tenderiam a evitar a associação do vôlei como esporte feminino.

Essa afirmação da masculinidade é flagrante também no evento que segue. A derrota no Tusca de 2008 deixou marcas indelévels naqueles que permaneceram na equipe, muitos dos quais consideravam as intrigas como fator causal principal do triste evento. Por isso, todos passaram a treinar com afinco para o Tusca de 2009, com dois objetivos em mente: derrotar “as bichinhas da Unicamp” e, claro, o Caaso. Referi-me aos atletas da Unicamp de tal forma, porque, sobretudo quando notava que não estávamos nos dedicando o máximo que podíamos aos treinos, Edson provocava: “Depois vocês não sabem por que perderam para as bichinhas da Unicamp!”. Ele, e vários dentre nós, gostava de falar de cada um dos jogadores da referida universidade utilizando pronomes demonstrativos femininos, artigos, adjetivos e substantivos também femininos: “Aquela japonesa ponteira...”, “a levantadora...”. Foi preciso esperar um ano para nos redimir da derrota. Duas semanas após a saída de Edson do comando da equipe, que deu lugar a Roni, para jogar em uma equipe portuguesa, enfrentamos uma fraca equipe universitária na semifinal e depois voltamos a encarar, agora na final, a equipe da Unicamp, para a qual devolvemos a derrota. Sagramo-nos, dessa forma, campeões do torneio.

Em suma, o que realmente me chama a atenção, em todos os eventos mencionados ao longo desse tópico, é esse jogo indicado de quase diluição das fronteiras entre o feminino e o masculino e de reconstrução dessas fronteiras (como no caso de se referir aos atletas da equipe da Unicamp como “bichinhas” e no das intrigas), que me fez notar uma consonância com a existência de concepções do vôlei como “esporte feminino”, “esporte de mulher”, “esporte de viado”, que emanam de fora das quadras, mas que também acabam se estendendo para dentro delas, causando reações por parte dos jogadores, e também de concepções que o colocam como simultaneamente masculino e feminino. Um jogo que, ao mesmo tempo em que é viabilizado pelas concepções mencionadas, dá sustentação a elas.

CAPÍTULO 3. AS TÉCNICAS CORPORAIS DO VOLEIBOL E NO VOLEIBOL³⁵

Como tratei até momento da aparente apropriação do voleibol por um certo “*ethos* feminino”, pelo menos nos contextos que pude observar, doravante debruçar-me-ei sobre outro ponto, que leva em conta o que se pensa sobre as técnicas do voleibol e sobre as maneiras específicas de execução das técnicas do jogo por indivíduos concretos, baseando-me em minhas experiências, numa análise de manuais de voleibol e na plataforma de sociabilidade virtual *Orkut*. Estes foram os meios que encontrei para escapar à utilização das, neste caso, inconvenientes entrevistas. Não só as técnicas essenciais para a prática do voleibol³⁶, mas também outros gestos igualmente relevantes para a avaliação que as pessoas fazem de todas as coisas.

Confesso que comecei a ler os manuais de voleibol e a conversar com companheiros com a certeza de que minhas impressões e previsões fossem totalmente confirmadas. Quer dizer, que todos diriam que o vôlei é tido como esporte feminino e que isso ocorria em virtude da presença de mulheres e gays. Por isso, surpreendi-me quando Edson, de grande experiência no voleibol, revelou que acreditava que o voleibol fosse um esporte feminino e apresentou-me uma teoria delineada espontaneamente, antes mesmo de tê-lo questionado de maneira mais direta sobre o assunto. Tínhamos acabado de sair do ginásio em que usualmente ocorrem os treinos da Federal e rumávamos a pé para o ponto de ônibus, quando decidi entabular uma conversa sobre o assunto de minha pesquisa. Aproveitava os momentos pós-treinos, assim como as longas viagens que fazíamos para São Caetano do Sul, São Paulo e Santo André, por crer que fossem momentos propícios para discutir sobre esse tipo de assunto, já que o que nos reunia era o próprio vôlei. A conversa que segue, é continuação de uma outra que havíamos travado anteriormente, na qual Edson tinha revelado sua crença de que o vôlei era um “esporte feminino”:

³⁵ Tomamos, como definição de técnicas corporais, a noção de Marcel Mauss (1974). Segundo o autor, as técnicas corporais são atos tradicionais e eficazes. São atos de ordem mecânica, física, ou físico-química.

³⁶ Essas técnicas são chamadas pelos manuais de voleibol de “fundamentos”. Os manuais citam como fundamentos: o saque, o toque, a manchete e outros recursos de defesa, como os mergulhos e rolamentos, o bloqueio e a cortada. Não procederei a uma descrição de cada um deles, porque acredito que não sirva aos meus propósitos.

Leonardo: Por que você acha que o vôlei tem movimento feminino?

Edson: Um movimento feminino...Porque assim, eu faço uma ligação com a cultura corporal dos movimentos³⁷. A cultura corporal o que seria?Todos os movimentos envolvidos em todas as modalidades esportivas e todos os movimentos que você faz, os do cotidiano e toda hora. E o vôlei, o que que ele faz?Ele usa dos movimentos mais delicados, ou seja, o saltitar, rolar, sabe?Deslocar-se, sabe?E, assim, os fundamentos do voleibol, eles exigem também assim as habilidades finas. O que seriam as habilidades finas?O uso dos...Dos dedos, o uso das pontas dos pés, o uso dos...O da própria mão, sabe?Do...Dos braços, do salto...E, às vezes, essa sincronia desses movimentos torna os movimentos assim meio ensaiados e que isso se torna uma coisa meio coreográfica. Daí fica uma coisa meio feminina, entendeu?

Leonardo: Ah, tá. É isso, você acha que é porque, então, não sei...Mas você acha que é porque parece uma coreografia, uma coisa...

Edson: Parece uma coreografia.

Leonardo: Muito sincronizado.

Edson: Muito sincronizado porque é um esporte, assim, que você tem regras pra seguir, né?Regras de movimentos, regras de acerto, regras de fundamento, sabe?

Leonardo: Talvez harmônica?

Edson: É... Muito harmônico o voleibol por ser tão coletivo vira uma coisa harmônica como uma coreografia. Por quê?Porque tem que pegar, você tem que juntar o bloqueio, tem que posicionar a defesa, tem que fazer a bola subir, sabe?Vira uma harmonia de bola, jogadores, a rede, sabe?Tudo respeitado...Eu acho que eu penso assim.Tanto que o Dodô me falou que a equipe russa, Léo, fazia balé antes dos jogos de vôlei.

Leonardo: Nossa!Muito interessante!

Edson: Fazia...Faziam balé. Eles, tipo assim, antes das Olimpíadas, eles faziam balé pra concentração, pra plasticidade dos movimentos, deslocamentos.

Por meio desse depoimento, pode-se perceber que Edson universaliza a feminilização do vôlei. É como se, por toda parte e em todas as épocas, o voleibol tendesse a ser visto como esporte feminino. Não dispomos dos meios para verificar se essa feminilização do vôlei acontece de forma mais ampla ou, quem sabe, universal e se ela permanece essencialmente a mesma ao longo do tempo. Entretanto, se pensarmos no caso do futebol, logo notamos que ele não é concebido da mesma forma em todos os lugares ou até mesmo ao longo do tempo, em um mesmo lugar. Moore (2004) comenta que, nos anos de 1950 e 1960, quem jogava futebol

³⁷ Edson tem, atualmente, 26 anos. Além de técnico da equipe da Federal e jogador da equipe AVS, é graduado em educação física. Talvez daí derive sua tese a respeito da “cultura corporal dos movimentos”.

na Austrália era chamado de “Sheila” (garota ou mulher), “wog” (um migrante, geralmente considerado “não branco”) e “poofter” (homossexual).

Por isso, a declaração de Edson, conquanto tenha se me revelado intrigante e tenha realmente me feito refletir sobre o assunto, não me convencia, ao menos de início. Era um de meus primeiros dados etnográficos, ao qual não pretendia conceder muitos créditos. Além disso, pensava, como pode, por exemplo, a cortada, a manchete e/ou o toque serem considerados movimentos femininos? Comecei, então, a imaginar cada movimento de forma isolada. Assim, cheguei à conclusão de que a cortada, na maior parte das vezes, por ser um movimento bastante agressivo, tenderia a ser classificada como técnica masculina. A manchete também, já que, para aguentar ataques violentos, o jogador tem que ser capaz de resistir. Veio-me à mente as vezes em que treinávamos movimentos de defesa e tínhamos que permanecer com as pernas flexionadas durante certo tempo, que parecia uma eternidade, até que os músculos ficassem fatigados. Pensava tudo isso baseado simplesmente nas concepções já sedimentadas das características que são tidas como masculinas e femininas. E Edson trouxe a mim uma concepção diferente. Recusava-me, como uma boa parte dos praticantes a pensar no vôlei como esporte feminino e buscava o que acreditava existir de masculino nele, enquanto Edson partia do mesmo ponto que eu (das técnicas) para dizer que acreditava que o vôlei fosse um esporte mais feminino. Foi então que notei que a classificação das coisas em masculino ou feminino dependia da posição de quem vê e do ângulo que se vê.

Custou para que trouxesse a questão das técnicas ao bojo de minhas reflexões. Mas a pesquisa acabou me mostrando que, se me centrasse exclusivamente sobre a existência considerável de gays e mulheres praticantes de voleibol, não apresentaria essa porção fundamental para a compreensão das concepções e classificações do vôlei como “esporte de mulher, “de mulherzinha” e “feminino”, que aparece não só no discurso de Edson, como veremos.

Após a declaração de Edson, comecei a pensar em minhas experiências anteriores ao período da pesquisa, o que tornou possível uma inflexão no pensamento. Comecei a refletir sobre fatos que atestavam que as técnicas corporais desempenham um papel crucial no modo como as pessoas interpretam e classificam o jogo.

Já citei o caso de Paulo, parceiro de equipe que era achincalhado pelos próprios companheiros e pela torcida, em virtude de seu modo peculiar de sacar – feminilizado – e de efetuar o toque.

Em maio de 2008, no primeiro treino após um jogo avaliado como desastroso contra a equipe de Ibaté, mesmo embora tivéssemos vencido, Hugo, técnico da equipe, repreendeu Wilson, jogador da equipe juvenil, de apenas 15 anos, que costumava treinar conosco, por causa do seu movimento de ataque, alegando que o jogador poderia ser mais eficiente se o realizasse sem o feminilizar tanto. O jogador se esforçava por dar uma volta com as mãos, desferindo um movimento circular, no momento da execução do “mata-borrão”, nome que se atribui ao conjunto de gestos que compõem a cortada. Por isso, e por outras coisas, como o fato de aparecer costumeiramente com uma longa faixa para segurar os cabelos, que lhe descia pelas costas, acabou sendo apelidado de “borboleta”. Após repreendê-lo, riu de seus movimentos e ensaiou uma imitação que logo decidiu abortar. Os próprios companheiros de equipe zombavam-no pelos seus gestos. Wilson reagia sempre de modo bastante rude, ofensivo e não aceitava críticas.

O caso de Roberto, atleta longilíneo, esbelto, porém musculoso, dotado de uma força aterradora é também valioso. Como mencionei anteriormente, por dois anos consecutivos, o atleta foi pago para disputar campeonatos pela AVS. No primeiro ano, treinou apenas duas semanas com a equipe, disputando, em seguida, os Jogos Regionais. Em sua segunda passagem pela equipe, no ano de 2009, permaneceu por quatro meses, disputando alguns jogos da APV e os Jogos Regionais. Durante esse tempo, ficou hospedado em um alojamento localizado numa área contígua à Universidade Federal de São Carlos, comumente reservado para jogadores de futebol. O alojamento pertence, na verdade, ao Paulistinha, uma famosa escola de formação de jogadores de futebol da cidade de São Carlos, onde há vários campos para o treinamento dos neófitos. A proximidade do alojamento à universidade possibilitava que ele acompanhasse nossos treinos e visitasse seu companheiro de equipe, Edson, que também era nosso técnico. Por vezes, treinava junto conosco e sua presença era sempre bem-vinda, dada a sua notória experiência como jogador.

Num dos treinos ocorridos na quadra externa da Federal, Roberto ficou treinando ataque e defesa com outro sujeito, de uns 30 anos, cujo nome desconheço. Enquanto faziam o ataque e defesa, cantavam alto nomes de mulheres e riam, cada vez que “cortavam” (nome que se atribui ao movimento de ataque, no vôlei), sem qualquer repreensão por parte de nenhum dos meus companheiros. Frequentemente também levava seu celular com músicas e clipes da cantora norte-americana Beyoncé, uma de suas preferidas, e dançava as coreografias diante de todos em meio aos treinos, fazendo com que os companheiros rissem e, por vezes, zombassem dele, como da vez em que Breno disse: “Olha, que bichona!”, mas sempre de

forma que não fosse interpretado como insulto nem por parte de Roberto nem pelos outros companheiros de equipe, pelo menos aparentemente. Isso demonstra que a manifestação de performances feminilizadas não era simplesmente tolerada, mas constituinte do próprio universo do voleibol masculino.

Para encerrar os exemplos, cito o caso de Edson, que costumava contar a todos sobre as provocações que frequentemente ocorriam nos seus jogos. Sempre que jogava contra um time provocador, Edson gostava de mandar beijos quando executava bem o passe de um saque adversário. Contava das piscadas recebidas do adversário para desconcentrar e dos gestos que não raro fazia, como, por exemplo, imitar uma mulher amarrando o coque quando conseguia atacar com sucesso e, principalmente, com força. Na verdade, ele fazia muito desse tipo de coisa no SESC, especialmente quando os jogos estavam acirrados. Quando jogava no SESC, ou mesmo quando entrava em quadra para jogar conosco, na Federal, imitava, às vezes, as meninas das equipes femininas da AVS, reproduzindo seus gritos de guerra e também modos de sacar, que eram mais ou menos padronizados, nos chamando a atenção no momento em que ia fazer a imitação: “Olha o ‘saque Elisa!’”. No dia em que conversei com Antônio a respeito de minha pesquisa, estávamos a treinar junto com as meninas, quando Edson começou a satirizar o saque das atletas da AVS. Antônio logo comentou: “Tá vendo? É por isso que os outros falam de quem joga vôlei. Vê o Edson...Olha, que menininha!”.

Fornei exemplos com o intuito de mostrar que o modo de execução das técnicas próprio de cada praticante interfere na maneira como as outras pessoas que estão à volta enxergam não só quem efetua, mas também o esporte que está sendo praticado e os demais praticantes desse esporte.

Em seguida, passei a investigar os manuais de voleibol. Encontrei neles fragmentos que me permitiram captar a importância das técnicas corporais para a elaboração de uma concepção peculiar do esporte, a qual se deixa entrever na linguagem utilizada, no modo de expor os fatos históricos e de argumentar dos autores. Moacyr Daiuto (s.d.), em seu *Manual de Voleibol*, descreve o vôlei da seguinte maneira:

O voleibol é, dentre os esportes coletivos, um dos mais belos e atraentes quando bem jogado, um dos mais fáceis pelo pequeno efetivo modesto material que requer, e um dos mais interessantes pela delicadeza de sua execução, pela elevação do seu sentido e pela atividade que demanda.

Sob o ponto de vista físico, não tem contra-indicação para idade ou sexo, desde que os praticantes, dentro do mesmo quadro, possuam homogeneidade de condições físicas.

(...) Sob o ponto de vista moral, isto é no que diz respeito ao desenvolvimento e aperfeiçoamento das qualidades morais do indivíduo, é um dos mais completos. A ausência de contato direto com o adversário e de violência, a oportunidade que se depara a todos os jogadores de passarem pelas mesmas posições, a flexibilidade do seu mecanismo, as regras que orientam a sua prática, são fatores que obrigam o jogador à observância natural de uma conduta cavalheiresca.

(...) Não é esporte fútil e próprio para moças como julgam muitos que o desconhecem. Requer qualidades físicas que nem sempre são peculiares a todos os que desejam praticá-lo, mas facilmente adquiríveis como um treinamento racional e com a pertinácia da boa vontade. Exige grande atividade.

(...) Nas escolas primárias, nos colégios secundários, nas faculdades superiores, nos clubes, etc., para todas as idades e ambos os sexos, deve-se desenvolver a sua prática em face dos reais benefícios de que é portador.

(...) Esporte leve pode ser praticado não só por adultos, pessoas idosas, como adolescentes que ainda não tenham completado a ossificação, fazendo-se sentir, com maior razão, as suas vantagens. Para a mulher, deve ser especialmente recomendado. Daí o acerto da realização de campeonatos femininos, muito em voga atualmente (DAIUTO, s.d., pp. 12-13, grifos meus).

O autor, no início, fala em uma “*delicadeza de execução*”, que poderia conduzir o leitor a supor que o voleibol dispõe de técnicas femininas, dado que *delicadeza* é uma categoria amiúde utilizada para descrever os modos femininos de ser e de portar o corpo. Acredita, também, que o voleibol não tenha contraindicação para sexo, o que contrasta com o pensamento, possivelmente em voga já naquela época, de que esportes como o futebol e o boxe não eram para moças, por exemplo³⁸. Subjacente a essa recusa, parece estar o anseio em

³⁸ É interessante observar que, conforme Bruhns (2000, p. 73-74), em 1965, o Conselho Nacional de Desportos (CND) estabeleceu que não era permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo, halterofilismo e beisebol. Segundo a autora (idem, p. 75), *nos anos 80, foi criado o time feminino do Corinthians, porém o CND enviou um comunicado ao presidente do clube, proibindo o esporte. Em 1981, foi criada a Liga Carioca de Futebol Feminino, com 9 clubes inscritos. Desde seu início a essa liga foi apoiada por radialistas e comerciantes, os quais organizaram, naquele ano, o primeiro campeonato carioca de futebol de salão, cujo campeão foi o Radar, time do bairro do Leme, que recebeu a visita de Pelé para a festa do título.* Prossegue na exposição de dados históricos dizendo que: *No ano seguinte, em todo o país, pelo menos 200 times femininos aguardavam a oficialização do esporte, enquanto o presidente do CND garantia que o órgão pretendia oficializar o futebol feminino no Brasil, pois reconhecia que sua prática já havia se tornado popular, sintoma do espaço conquistado pelas mulheres* (idem, p. 75). De acordo com a autora, por volta de 1990, a elite feminina começa a aderir ao futebol e, em 1994, é inaugurada a primeira escola pública de futebol feminino em São Paulo. Apenas em 1996 o futebol feminino foi incluído como modalidade olímpica, enquanto o futebol masculino foi a segunda modalidade esportiva coletiva a ser aceita nos Jogos Olímpicos. Com relação ao

refutar aqueles que acreditam que homens praticantes de voleibol se equiparariam às moças, seriam “mulherzinhas”. Chama a atenção para as características essenciais do jogo, como a ausência de contato direto com o adversário e da violência e suas regras, interpretando-as como aspectos que levam o jogador a uma “conduta cavalheiresca”. Mas nega que o voleibol seja um “esporte fútil e próprio para moças como julgam alguns”. Obviamente, pelo fato de gênero ser uma construção social e histórica, como aponta uma vasta bibliografia sobre o assunto (RUBIN, 1975; SCOTT, 1995; VALE DE ALMEIDA, 2000), o conteúdo da noção de “moça” era diferente do que é hoje, daí ele querer refutar a concepção do vôlei como esporte de “moças”. A noção de “moça” provavelmente estava associada à noção de *delicadeza*, a que se refere no texto, e trazia a imagem de uma mulher frágil, que não trabalhava, executava as tarefas domésticas e era submissa ao marido. O autor parece sugerir que a concepção de que o vôlei é um esporte para moças advenha de uma interpretação precipitada das características fundamentais do jogo, contrapondo-se por meio da observação de que o voleibol “exige grande atividade”, implicitamente relacionando “atividade” à masculinidade. Aqui se veem presentes as técnicas como ponto de partida para a elaboração de uma percepção diferenciada do voleibol. Por fim, e aparentemente de forma contraditória, encerra o trecho dizendo que o vôlei é um “esporte leve” e, “para a mulher, deve ser especialmente recomendado”. O texto não é recente, mas parece, ainda assim, conter a concepção, que não se esvaneceu com o tempo, de que o vôlei é um “esporte feminino/de mulher”.

Moacyr Daiuto não é o único a creditar a concepção do voleibol como “esporte para moças” à ausência de contato físico. Cacá Bizzocchi, autor do manual *O Voleibol de Alto Nível: Da Iniciação à Competição*, aponta que

Na China, o voleibol é incluído nos programas de atividade física em colégios, fábricas e instituições a partir de 1920, sendo considerado já na década de 30, o esporte mais popular entre jovens e mulheres. No Japão o desenvolvimento do voleibol é mais lento que na China e nas Filipinas. Com o rótulo de esporte

boxe feminino, segundo a enciclopédia virtual Wikipedia, sua primeira aparição ocorreu nos Jogos Olímpicos de 1904. Entretanto, durante quase todo o século 20, ele foi banido na maior parte das nações. O boxe feminino não participou dos Jogos Olímpicos de 2008. Em 14 de agosto de 2009, o Comitê Olímpico Internacional aprovou a inclusão do boxe feminino nos Jogos Olímpicos de 2014. Segundo informações da enciclopédia virtual, o *boom* do boxe feminino se deu tardiamente, ocorrendo apenas na década 1990. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Women%27s_boxing. Acesso em: 07/12/2009. O contraste com o voleibol é evidente, uma vez que este esporte foi admitido como olímpico nas modalidades feminina e masculina no mesmo ano, em 1962. Além disso, ao menos no Brasil, nunca houve proibição de sua prática pelas mulheres. Disponível em: <http://www.cbv.com.br/cbv2008/institucional/histvolei.asp>. Acesso em: 07/12/2009.

feminino, pela ausência de contato físico e por sua baixa virilidade³⁹, é incluído nos programas de educação física de todas as escolas femininas do país (BIZZOCCHI, 2000, p. 20, grifos meus).

Assim, o autor elege como dado histórico digno de exposição o fato de que, nesses países, o jogo de voleibol foi entendido como apropriado não só para homens, senão também para mulheres, e credita essa interpretação peculiar à “ausência de contato físico” e à “baixa virilidade”, aspectos intimamente ligados às técnicas do esporte e que parecem feminilizá-lo, como podemos pressupor a partir de sua argumentação. Aliás, o autor acredita também que o voleibol tem se virilizado ao longo do tempo, como podemos depreender a partir de um comentário sobre as técnicas do vôlei, mais especificamente, a “posição básica”, que ele define como sendo “a postura assumida pelo corpo a fim de partir prontamente para a execução de uma determinada ação”:

A posição básica vem sofrendo alterações de padrão. Quase inexistente nas primeiras exibições do esporte, à medida que o voleibol ficava mais viril, as habilidades de ataque se desenvolviam e a estatura dos praticantes do voleibol competitivo aumentava. (BIZZOCCHI, 2000, p. 68, grifos meus)

Podemos compreender tal argumento se levarmos em conta que, no Brasil, o vôlei tem sido concebido como um esporte que não integra o rol dos esportes masculinos já há algum tempo, pelo menos desde a década de 1960. Conforme Bruhns:

Em 1941, o Decreto-Lei 3.199, vigente até 1975, estabelecendo as bases de organização do desporto no Brasil, em seu artigo 54, coloca que “às mulheres não será permitida a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza”. Em 1965, o Conselho Nacional de Desportos (CND) instruiu as entidades desportivas do Brasil, pela deliberação nº 7, sobre a prática de esportes para as mulheres, na qual se estabeleceu que “não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo, halterofilismo e beisebol” (BRUHNS, 2000, p. 74)

Em outras palavras, o vôlei como “esporte feminino” aparece em Daiuto e Bizzocchi de forma não exatamente surpreendente, porque essa associação já é esperada dentro do

³⁹ O autor não esclarece muito bem o sentido da expressão. Apenas diz que tem a ver com a (quase) ausência de contato físico.

universo simbólico esportivo brasileiro. Ambos os autores identificam na “natureza” do próprio voleibol o germe para a concepção do vôlei como “esporte feminino” ou “próprio para moças”. A partir de tal constatação, comecei a perceber que se atribuía gênero (feminino) ao próprio esporte, independentemente das pessoas que o praticavam e o praticam.

Um dos argumentos mais importantes de *Lógicas no Futebol* (2002), de Toledo, pode ajudar a compreender e explicar a generificação do voleibol. Em linhas gerais, Toledo delineia a tese de que as formas de jogo se autonomizam em relação às regras num dado momento, quer dizer, ficam menos condicionadas às regras. Segundo o autor, nos manuais antigos de regras, vinha a observação de onde cada jogador deveria ficar no campo. Ele assinala que isso foi modificado com o tempo: as formas de jogar passaram a variar de uma forma um pouco mais autônoma em relação às regras. Já as representações sobre o jogo variaram mais ainda, a ponto de falarmos, para um mesmo esporte, em estilos brasileiro, argentino, etc.. Aí está o ponto chave: a feminilidade é vista, por uma parcela dos não-praticantes e também dos praticantes de vôlei, como fazendo parte das naturezas do jogo e ganha força no domínio das representações sobre o referido esporte. Há, pois, congruências entre as naturezas, entre o que Toledo chama de “primeira natureza”, que compreende as regras e as técnicas e as representações, partes da terceira natureza. Com isso, quero dizer que não são as naturezas do jogo em si mesmas que são femininas, mas essa representação de feminilidade passou a atingir, num dado momento, as regras e os fundamentos, englobando, a partir daí, todo o universo simbólico do vôlei.

Foi a partir daí que vislumbrei a necessidade da adoção de uma definição de gênero ampla, como a de Strathern (2006), que atenta para a generificação das coisas, dos eventos e, nesse caso, das técnicas corporais do vôlei e do próprio vôlei, para além da generificação dos corpos e das pessoas.

Para complementar a análise, fiz uma busca no *Orkut* – plataforma de sociabilidade virtual que tem sido utilizada por um número crescente de antropólogos –, por meio do qual pude captar o que as pessoas (em sua maioria, praticantes) pensam sobre o vôlei, suas técnicas e sobre quem pratica vôlei e que atestou a força da concepção deste esporte como feminino.

No tópico “Eu não quebro a munheca”, da comunidade “Jogo vôlei e sou macho”, um dos membros que participaram na discussão avalia o movimento de “quebrar a munheca”, um dos recursos fundamentais do jogo de vôlei, procurando normalizá-lo: “Não é necessário quebrar a munheca como se estivesse tentando espantar um mosquito! também não é assim! uma pessoa com o encaixe treinado não realiza o gesto de forma homossexual...é uma questão

chave: atacante de ponta e saída sem encaixe não existe! ou então come banco!”. Quer dizer, quebrar a munheca pode ou não ser um gesto feminino, dependendo de como é efetuado. É apenas por meio da prática, portanto, que se poderá dizer se o movimento é feminino ou masculino. Depende de quem efetua e, sobretudo, do modo como efetua. Assim, quando empregado por homens de forma não apropriada, pode feminilizar. Há outros que dizem não utilizar esse recurso, possivelmente devido à associação corrente deste movimento aos modos femininos de usar o corpo.

Figura 1. A questão do gênero e das técnicas corporais na comunidade *Jogo vôlei e sou macho*, do Orkut.

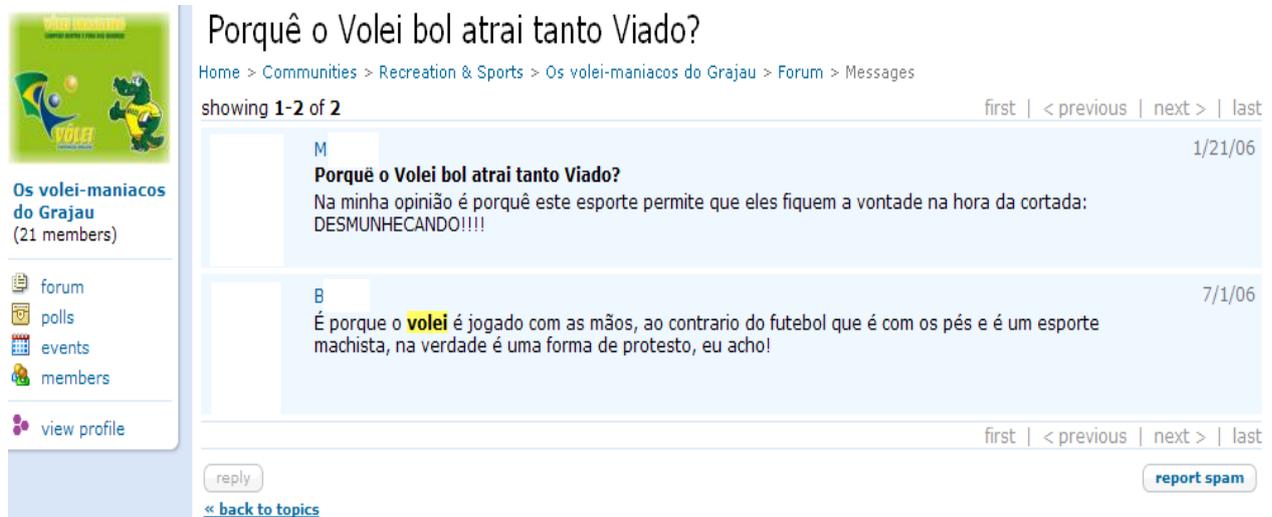


The image shows a screenshot of an Orkut forum thread. The title is "Eu não quebro a munheca !!!". The forum is part of the "Jogo vôlei e sou macho" community, which has 10,012 members. The thread shows a list of messages with their dates and content. The messages discuss volleyball techniques, specifically the "munheca" (a type of serve), and whether it is considered a feminine or masculine gesture. Some users argue that it is not necessary to "break" the wrist, while others claim it is a key technique for a powerful serve.

Message ID	Content	Date
I	Ataco pra fora mas não quebro a munheca. KKKKKKKKKKK	Feb 12
W	Eu prefiro kra... pq pra mim parece que a bola vai mais pra baixo, e assim n erro tantos ataques	Feb 15
L	isso e questão de inteligencia a maioria dos saidas nao passam entao pra ataca no corredor e so pinga pra ataca na diagonal e so bate forte e meio alta se o blok e mto alto confesso que eu pingo e isso sempre garante 1 ponto xD mais se o blok for baixo eu bato muito forte	Mar 17
P	não é necessário quebrar a munheca como se estivesse tentando espantar um mosquito! também não é assim! uma pessoa com encaixe treinado não realiza o gesto de forma homossexual... é uma questão chave: atacante de ponta e saída sem encaixe não existe! ou então come banco!	Mar 27
L	sei lá véio eu quebro a munheca sim não vejo isso com olhos de pré-conceito. acho q dá mais opções de finalizar uma bola, já q é mais fácil de "cravar" uma bola assim, sem dar chances de defesa.	Mar 28
L	ainda mais quando o levantamento sai meio quebrado, dá pra trabalhar melhor a bola assim.	Mar 28
B	Eu ataco com a mão aberta e reta [3]	Apr 3
G	eu naum fasso munheca erro bola mas naum faso	Apr 9

Na comunidade “os volei-maniacos do Grajau”, há um tópico em que o autor pergunta “Porquê o Volei bol atrai tanto Viado?”. A resposta que ele mesmo oferece é a seguinte: “Na minha opinião é porquê este esporte permite que eles fiquem a vontade na hora da cortada: DESMUNHECANDO!!!!”. “DESMUNHECANDO” está em destaque no comentário de M., porque o ato de desmunhecar (que consiste no posicionamento das mãos para baixo, em direção aos pulsos) é entendido como feminilizante e como sendo típico de gays. Seria um ato realizado no momento de ataque, no momento da “cortada”. Um outro membro comentou que “é porque o vôlei é jogado com as mãos, ao contrario do futebol que é com os pés e é um esporte machista, na verdade é uma forma de protesto, eu acho!”. Parece, então, por ambos os comentários, que há, de fato, muitos gays que praticam vôlei, já que isso não foi problematizado pelos membros e que o próprio esporte é que oferece uma oportunidade para que gays – os quais, neste caso, são designados pelo termo pejorativo “viados” – possam praticá-lo. Embora seja complicado levar tal conclusão a sério, já que a própria pergunta produz um viés nas respostas oferecidas pelos comentadores, fazendo com que identifiquem algo na essência do vôlei que possa conter o germe do interesse dos gays por este esporte, podemos perceber a tendência em dizer que o uso das mãos e o movimento que se faz com elas (de “quebrar a munheca”) enseja a apropriação desta modalidade pelos gays. Não é possível determinar se a percepção da realidade social do voleibol precede a elaboração de uma resposta que a vincule a algo que está na “essência” do jogo ou se, de fato, se crê numa essência feminina do voleibol que preceda e permita a presença de mulheres e gays.

Figura 2. A questão do gênero e das técnicas corporais na comunidade *Os vôlei-maníacos do Grajaú*, do Orkut.



The screenshot shows a forum thread on Orkut. The community is 'Os vôlei-maníacos do Grajaú' (21 members). The thread title is 'Porquê o Volei bol atrai tanto Viado?'. The thread contains two messages:

- Message 1 (M):** 'Porquê o Volei bol atrai tanto Viado?'
Na minha opinião é porquê este esporte permite que eles fiquem a vontade na hora da cortada: DESMUNHECANDO!!!! (1/21/06)
- Message 2 (B):** 'É porque o vôlei é jogado com as mãos, ao contrario do futebol que é com os pés e é um esporte machista, na verdade é uma forma de protesto, eu acho!' (7/1/06)

Navigation links include 'first', '< previous', 'next >', and 'last'. A 'reply' button and a 'report spam' button are visible at the bottom.

Fonte: Orkut, 2009

Na comunidade “Jogo vôlei com orgulho”, N., uma menina, membro da comunidade, fornece a seguinte resposta ao tópico “pq pessoas acham que vôlei é coisa de gay ou mulher?”: “Grande merda, só pq tenque vira a mão pra ataca é gay...acho isso ridiolo”. E prossegue com novo comentário:

Mas tipo se tu for vê vôlei é um esporte de Patty, eu não acho isso, mas tipo é um esporte que tu menos se machuca e é menos violento, isso é que é o bom, basquete tu caide cabeça no chão, futebol tu fica com as perna inchada de tanto chute, handboll vai que te enfiam os dedos nos teus olhos, se tu for vê o vôlei é um esporte muito bom!o perigoso é da uma bolada na cara (o que eu já levei miléssimas vezes) só que a dor passa, e se tu tiver sem joelheira e raspa o joelho vc não caiu certo e também passa! (N., membro da comunidade *Os vôlei-maníacos do Grajaú*, do Orkut, 2009).

Ter que “vira a mão pra ataca” e ser “menos violento”, segundo N., são aspectos que fazem parte da essência do jogo e que contribuem para que as pessoas achem que o vôlei é um esporte de gay ou de mulher. Aliás, essa não é a primeira vez que a quase ausência de

violência física aparece como uma das razões pelas quais o voleibol é visto como um “esporte de mulher”. Mencionei, no tópico anterior, o caso de Ana, cuja mãe sugeriu que praticasse um esporte que não fosse tão violento quanto o basquete, esporte que praticava. Ana decidiu, então, praticar vôlei, não recebendo qualquer reprimenda por ter feito tal opção. Chama a atenção também o fato de nenhum dos membros negarem que há essa associação do vôlei com gays e/ou mulheres, revelando que ela é bastante corrente, pelo menos no Brasil.

Figura 3. Discussão sobre gênero e técnicas corporais no voleibol em uma comunidade do Orkut



The image shows a screenshot of a forum thread on Orkut. The thread title is "pq pessoas acham q volei é coisa de gay ou mulher?". The forum is titled "Jogo volei com orgulho" and has 1,201 members. The thread contains four posts:

- Post 1:** User N. (11/1/07) says: "Grande merda, só pq tenque vira a mão pra ataca é gay... :~ acho isso ridiolo!"
- Post 2:** User N. (11/1/07) says: "Mas tipo se tu for vê o Vôlei é um tipo de esporte de patty, eu não acho isso, mas tipo é um esporte que tu menos se machuca e é menos violento, isso é que é o bom, basquete tu caide cabeça no chão, futebol tu fica com as perna inchada de tanto chute, handboll vai que te enfiam os dedos nos teus olhos, se tu for vê o vôlei é um esporte muito bom! o perigoso é da uma bolada na cara (o que eu já levei miléssimas vezes) só que a dor passa, e se tu tiver sem joelheira e raspa o joelho vc não caiu certo, e também passa! ^^"
- Post 3:** User D. (2/3/08) says: "Ignorantes retardados.....!!! Cara, tem gente que ainda tá nessa?? Faça-me favor....."
- Post 4:** User S. (2/17/08) says: "é pq eles ñ devem saber joga são uns nubis^^"

The interface includes navigation links like "first", "< previous", "next >", and "last", as well as buttons for "reply" and "report spam".

Fonte: Orkut, 2009.

A partir do que foi dito, podemos concluir que as classificações resultam de uma decodificação (consciente ou inconsciente) e atribuição de significados à postura corporal dos jogadores, realizada pelo indivíduo que emite juízos de valor sobre a prática, conforme seu modo de percepção do corpo e seu envolvimento com o esporte em questão (no caso, o voleibol). A decodificação e a classificação frequentemente combinam: (a) uma análise (consciente ou inconsciente) do conjunto de técnicas utilizadas para a prática do esporte,

independentemente daquele (ou daquela) que as emprega, abstraída dos corpos, portanto, com (b) uma avaliação da postura corporal daqueles que jogam, os quais, a despeito de modularem as técnicas de maneiras singulares, são influenciados pelos modos de fruir do corpo socialmente especificados para cada gênero. Em outras palavras, a classificação que se elabora a partir da prática depende do jogo e de suas técnicas específicas (como apreendidas nos manuais especializados no voleibol, que ditam as maneiras apropriadas de execução, e em opiniões apresentadas aqui, como a de Edson), e também daqueles que as põem em prática de acordo com seus modos singulares de utilizar o corpo e do ponto de vista dos que apreciam (no duplo sentido de “avaliar” e/ou de “gostar de”). Depende dos aspectos universais do jogo, que são concebidos de uma forma singular em cada contexto cultural, e das maneiras peculiares de se praticar voleibol nos diferentes contextos. Mas não é só isso: depende também da posição social de quem classifica, do envolvimento com o vôlei (no caso em questão) e com os demais esportes da pessoa que classifica (ou seja, se é praticante ou não, torcedor ou não), dos valores sociais que definem os conteúdos das noções de masculino e feminino e também das classificações pré-elaboradas sobre cada um dos esportes.

Além das técnicas utilizadas dentro das quadras – quer dizer, não apenas as necessárias para se jogar voleibol, das técnicas comumente usadas pelos jogadores nas comemorações dos pontos, nos cumprimentos, por exemplo, ou até mesmo em situações dentro de quadra que não têm a ver com o jogo propriamente dito –, há os sons, que também compõem a atmosfera do jogo, fazendo parte da dimensão do sensível. Acredito que esses aspectos físicos contribuam para diferenciar o voleibol dos demais esportes e não podem ser negligenciados, uma vez que as pessoas (sejam elas não-praticantes ou praticantes) também produzem avaliações a partir deles.

Além das já citadas falas de jogadores (“Arrasou, bi!”) e provocações (“Toma, vaca!”, “Salta, chica!...”), é comum que gritos e gemidos dos jogadores e jogadoras sejam ouvidos durante os treinos e jogos, sendo mais frequentes em determinados momentos, como durante uma cortada ou um saque realizado com força, após um bloqueio e na comemoração dos pontos.

Durante os treinos da equipe feminina da AVS, mais precisamente nos “coletivos”, ou seja, no momento em que o técnico formava duas equipes com o intuito de simular e preparar

para os jogos oficiais, era muito comum as meninas soltarem gritos agudos, tanto quando golpeavam fortemente a bola, como quando pretendiam chamar a atenção da levantadora, a fim de que esta lhes servisse, passasse a bola para executar a “cortada”. Também entre os meninos/homens os gritos e gemidos são comuns. Ouvem-se desde gritos e gemidos mais marcadamente roucos e masculinos como também aqueles mais femininos, cujo intuito era frequentemente de provocar, apesar de que, às vezes, era para divertir. Cito novamente Edson, que gritava alguns “uuuuuhhh” agudos ou “oiiiiiiiiiiiii, meu bem!”.

Portanto, a presença maciça de gays, as provocações durante os jogos, a grande presença de mulheres, as técnicas corporais e a sonoridade própria dos jogadores e jogadoras de voleibol são fatores que estão relacionados com as concepções de que o voleibol seria um “esporte feminino/para mulheres/mulherzinha/de gay”. Não são aspectos que podem ser tomados isoladamente. A combinação e a sobreposição de todos esses fatores contribuem para a manutenção dessas classificações correntes do voleibol. Eles se enovelam e se reforçam mutuamente.

Podemos notar que até mesmo os uniformes, como complementos modeladores ou mesmo extensões do corpo, contêm uma simbologia reveladora, a qual está ancorada em determinadas concepções e que eles próprios materializam. No futebol, esporte tido como eminentemente masculino, os uniformes femininos são semelhantes aos masculinos. Por isso, muitas vezes quando se está assistindo a jogos de futebol feminino pela televisão, nota-se uma semelhança desconcertante entre ambos, que só é atenuada pela cadência do jogo, que os diferencia. No vôlei, os uniformes masculinos e femininos são facilmente distinguidos, sendo os segundos muito mais curtos, agarrados ao corpo de forma a acompanhar seus contornos. Quer dizer, o vôlei feminino detém uma independência, dispondo de um espaço consolidado no imaginário esportivo brasileiro, que pode ser uma das consequências da concepção de que o voleibol é um “esporte feminino” e/ ou “de mulher”, ou, ao menos, feminino e masculino, como veremos na próxima seção.

Por fim, não posso deixar de citar as próprias regras que moldam o próprio jogo, proibindo e permitindo certas técnicas corporais, mesmo embora não ditem totalmente o modo como elas devem ser executadas, determinam o material a ser utilizado para se jogar, e as punições para infrações. Antônio, companheiro da equipe da Federal citado no começo do tópico, fez a seguinte observação, pouco antes de um amistoso contra a equipe AVS, após ter refletido uma semana sobre a pergunta que eu havia lhe feito, que dizia respeito sobre o porquê de ele acreditar que as pessoas enxergavam o vôlei como esporte feminino:

Eu acho que é porque no vôlei tem muitos gays. E são gays que não estão nem aí, que são afeminados mesmo! E eu acho que tem bastante gay afeminado porque a rede protege. Não é que nem no futebol que não tem nada para proteger. No vôlei tem a rede. Fica muito mais difícil o cara bater no adversário. A rede meio que impede o contato. Não é que nem no futebol americano, por exemplo. Lá se os caras ficam sabendo que o cara é gay, eles vão bater mesmo.

Quer dizer, no vôlei as regras oferecem uma maior proteção aos jogadores, permitindo que eles se comportem de uma forma que talvez fosse ser repreendida pelo adversário em um esporte como o futebol americano, como menciona Antônio, ou mesmo no próprio futebol.

CAPÍTULO 4. VÔLEI: ESPORTE DE MULHER? ESPORTE DE MULHERZINHA? ESPORTE FEMININO? ESPORTE MASCULINO E FEMININO? ESPORTE MASCULINO?

Juntamente com os relatos de minhas experiências, aponte a existência das concepções e classificações do vôlei como “esporte feminino”, “esporte de mulher” e “esporte de mulherzinha”. Porém, o fiz sem a devida sistematicidade, não apresentando, até o momento, uma definição para cada uma delas. Para defini-las, parto de minhas experiências e também de dados veiculados na plataforma de sociabilidade virtual *Orkut*, uma vez que não são expressões exatamente equivalentes, conquanto possam estar intimamente relacionadas.

Antes disso, porém, creio que seja essencial, em primeiro lugar, assinalar que essas classificações emergem, sobretudo, quando se efetua uma comparação entre o voleibol e os demais esportes. Dentre estes, podemos destacar o futebol, já que ele aparece, frequentemente, no discurso não só dos próprios praticantes de vôlei como também dos não-praticantes, como ponto de partida para as comparações. Por isso, darei ênfase no cotejamento entre vôlei e futebol, mesmo embora fosse interessante investigar a relação entre aquele e os demais esportes, tanto numa perspectiva sincrônica como numa perspectiva histórica⁴⁰.

Há autores que parecem assumir que o futebol é um esporte inerentemente masculino, que dispensa comparações com outros para afirmar sua masculinidade, como, por exemplo, DaMatta (1982) e Souza (1996a). Em outras palavras, para ambos, o jogo apresentaria, independentemente de quem o pratica e do contraste com outros esportes que poderiam ser menos masculinos ou femininos, características que o enquadrariam no universo masculino.

Souza, embora se esforce por se distinguir de DaMatta, tenta explicar tal fato pelas técnicas e regras, assim como por uma simbologia própria do futebol, que supostamente o endereçaria ao universo masculino, esquecendo-se do caráter relacional das classificações. Analisado por esse ângulo, o autor não parece se distanciar, a meu ver, tanto assim de DaMatta. A tese de Souza está condensada neste trecho:

O futebol pertence a uma categoria de esportes que tem como um dos ingredientes centrais a aceitação social de expressões ritualizadas de violência física. De fato, numa partida de futebol acontece a simulação de um confronto, onde as equipes são

⁴⁰ Seria interessante, dentro de uma perspectiva histórica, pensar na relação entre o vôlei e o basquete, já que ambos disputaram, por longo tempo, a preferência do público brasileiro e também disputaram em número de praticantes, tendo o voleibol levado vantagem principalmente neste último aspecto, como apontam alguns sites. Dentre eles: <http://lista10.org/miscelanea/os-10-esportes-mais-praticados-no-brasil/>. Acessado em 20/12/2009.

autorizadas, até certo ponto, a praticar a violência, representando uma luta. (...) O futebol, ao aceitar alguns tipos de enfrentamentos, torna-se um *affaire d'honneur*, pois qualquer forma de afronta física significa uma afronta à honra. Em outras palavras, a “esfera ideal” que rodeia uma pessoa de honra fica manchada com uma afronta física. (...) É por isso que o futebol é endereçado ao universo masculino, ou aponta para a construção de papéis masculinos, pelo menos nas sociedades “mediterrâneas”, pois todos os esforços dos jogadores de uma equipe se direcionam a barrar as ações dos adversários em busca do triunfo (a ‘violação’ de seu próprio gol), e em impor a sua própria vontade (a ‘conquista’ do gol do adversário). Pode-se também perceber que existem algumas normas de masculinidade no futebol, tanto entre jogadores, como entre torcedores, que enfatizam a capacidade de luta e a “garra”. Estas mesmas formas de masculinidade podem ser encontradas, em um outro grau, nas expressões tradicionais de masculinidade ligadas à honra nas sociedades que praticam o futebol de forma preferencial (SOUZA, 1996a, p. 50).

Às razões simbólicas ressaltadas pelo autor para a justificativa da masculinidade do futebol, vê-se que ele acopla uma outra justificativa por meio técnicas corporais do futebol, ressaltando a possibilidade da afronta física e da violência. Vemos, aqui, o contato físico direto e a violência como fatores que emprestariam uma feição masculina ao esporte.

A universalidade das regras e de grande parte das técnicas parece garantir, para o autor, a universalidade da classificação de um esporte como masculino, mesmo que ela seja entendida dentro dos limites das sociedades mediterrâneas. Creio que, de fato, isso desempenhe um importante papel, como venho demonstrando.

Porém, a despeito de concordar que as técnicas peculiares de cada esporte influem nas maneiras como as pessoas os concebem, introduzi alguns argumentos que tornaram um pouco mais complexa essa fórmula simplista e corrente que se inclina a considerar que o modo como as pessoas concebem as diferentes práticas é quase que inteiramente determinado pelas características gerais do jogo, moldadas pelas técnicas e regras, sempre pensadas de forma abstrata, descoladas dos corpos e suas especificidades. Agora, apresento um outro argumento.

É óbvio dizer que o futebol, no Brasil, é considerado um “esporte masculino”, “esporte de homem” e até mesmo pode soar como um pleonasmo colocar as coisas nesses termos. E, por se tratar de um esporte muito popular, serve como paradigma comparativo para todos os outros. Dessa forma, a concepção e a classificação do vôlei como um esporte “para moças”, “de mulherzinha”, “feminino”, ganham sentido numa forma de pensar organizada pelo binômio masculino/feminino, na qual há uma evidente hierarquia entre os elementos, “há uma

constante estrutural de assimetria na montagem das relações entre os gêneros” (HEILBORN *apud* TORRÃO FILHO, 2005, p. 140). Neste caso, o futebol é o elemento que contrasta com o voleibol e hierarquicamente superior dentro do binômio futebol/voleibol.

Em outro registro, sugiro que, para além da forte presença dos gays e mulheres⁴¹ e das técnicas do voleibol, há a questão capital do modo como são realizadas as classificações, que conteria a possibilidade de que as atribuições não feitas ao futebol fossem endereçadas ao voleibol, por ser o segundo em preferência nacional. De fato, como venho demonstrando desde o primeiro tópico, no Brasil, o contraste com o futebol é importante, contribuindo para potencializar a concepção do vôlei como “esporte feminino/de mulher/de “viado”, que chega às técnicas, aliando-se, então, a uma certa concepção de que estas seriam femininas. Tal concepção está concatenada à discriminação entre técnicas – num sentido mais amplo, não só as do vôlei – masculinas e femininas dentro do universo simbólico brasileiro. Produz-se, dessa forma, um senso de que o voleibol dispõe de uma natureza feminina, que enseja e se coaduna, não por acaso, à presença expressiva de gays assumidos e mulheres. Penso ainda que o contraste com outros esportes coletivos, como o basquete, também pode ter influenciado na classificação do vôlei como “esporte feminino”, “de mulher”, “de viado”, especialmente se levarmos em conta que o basquete detinha, até a década de 1980, o segundo lugar em preferência nacional e o perdeu para o vôlei, como apontam algumas fontes⁴².

Novamente advogo a utilização de uma noção de gênero mais ampla, encontrada em Strathern (2006) e Bourdieu (2005), por exemplo, que possa ser aplicada ao voleibol e ao futebol, no nível simbólico, o qual detém uma certa autonomia em relação ao plano

⁴¹ De acordo com os dados coletados por Coelho (2009), o voleibol é o esporte preferido das mulheres. O gráfico apresentado pela autora, disponível no *site* www.volei.org.br, quantifica essa preferência, revelando que o voleibol é o esporte preferido de 77,3% das mulheres. Coelho apresenta, ainda, uma outra pesquisa de opinião, que foi realizada no dia 7 de novembro de 2005, no restaurante Bon Grillê do Shopping Ibirapuera. Assinala que *a pesquisa em questão originou-se da não adesão do público feminino à "Promoção Pepsi-Bon Grillê", a qual brindava o consumidor com um card de jogadores de futebol a cada refeição, e com uma bola de futebol ou uma camisa da seleção a cada dez refeições. A proposta da pesquisa era avaliar se o público feminino trocaria a bola de futebol pela de vôlei e/ou a camisa por um top (vestimenta feminina para a prática de esportes). Os resultados revelaram que apenas 6,25% das mulheres entrevistadas acharam a promoção ótima, enquanto 62,5% a acharam indiferente; 75% das mulheres trocariam a bola de futebol pela de vôlei e 93,75% trocariam a camisa pelo top (:70). Por meio destes resultados, a autora postulou uma "feminilização" do voleibol.*

⁴² Eis alguns dos *sites* que indicam que o vôlei é atualmente o segundo em preferência nacional: http://blog.educacional.com.br/educacao_fisica/2010/09/03/por-que-o-voleibol-e-o-segundo-esporte-do-brasileiro/, <http://www.brasilprofissoes.com.br/profissoes/jogador-de-v%C3%B4lei>, http://www.cbv.com.br/cbv2008/vivavolei/desc_programa.asp. Nestes sites encontrei a afirmação de que o basquete já foi o segundo esporte preferido pelos brasileiros: <http://net-esportes.blogspot.com/2011/02/memoria-do-nosso-basquetebol.html>, <http://blogdobirner.virgula.uol.com.br/2010/08/30/feliz-por-voltar-a-ver-o-brasil-competindo-no-basquete/>, <http://www.esportefino.net/basquete-ainda-pode-ser-esporte-numero-2-do-brasil/>. Acesso em: 25/01/2010.

sociológico, quer dizer, aos praticantes e não-praticantes. Aí já não importa tanto se os praticantes são mulheres, se são gays assumidos ou não, se apresentam performances feminilizadas.

As circunstâncias que levaram o voleibol a galgar ao posto de segundo esporte nacional contribuíram, pois, para a produção e reprodução das concepções que tomam esta modalidade como feminina, realçando o contraste com a modalidade de maior apelo social, que é o futebol.

Tadeu, de 21 anos, um de meus companheiros da equipe da AVS, forneceu-me um depoimento que salienta esse contraste com o futebol, quando lhe perguntei se acreditava que o voleibol era um esporte mais feminino ou mais masculino:

Tadeu: Não, eu não acho que seja nem masculino nem feminino, porque, assim, digamos, o Brasil, ele é um país de futebol e futebol é um esporte voltado pra homem. A mesma coisa, se você vê um homem jogando fute...é, vôlei, é a mesma coisa que ver uma mulher jogando futebol. Porque o vôlei, pelo menos no Brasil, eu acho...eu penso que o vôlei ele é conhecido mais como um esporte feminino, mas não que os homens não possam jogar.

Leonardo: O que você acha?Você?

Tadeu: Eu acho que não, que não. Eu acho que é um esporte, digamos, unissex.

Leonardo: E o que você acha que os outros acham?

Tadeu: Os outros acham ao contrário, acham que o esporte feminino, é...o vôlei é um esporte feminino.

Leonardo: Cem por cento?

Tadeu: Cem por cento.

Leonardo: Todo mundo fala que é unissex e depois todo mundo fala que, que...

Tadeu: Embora o vôlei masculino...O vôlei, ele embora...o masculino que trouxe mais, assim, como que fala? Mais títulos... O masculino trouxe mais títulos... Pelo menos aqui, eu acho que, no Brasil, ele é considerado um esporte feminino, mas fora não é, eu acho, um esporte masculino.

Leonardo: Pra fora?

Tadeu: Pra fora.

Leonardo: Hã, e você tem alguma razão especial que você acha isso no Brasil e outra não, assim, pra fora?Outra razão pra fora?Porque você acha que pra fora é diferente...

Tadeu: Não, porque pra fora, hã, assim, o pensamento do brasileiro é futebol. O povo pensa em futebol o resto da vida, que futebol é esporte de homem. Ainda os homens só aceitam a...as mulheres jogando, porque homem, né? E, agora, o masculino...Os outros países, não. Os outros países eu acho que eles não são, que

eles não querem saber se é um esporte feminino ou se é masculino, eles querem saber de títulos, de...Como eu posso falar?

Leonardo: Conquistas?

Tadeu: Não, eles querem saber assim de, de, de...Eles querem ver você jogando e querem ver você ganhando, querem saber de vitória, de conquistas. Não tá nem aí se é esporte masculino ou feminino.

Fernanda, de 15 anos, jogadora da AVS, fornece uma resposta semelhante à mesma pergunta que fiz a Tadeu:

Fernanda: Há uma questão. Pro voleibol masculino, há um preconceito...Muito forte...Porque, no entanto, é...No time de São Carlos mesmo há bastante gente...gay...e, eu sou completamente a favor, sabe?Eu não tenho nada contra, eu gosto de pessoas lésbicas, gay, viado, seja o que for...Eu amo tá no meio deles, porque são essas pessoas que têm consciência, que tem duas cabeças. Uma cabeça é que ela dá valor uma a outra e sabe respeitar. O lugar que ela tá, ela sabe se colocar no lugar que ela tá. Agora, assim, como eu tava dizendo, há um preconceito porque quem vê de fora, quem não gosta de vôlei, que é muito superior, assim, o futebol, fala: “Aquele lá tá jogando vôlei, hum, é gay!”

Leonardo: E é geralmente, assim...Você acha que é geralmente quem joga futebol?

Fernanda: Também, é...Mas, assim, quem critica mesmo são os jogadores, são quem joga futebol, quem se acha mesmo os machão. E, assim, o voleibol é abertamente para todas as idades, pra todos os sexos, independente de como que a pessoa é...se ela é doente mental, se ela é deficiente física, sabe? Independente...é livre, é um esporte que também ajuda.

Leonardo: Então você não acha que é nem feminino nem masculino?Você acha que é os dois mesmo?É feminino e masculino ao mesmo tempo?

Fernanda: Assim, a questão, a diferença é que existe o preconceito no masculino. É a mesma coisa no futebol. Menina jogando futebol é sapatona, é lésbica, entendeu?E no vôlei, homem jogando vôlei é gay.

Coelho (2006, p. 28) apresentou uma declaração que converge com as outras duas, proferida por um casal de torcedores:

B. e D. – casal de namorados que estavam presentes na torcida do UNIARA, no dia 04 de junho – confirmaram que o vôlei é mais feminino. Na tentativa de explicar esse fato, afirmaram que é por exclusão – uma vez que o futebol é muito masculino, grosseiro e violento. D. diz que vem ao jogo porque gosta e porque seu cunhado

joga no time do UNIARA, mais (*sic*) ainda assim prefere futebol; ao contrário de sua namorada, que “odeia” futebol.

Contudo, não poderíamos superestimar esse contraste, imputando a prevalência das concepções e classificações específicas do voleibol como “esporte feminino”, “esporte de mulher” e “esporte de mulherzinha” unicamente ao fato de que ele é o segundo esporte em preferência nacional, ou seja, acreditando que elas decorrem naturalmente do fato de que as classificações são realizadas de forma relacional e elaboradas em contraste com a classificação do futebol como “esporte masculino”. Os fatos e argumentos que relatei anteriormente revelam que essa hipótese tem fundamentos, mas que não se sustenta sozinha.

Sem pretensão alguma de fazer aqui uma etnografia histórica, é imperativo relembrar que, em seu manual de voleibol, Daiuto indica a existência dessa concepção de que o voleibol seria um “esporte próprio para moças” possivelmente por volta de fins década de 1970 e início da década de 1980⁴³. É época em que o voleibol estava iniciando seu processo de popularização e ainda rivalizava com outras modalidades, como, por exemplo, o basquete, na disputa pelo segundo lugar em preferência nacional. Portanto, essa concepção já existia num período que precede os relatos sobre minhas experiências e parecia ser difundida no Brasil. A meu ver, sugere, embora não explicitamente, a existência de outros elementos em jogo, como uma certa concepção acerca das técnicas corporais do voleibol. Dessa forma, como se pode captar pelo trecho do texto de Daiuto mencionado no tópico precedente, não seria possível atribuir a existência e prevalência delas somente a essa escalada no ranking das preferências.

Isso me fez refletir sobre a possibilidade de um vínculo entre a existência notória de gays e de uma certa performance feminilizada, a presença maciça de mulheres, as técnicas do vôlei e sua classificação como “esporte feminino”: será que tal classificação não precede e enseja a existência marcante de gays e mulheres no voleibol, fazendo com que vejamos suas peculiares técnicas corporais como femininas? Ou será simples coincidência? Ou, ainda: será que a presença de gays e mulheres precede e enseja as classificações e a visão das técnicas como femininas? Perguntas certamente prestimosas, para as quais, entretanto, é complicado fornecer uma resposta inequívoca. Não é possível determinar, com alto grau de certeza, o quê

⁴³ A estimativa da elaboração e publicação desta obra foi realizada com base em uma análise dos dados históricos apresentados por Moacyr Daiuto (autor), pela pesquisa de outras obras datadas deste mesmo autor, bem como pelo estado de conservação do livro. Além disso, a própria ausência de data nos leva a supor que o livro tenha sido publicado já há algum tempo.

conduziu ao quê. Porém, pelos motivos aventados, presumo que a concepção de que as técnicas do vôlei seriam essencialmente femininas e o contraste com o futebol, que foi se intensificando conforme o vôlei foi se popularizando, são aspectos preponderantes, embora não exatamente determinantes.

Não poderia negligenciar a existência dos defensores do voleibol como “esporte masculino” ou como “esporte masculino e feminino” (aqui, no sentido de esporte para homens e mulheres). Evidentemente, há quem considere o voleibol desta forma, como se pode notar pelos depoimentos de Tadeu e Fernanda, que o consideram como esporte para ambos os sexos. E não são apenas os jogadores e jogadoras, embora os jogadores tendam a ser os que mais expressam esse tipo de opinião. Perguntei também a Ícaro, de 28 anos, companheiro da equipe da Federal, se ele achava que o vôlei era um esporte mais feminino ou mais masculino. A resposta que obtive foi a seguinte:

Ícaro: Não, eu acho que não. Eu acho q é...É...Na minha percepção, das pessoas que eu já conversei, que eu já tive contato, é da mesma forma...Elas...É um esporte que pode ser praticado tanto como...Tanto pelo, pelo, pelo homem, como pela mulher, entendeu?Não tem aquela característica, ah, esse esporte é...tem uma característica feminina, este esporte tem uma característica só masculina, entendeu?Não vejo isso. As pessoas não têm essa...essa mentalidade, porque eu acho que se você for fazer uma pesquisa por aí, elas vão achar unissex também, sabe?Eu acho que nem é masculino nem é feminino...

Na opinião de Ícaro, assim como na de Tadeu, o vôlei seria um esporte “unissex”. Quer dizer, pode ser praticado tanto por homens quanto por mulheres, gays, lésbicas, travestis. O voleibol reúne características que o permitem ser concebido e classificado tanto como feminino quanto como masculino.

É notável que tenho desprezado, até o momento, a concepção do voleibol como “esporte masculino” ou “esporte para homens”, já que foram poucas as vezes que vi e ouvi algo nesse sentido. Parece-me, antes, que essa é uma concepção minoritária, frequentemente expressa por pessoas que têm como referência o voleibol profissional e que têm pouco contato com o voleibol amador.

Por isso, não estou completamente de acordo com o argumento de Miriam Adelman, apresentado no artigo “Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina”, em que, a despeito de mencionar que o vôlei esteja “de fato se tornando um canal de grande

mobilidade para as mulheres” (2003, p. 452), a autora insere o voleibol no rol de esportes masculinos, preterindo os discursos das jogadoras, como podemos flagrar neste trecho:

Essa postura contrasta fortemente com as atitudes expressas pelas jogadoras de vôlei⁴⁴. Várias das quais se empenharam em defender a ‘feminilidade’ da sua atividade esportiva, comparando-a com outros esportes praticados em equipe, como o basquete, o handebol e o futebol: *“Nunca gostei de basquete. Para a mulher, acho que torna muito masculina. Se você comparar as jogadoras de basquete com as de vôlei, você vê a diferença no físico. Elas são mais troncudas; têm um jeito diferente – eu não gosto!”*. A mesma preocupação com a ‘masculinização’ do corpo da atleta foi repetida por outra jogadora: *“O basquete é uma coisa muito masculina. Jogam com aquela bermudona e o corpo delas é mais quadrado... O vôlei já é uma coisa mais feminina. Tem mais atrativos do que o basquete. E isso muita gente fala: a gente vai lá, jogar com aquela sunguinha bonitinha, shortinho colado, chama a atenção!”*.

O desprezo pelos outros esportes, ‘mais masculinos’, e pelas atletas que os praticam leva a sugerir que utilizam essas comparações para sua autodefinição e para a construção da própria imagem. Duas delas enfatizaram que não gostariam que filhas suas chegassem a jogar esses esportes, citando o vôlei e a dança como atividades físicas muito mais adequadas (ADELMAN, 2003, p. 457).

A meu ver, o problema de Adelman é que, por assumir uma perspectiva mais sociológica, ela não leva a sério os depoimentos das jogadoras. Quando se referem ao vôlei como esporte que preserva a feminilidade quando comparado ao basquete e ao futebol, por exemplo, é provável que acreditem realmente que ele seja, se não essencialmente feminino, no mínimo mais feminino do que os outros esportes coletivos com os quais estabelecem comparações – “O vôlei já é uma coisa mais feminina”. Expressam uma concepção não restrita ao círculo das jogadoras de voleibol, possuidora de um alcance muito maior e que, provavelmente, nem mesmo floresceu dentro das quadras de vôlei. A autora parece interpretar o discurso das jogadoras como um evidente mecanismo de defesa frente a um potencial supostamente masculinizante do voleibol. Como venho demonstrando, os próprios praticantes (geralmente homens não-gays, mas também os gays) da modalidade tendem a concebê-la como uma modalidade esportiva mista, quer dizer, que, por suas características, pode ser praticada tanto por homens quanto por mulheres ou, então, como um esporte feminino

⁴⁴ Neste trecho do artigo, Adelman estabelece uma comparação entre o discurso das amazonas e das jogadoras de vôlei.

(usualmente mulheres e gays apresentam essa concepção). Dentre eles, cito novamente Edson, o qual acredita que a feminilidade do voleibol possa ser explicada pela “cultura corporal dos movimentos”. Assim, a concepção minoritária seria a do vôlei como “esporte masculino”.

Tadeu, companheiro da equipe da AVS, delineou um quadro explicativo bastante eloquente e que condensa muito bem o que eu deveria dizer. Para o jogador, os gays tendem a dizer que o vôlei é um esporte feminino; os homens praticantes de vôlei (não-gays) tendem a dizer que este se trata de um esporte masculino e feminino; os homens não-gays e não-praticantes estão inclinados a considerar o vôlei como esporte de “viado” e não propriamente de mulher; por fim, para ele, as mulheres diriam que o vôlei é um esporte feminino. Revela, a meu ver, uma percepção bastante acertada da realidade, demonstrando que a concepção do vôlei como “esporte feminino/de mulher/de viado” é, de fato, poderosa. A sociologia espontânea de Tadeu contradiz, por conseguinte, as colocações de Adelman.

Em contraposição, a pesquisa de graduação de Juliana Coelho (2009), já citada aqui, que resultou na elaboração e publicação do texto “Voleibol: um espaço híbrido de sociabilidade esportiva”⁴⁵, demonstra que o vôlei é uma modalidade esportiva tida amiúde como feminina, revelando uma percepção bem mais acurada da realidade do que Adelman. A autora empreendeu uma pesquisa com torcedores de voleibol, baseada em entrevistas e na observação participante em jogos de voleibol na cidade de São Carlos e de Americana, que ratificou sua hipótese de que predomina, no voleibol, um *ethos* feminino. Para explicar a existência dessa prevalência, apoiou-se nas entrevistas com torcedores e recorreu ao plano sociológico, centrando-se no fato de haver grande número de “homossexuais” (nas palavras da autora) tanto entre os torcedores como entre os jogadores, o que a levou a perceber um contraste com o caso do futebol no Brasil. Por meio da plataforma de sociabilidade virtual *Orkut*, ela verificou que a existência de homossexuais no voleibol era algo mais abrangente, não circunscrito à região por ela estudada, atingindo dimensões nacionais. A partir dessas constatações, introduziu um argumento interessante, fundado no fato concreto de que no futebol há um espaço reduzido para as feminilidades e para as masculinidades alternativas, o que contribui para que elas sejam impelidas para o voleibol, que “acaba se constituindo em um espaço de sociabilidade feminina e homoerótica”. Por superestimar esse fato, porém,

⁴⁵ O texto foi publicado e pode ser consultado em TOLEDO, L. H. & COSTA, C. E. *Visão de Jogo*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

atribui pouca importância à concepção de que o voleibol seria visto como feminino em virtude de suas técnicas.

Apresenta também uma discussão mais teórica a respeito de gênero, estabelecendo uma crítica aos binarismos e à ênfase que comumente se confere às oposições entre masculino e feminino. Com isso, chama a atenção para o caráter relacional das classificações (vôlei/esporte feminino e futebol/masculino) e procura mostrar as continuidades entre o masculino e feminino.

Mesmo assim, a ênfase que a autora atribui à existência de gays e mulheres no voleibol foi-me útil. Assim que me dei conta de que havia muitos gays que praticavam vôlei em São Carlos, ainda quando treinava com Fabiana, desenvolvi a curiosidade em saber se o mesmo ocorria em outras cidades, outros lugares do Brasil. Minha experiência na equipe da AVS, que tradicionalmente pagava jogadores de outras localidades para disputar campeonatos, revelou que tal fato não estava restrito apenas à cidade. Desde então, comecei a especular sobre a possibilidade de ser algo mais abrangente, talvez de alcance nacional e a pesquisa de Coelho pôs fim às minhas desconfianças.

De forma perspicaz, a autora utilizou o *Orkut*, que consiste numa plataforma de sociabilidade virtual, como ferramenta de pesquisa, o que lhe permitiu ter não só uma noção quantitativa da existência de gays e o peso que as pessoas atribuem a isso, senão também uma idéia da abrangência territorial desse fato. E o fez sem deixar de apontar que os dados apreendidos apresentavam o inconveniente de não refletir uma opinião geral, mas sim de uma determinada camada social que pudesse ter acesso à plataforma de sociabilidade virtual. Além disso, observou que os usuários do *Orkut* são, em sua maioria, adolescentes e adultos jovens, o que daria um viés etário à sua pesquisa. Ciente das desvantagens, a autora aproveitou bem as informações obtidas.

No seu período inicial de pesquisa, em 2006, encontrou uma abundância de comunidades que aludiam, de forma preconceituosa, à presença de gays. Eis alguns dos nomes de comunidades apresentados pela autora: “Vôlei é esporte de viado”, “Vôlei, um esporte de viado”, “Vôlei é esporte de viado!!!”, “Único time (vôlei) que não tem viado”, “Vôlei é coisa de viado”, “Eu odeio viado que joga vôlei”, “Quem joga vôlei é viado”, “Você eh gay ou joga vôlei?”, “Vôlei é coisa de boiola”, “Jogo vôlei e sou macho”, “Jogo vôlei, mas sou macho!!!”, “Jogo vôlei e sou muito macho”, “Jogo vôlei e não sou viado”, “Eu jogo vôlei e sou macho”, “Pratico (jogo) vôlei + sou macho”, “Jogo vôlei mas naum sou gay”, “Jogo

volei e não sou gay!” (COELHO, 2009, p. 76). Isso confirma que a presença de gays no vôlei realmente tem grande repercussão e é uma questão que não pode ser preterida.

No entanto, Coelho verificou que, justamente pelo conteúdo considerado pejorativo, preconceituoso e homofóbico, muitas dessas comunidades foram banidas do *Orkut*, por estarem em desacordo com as normas da plataforma. Imaginando que uma pesquisa como a empreendida pela autora pudesse ser profícua e admitindo, como ela, os inconvenientes da utilização de tal ferramenta, decidi, então, me arriscar numa tarefa similar.

Após uma breve pesquisa, constatei ainda a existência de algumas das comunidades referidas pela autora, bem como o aumento do número de seus membros, originários de diversas partes do Brasil. Contabilizei sete comunidades que possuem as palavras vôlei e macho em seu nome. São elas: “Jogo volei e sou macho”, “Jogo Volei E Sou Macho”, “Jogo Vôlei Mas Sou MACHO!!!”, “Jogo vôlei e sou muito macho”, “Eu jogo volei e sou macho”, “volei é também para machos”, “Sou macho e jogo volei”. São onze os nomes de comunidades que apresentam as palavras vôlei e gay: “jogo volei mas naum sou gay”, “VOLEY É COISA DE GAY!”, “Volei não é coisa de gay”, “VOLEY GAY”, “Jogo Volei, Mais Não Sou Gay”, “jogo volei mas não sou gay”, “Eu Jogo Volei e Não Sou Gay”, grande parte delas dando destaque à existência marcante e indesejada (por aqueles que não se veem como tal) de gays, que é reconhecida pelos próprios praticantes, sendo que quase todos os membros dessas comunidades eram meninos/homens.

Oito comunidades contêm em seu nome as palavras vôlei e “viado”: “Homem que joga volei nao é viado”, “Volei é esporte de viado!!!”, “Jogo volei mas não sou viado”, “quem joga volei é viado”, “Jogar volei é coisa de viado”, “Volei é esporte de viado”, “Viadagem no volei”, “volei é esporte di viado”, mostrando, novamente, o reconhecimento de praticantes, mas sobretudo o dos não-praticantes. Devido ao conteúdo menos pejorativo do vocábulo “gay”, podemos notar uma predileção dos próprios praticantes pelo seu emprego, ao invés da palavra “viado”, preferida pelos não-praticantes.

Pelas visitas que fiz às comunidades, pude perceber também a existência de uma miríade de tópicos que se destinavam a discutir a presença de gays no vôlei, assim como fatos e coisas do universo do vôlei que remetiam ao universo gay, o que automaticamente elevou meu interesse pelo *Orkut*, que passou a ser uma potente ferramenta de pesquisa, permitindo que captasse outras coisas além daquelas que buscava. Foi assim que pude apreender o fluxo de idéias expressas espontaneamente, sem a necessidade de uma interrogação artificial de minha parte, que poderia constranger os entrevistados. Permitiu que me esquivasse de

questões demasiadamente específicas. Assim, por exemplo, pude furtar-me a ter que perguntar às pessoas o que elas achavam do vôlei: se é um esporte masculino ou feminino? Tal questão poderia ocasionar uma diminuição do espectro de respostas, dado a sua robustez estrutural, que apresenta apenas duas opções (masculino ou feminino?), forçando o entrevistado a adequar sua resposta ao enunciado.

Mesmo assim, só na comunidade “Jogo volei e sou macho” notei a existência de cinco tópicos sobre o assunto: “Esporte de mulherzinha”, “Jogo de rejeitados ou afeminados?”, “Ridículo essa comunidade”, “Eu não quebro a munheca” e “Odeio gay jogando vôlei”. O primeiro tópico mencionado foi postado por R., um homem não-membro da comunidade, o qual, estabelece, interessantemente, demarcações e agrupa os esportes masculinos de um lado e os femininos de outro, despertando a reação dos membros que possivelmente praticam vôlei e rejeitam a concepção e classificação do vôlei como “esporte de mulherzinha”. Para ele, boxe, futebol e basquete são “esportes de macho”; vôlei e ginástica são “esportes de menina”.

Figura 4. Discussão sobre gênero, sexualidade e técnicas corporais dos esportes na comunidade *Jogo volei e sou macho*, do Orkut.



The screenshot shows a forum thread on Orkut. The thread title is "Esporte de mulherzinha". The breadcrumb navigation is "Home > Communities > Recreation & Sports > Jogo volei e sou macho > Forum > Messages". The thread shows 10 of 24 messages. The first message is from user "R" on 10/20/08, titled "Esporte de mulherzinha", with the text: "A vai pessoal..... vamos ser sinceros", "boxe, futebol, basquete, esporte de macho", "volei, ginástica, esporte de menina...", and "não tem como nega, é um fato". The second message is from user "H" on 10/20/08, titled "futebol é coisa de macho?", with the text: "20 homens correndo atrás da bola, pra chutar no gol e o goleiro ainda tem q segurar ela? nossa q macho". The third message is from user "D" on 10/21/08, titled "pois é concordoo". The fourth message is from user "J" on 10/21/08, titled "idependente da opção sexual os esportes foram criados para todos.". The fifth message is from user "J" on 10/21/08, titled "esse rodrigo deve fazer ou não algum esporte que no ponto de vista é de homem", with the text: "ele deve ter raiva do voley ser o 2 maior esporte nacional e que cada dia mais cresce.", "é por isso q o esporte do Brasil está longe de ser uma superpotencia por que a maioria só liga pro futebol e esquece os outros esportes.", and "Pq os E.U.A e a china tem mais de 200 de medalhas ? pq pra eles os esportes são tratados iguais. :)". The sixth message is from user "J" on 10/22/08, titled "É né o Ronaldinho pegador de traveco não joga vôlei , e sim futebol mané".

Fonte: Orkut, 2009.

As expressões correlatas “esporte de mulherzinha” e “esporte de menina” possuem um significado distinto das expressões “esporte de mulher” e “esporte feminino”. “Mulherzinha” remete aos modos femininos de ser, de expressar e de portar o corpo femininos não exercidos por mulheres/meninas, mas sim por homens/meninos. Ou seja, vôlei seria um “esporte de viado”, “de bichinha”, que são expressões cujos sentidos são bastante próximos aos de “esporte de mulherzinha” e “de menina”, quer seja por sua natureza, quer seja pelo expressivo número de gays que o praticam. São todas expressões tidas como pejorativas pelos nativos e que se referem a homens que se comportam de maneira feminilizada e/ou homens que se relacionam sexualmente com outros homens.

No tópico “Ridículo essa comunidade”, no qual a pessoa que o postou critica a comunidade por alimentar o preconceito de que quem joga vôlei seria menos homem, um dos comentários era o seguinte: “essa comu é mais pra zuar pessoas com o cérebro pequeno que acha voley é esporte de mulher, mas essa história não tem nada a ver”.

Há também outras comunidades de praticantes de vôlei cujos nomes não associam diretamente vôlei com gays, mas possuem tópicos sobre o assunto, como a comunidade “Jogo vôlei com orgulho”. Um dos tópicos para discussão possuía a seguinte indagação: “Pq as pessoas acham q vôlei é coisa de gay ou mulher?” Um dos indivíduos que postaram respostas disse o seguinte: “jogar vôlei é um esporte tão bom quanto para as mulheres quanto para os Homens (*sic*)”. Um outro concordou, apontando que: “vôlei é um esporte pra todumundu”. Quer dizer, para eles, o vôlei não é um essencialmente um esporte de gay; o vôlei é mais aberto a diferentes combinações de gênero, aceita “é bom para homens e mulheres”, “pra todumundu”, ou seja, gays, não-gays, lésbicas, não-lésbicas.

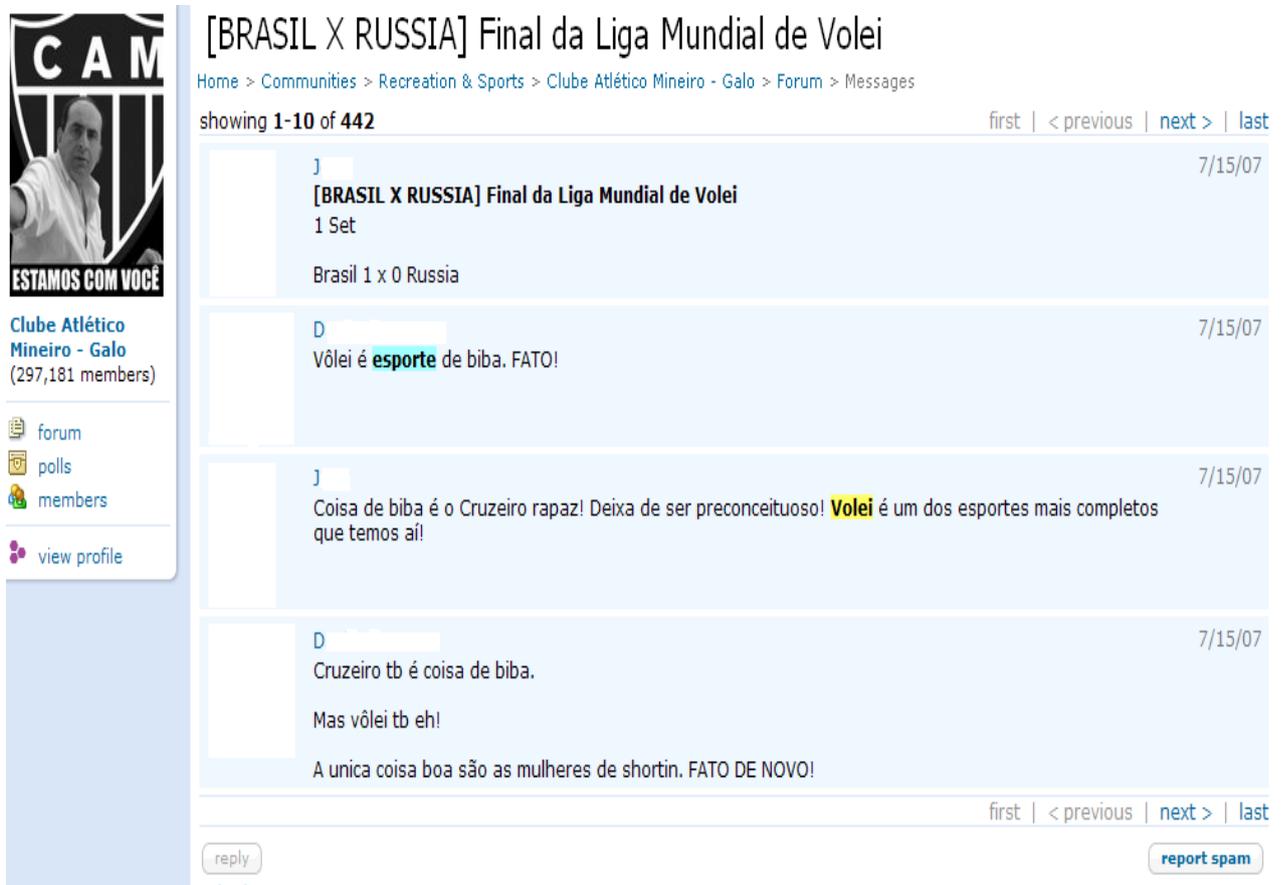
No tópico “Jogo de rejeitados ou de afeminados?”, o autor coloca a seguinte provocação para os praticantes de vôlei: “Contestando a descrição da comunidade, gostaria de saber a opinião de vcs. Pq me lembro que na escola quem jogava vôlei eram as crianças rejeitadas e afeminadas e que não jogavam futebol, as famosas “sobras””. Encontramos, dessa forma, ressonâncias com minhas experiências relatadas de infância e adolescência.

Figura 5. Discussão sobre gênero, sexualidade e técnicas corporais dos esportes na comunidade *Jogo volei e sou macho*, do Orkut.

The image shows a screenshot of a forum thread on Orkut. The community is "Jogo volei e sou macho" with 10,012 members. The thread title is "JOGO DE REJEITADOS OU AFEMINADOS?". The first post, dated 3/14/07, asks for opinions on the community's description, mentioning childhood experiences of being "rejected" and "effeminate" while playing volleyball, contrasting it with soccer. The second post, also dated 3/14/07, responds that being "connected" to those "parades" (referring to the "sobras" or "leftovers") doesn't mean one is no longer a man, and describes a supportive environment for MSM (Men Who Sex With Men) where they are celebrated and supported.

No tópico “[Brasil x Rússia] Final da Liga Mundial de Volei” da comunidade do time de futebol “Clube Atlético Mineiro – Galo”, elaborado para discutir e postar os resultados da Liga Mundial de Vôlei de 2007, um dos comentários, proferido por D., dizia o seguinte: “Vôlei é esporte de biba. FATO!”. J. rebateu esse comentário: “Deixa de ser preconceituoso! Volei é um dos esportes mais completos que temos aí!”. Mais adiante, D. coloca em questão um outro ponto que está relacionado, de alguma forma, à concepção do vôlei como “esporte de biba”: “O esporte em si é massa, nem falei que eh paia. Mas eh esporte de mulher véi, FATO”. J. replicou: “Volei é esporte de mulher? Que pensamento mais ignorante moçada! Quer dizer então que mulher não pode jogar futebol nem basquete que é esporte de homem? Puta que pariu! Que pensamento mais besta!”. Interessantemente, para responder, D. elabora uma fórmula: “vôlei eh um esporte sem contato físico = esporte para pessoas frágeis. Pessoas frágeis = mulheres ou bibas. Mas o esporte é massa!”. Parece, então, que o vôlei, para D., seria um “esporte feminino” (como se pode pensar a partir de “pessoas frágeis”), porque é, simultaneamente, “esporte de mulher” e “esporte de biba”. Ele entrelaça, por conseguinte, as três expressões mencionadas, a partir do estabelecimento de uma conexão semântica entre “biba” e “mulher”, através da noção de “fragilidade”, que é, portanto, o elo. A partir desse depoimento, podemos visualizar como a concepção do vôlei como esporte feminino comporta a possibilidade de performances feminilizadas, permitindo que elas sejam integradas através de um ajuste simbólico. Também podemos dizer que as performances feminilizadas sustentam tal concepção, além, é claro, de sustentarem e serem amparadas pela própria concepção do vôlei como “esporte de biba”.

Figura 6. Discussão sobre gênero e sexualidade nos esportes na comunidade *Clube Atlético Mineiro – Galo*, do Orkut.



The screenshot shows a forum thread on Orkut. On the left is a sidebar for the community 'Clube Atlético Mineiro - Galo' with 297,181 members. The main content is a thread titled '[BRASIL X RUSSIA] Final da Liga Mundial de Volei' with 442 posts. The thread contains four posts from July 15, 2007, discussing the match and making derogatory comments about the 'biba' (gay) community.

[BRASIL X RUSSIA] Final da Liga Mundial de Volei
 Home > Communities > Recreation & Sports > Clube Atlético Mineiro - Galo > Forum > Messages
 showing 1-10 of 442 first | < previous | next > | last

J [redacted] 7/15/07
[BRASIL X RUSSIA] Final da Liga Mundial de Volei
 1 Set
 Brasil 1 x 0 Russia

D [redacted] 7/15/07
 Vôlei é **esporte** de biba. FATO!

J [redacted] 7/15/07
 Coisa de biba é o Cruzeiro rapaz! Deixa de ser preconceituoso! **Volei** é um dos esportes mais completos que temos aí!

D [redacted] 7/15/07
 Cruzeiro tb é coisa de biba.
 Mas vôlei tb eh!
 A unica coisa boa são as mulheres de shortin. FATO DE NOVO!

first | < previous | next > | last
 reply report spam

Fonte: Orkut, 2009.

Figura 7. Discussão sobre gênero, sexualidades e técnicas corporais na comunidade Clube Atlético Mineiro - Galo, do Orkut.



[BRASIL X RUSSIA] Final da Liga Mundial de Volei

Home > Communities > Recreation & Sports > Clube Atlético Mineiro - Galo > Forum > Messages

showing 21-30 of 442 first | < previous | next > | last

D 7/15/07
o esprete em si é massa, nem falei que eh paia.
mas eh esporte de mulher véi, FATO

J 7/15/07
Volei é esporte de mulher? Que pensamento mais ignorante moçada!
Quer dizer então que mulher não pode jogar futebol nem basquete que é esporte de homem? Puta que pariu! Que pensamento mais besta!
1 set
Russia 12 x 9 Brasil

C 7/15/07
volei é de biba mesmo

D 7/15/07
rolava um off aki mesmo... mas enfim...
ngm aki falou que futebol eh esporte de homem!
só tamo falando que volei eh de mulher! u heuaheuaha

J 7/15/07
Russia 14 x 10

D 7/15/07
volei eh um esporte sem contato fisico = esporte pra pessoas frágeis
pessoas frágeis = mulheres ou bibas
mas o esporte é massa!

Fonte: Orkut, 2009.

Assim, quando ele diz que vôlei é “esporte de mulher” e vôlei é um esporte “sem contato físico”, pode-se inferir que se trata de um esporte adequado para mulheres por causa de sua “natureza”, ou seja, de características que lhe são próprias, tendo, por conseguinte, um sentido bastante próximo ao que acredito que tenha a expressão “esporte feminino”. Em outras palavras, parece remeter à concepção de que o vôlei é intrinsecamente, em função de suas regras e técnicas, um “esporte feminino”, independentemente de quem o pratica, se homem ou mulher. Adicionalmente, e essa é uma possibilidade um pouco mais remota no caso em questão, pode estar se referindo ao fato de que há uma quantia significativa de mulheres que praticam voleibol, especialmente quando o comparamos com outros esportes coletivos, aproximando-se, novamente, da expressão “esporte feminino”. Assim, ambas as

classificações se interseccionam, embora acredito que possuam uma diferença de ênfase. “Esporte de mulher” parece se referir mais a quem deve praticar vôlei, no caso, as mulheres, enquanto “esporte feminino” coloca o aspecto da essência feminina em primeiro plano. Essa essência feminina convidaria à prática do vôlei homens/meninos que dispõem de um jeito feminino de portar o corpo, não necessariamente gays.

Os exemplos de comunidades e tópicos sobre o vôlei como “esporte de biba”, “de mulher”, “feminino” são tantos que não conseguiria aqui analisar todos. Foi assim que pude notar a importância da questão, sobretudo para os meninos/homens, que se empenham em rebater essas concepções, entendendo-as como preconceituosas. Creio que seria dispensável a dedicação a tal tarefa, posto que as opiniões se repetem e se reforçam.

Esses dados bastaram para que eu percebesse que, a despeito de não poder considerá-las como equivalentes, todas essas concepções e classificações parecem contribuir para a visão de que o voleibol é um “esporte feminino”, posto que, no exercício reiterado de classificação do voleibol como “esporte de mulher”, “esporte de mulherzinha”, “de biba”, “de viado”, “esporte feminino”, fortalece-se a visão de que o esporte carrega, em sua essência, elementos que o permitam ser identificado como feminino, dado o vínculo que os nativos estabelecem entre “biba” (ou “mulherzinha”, “viado”, “menininha”), “mulher” e “feminino”.

De fato, a pesquisa proporcionou que eu vislumbrasse um universo multifacetado, no qual convivem concepções do voleibol como “esporte para homens e mulheres”, ou “esporte próprio para mulheres”, ou “esporte de mulherzinha” ou “esporte feminino” e que certamente reforçam umas às outras. Elas se embaralham e dependem da posição ocupada por quem estabelece as classificações.

Obviamente, não estou afirmando que o voleibol, no Brasil, é visto unicamente da forma como apresentei. Ele pode ser percebido e classificado como masculino, masculino e feminino, feminino ao mesmo tempo, dependendo da posição social e do envolvimento com o esporte de quem percebe e classifica. O que estou indicando é a prevalência, sobretudo fora das quadras, da concepção de que o vôlei é um “esporte feminino”, que é claramente sentida pelos praticantes, a maior parte dos quais, porém, não compartilha dessa idéia. Ela é resultado de múltiplas aproximações entre o masculino e o feminino, que se dão em diversos níveis, como, por exemplo, no caso do jogador com gestos efeminados ou nos casos em que homens

e mulheres, meninos e meninas, se agrupam para jogar voleibol, em contraste com o futebol, por exemplo, e também com o boxe⁴⁶ em que essas situações são pouco vislumbradas.

E também é produtora de situações aparentemente conflituosas. Na maior parte das vezes, os próprios jogadores não-gays (além dos gays, e das mulheres) acabam por considerar o vôlei como esporte para homens e mulheres, logo masculino e feminino, fazendo uma concessão a essa concepção. É como se soasse artificial e fosse em vão dizer que o vôlei é um esporte masculino. Ao mesmo tempo, essa classificação produz um constrangimento que resulta numa certa obsessão dos jogadores de vôlei pela questão do gênero e na tentativa de aparar os excessos gerados pela aproximação entre o masculino e o feminino.

O meu próprio caso serve como apoio a esse argumento. Minha preocupação com os companheiros de equipe que usufruíam de seus corpos de modo a revelar trejeitos feminilizados promovia uma situação na qual eu aceitava apenas condicionalmente a convivência com eles. Durante os treinos, não havia problemas, já que era incomum a presença dos pais nessas ocasiões. Entretanto, em dias de jogo, quando os pais costumavam comparecer para prestigiar os filhos, a presença desses companheiros gerava certo desconforto, por despertar um receio de que pudessem crer que eu era ou que tinha me tornado gay e de que o vôlei, em função da oportunidade de convivência com os gays que ele oferece e do seu próprio *ethos*, pudesse contribuir para despertar essa tendência ou criar as condições que levariam a me tornar gay.

Essa aproximação só é aceita, portanto, dentro de certos limites. Isso é visível também na classificação das intrigas por parte de alguns de meus companheiros de equipe como algo feminino, tentando, com isso, cessar esse tipo de atitude, na não aceitação de jogadores gays, sobretudo daqueles que apresentem trejeitos afeminados, no preconceito de alguns jogadores heterossexuais com relação à presença de gays, que pode ser verificado em diversas comunidades e tópicos no Orkut, e também no caso de coisas aparentemente pequenas, como o uso do meião, que aparece num tópico da comunidade “Jogo volei e sou macho”.

⁴⁶ A respeito do clube de boxe de Chicago em que treinou e empreendeu sua pesquisa, Wacquant observa que: “Todos, é claro, são homens, e o salão de treinamento é um espaço eminentemente masculino, no interior do qual a intromissão do gênero feminino é tolerada somente à proporção que ela permanece incidental: o boxe é para os homens, sobre os homens, ele é os homens. Homens que lutam com homens para determinar seu valor, isto é, sua masculinidade, excluindo as mulheres” (WACQUANT, 2002, p. 69).

Figura 8. Discussão sobre gênero, sexualidade e técnicas corporais dos esportes na comunidade Jogo vôlei e sou macho, do Orkut.



Jogo vôlei e sou macho
(9,800 members)

- forum
- polls
- events
- members

view profile

ridículo essa comunidade

Home > Communities > Recreation & Sports > Jogo vôlei e sou macho > Forum > Messages

showing 1-10 of 21 first | < previous | next > | last

4/10/06

T
ridículo essa comunidade
vcs msm tao dando margem p o preconceito de qm joga **vôlei** e menos homem... e olha jah mtos gays q jogam mto melhor **vôlei** q mto hetero por ai outra os melhores levantadores sao gays, comu ridicula

4/12/06

R
Fica de boa vai cara, se não curtiu a comu nem entra meu!
Pow vai procura sua turma!

4/13/06

P
preconceito de cu é rola
essa comu é mais pra zuar pessoas com o cerebro pequeno que acha voley é esporte de mulher, mas essa historia não tem nada a ver.
té mais.

4/14/06

F
preconceito é meu ovo
a imagem d **vôlei** é queimada pq a maioria dos gays q jogam são umas bixas escandalosas n tenho nada contra gay n mais fala serio vc ta aqui jogando na boa ai ficam aquelas bixonas com aqueles gritos e aquelas marmotas ai quem ve pensa q todo mundo q ta jogando é gay...tem muito jogador de futebol gay de basket etc mas a imagem do esporte n fica queimada pq o cara é gay mais fica na dele.....quer ser gay seja mais q seja serio e fique na sua se n fosse esses gays escandalosos comunidades como essas n precisam existir

4/14/06

D
vc é doido kra
vc é doido c n gosta sai fora ning te chamooooooooooooooooooooo jogo voley e todo estadual garo muitaaaaaaaaaaaaaaaa mule...

5/17/06

M
"ViDa ToRtUgUiTa"??????
Pra começar o nome é de uma bichinha loca pra dá o botão!!!

depois vem falar que tamo queimando o filme do esporte

pra mim vc tentou jogar com uns caras que eram homens de verdade e eles sacaram que vc era uma bichinha loca e não deixaram vc jogar pra não queimar o filme deles

ai vc ficou toda revoltada e descobriu essa comunidade (Que foi muito bem elaborada)e tentou dar o troco, mas não

Fonte: Orkut, 2009.

Figura 9. Discussão sobre gênero e sexualidade nos esportes na comunidade Jogo vôlei e sou macho, do Orkut.



Jogo vôlei e sou macho
(9,717 members)

- forum
- polls
- events
- members
- view profile

Quem usa meiãõ é gay

Home > Communities > Recreation & Sports > Jogo vôlei e sou macho > Forum > Messages

showing 1-6 of 6 first | < previous | next > | last

12/19/08

D:
Quem usa meiãõ é gay
todos que eu ja vi usar meiãõsãõ gayssssss

12/24/08

B:
Ate o **Meiãõ** !!!!!!!!!!!!!1

Veý akee onde eu treino tinha um maluco do Adulto qe jogava de **meiãõ** i detalhe ele era **gay** mais c eah ou naum eu naum so ninguem pra dizer

i esse "cara" fui levanta uma bola pra elle o bicho(a)veio i deu um grito qe foi de mata 1

HAHAHAHAHA

12/29/08

p:
porra uso **meiãõ** e ãsou **gay**
tenho mulher e filho
e tiro vaga d qualqr um q usa meia curta isso ã q dz nadae so esteica

Jan 1

±Å:
puta q pariu
q diabo de ideia foi essa
pq eu tbm jogo de meiãõ
e ã sou gay!
vai dizer q tem gay q ã joga de meia normal?

Mar 28

L:
pow
acho q o carinha ai de cima não quiz dizer de **meiãõ** no meio da canela...
e sim aquele **meiãõ** q fica por baixo da joelheira, tipo vôlei feminino...

isso sim é muito **gay**.

fala sério né!!!!

Mar 28

I:
quem usa **meiãõ** é jogador de Futebol... hehe
Mas tipo, sem preconceito, eu acho que cada um é livre pra jogar como se sentir melhor, porem que fica estranho fica.

Fonte: Orkut, 2009.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Principiei o texto narrando experiências pessoais, desde a infância, perpassando uma longa trajetória de envolvimento com o voleibol, almejando demonstrar a existência e prevalência, sobretudo entre aqueles que não praticam vôlei, de concepções e classificações desta prática esportiva como “feminina”, “de mulher” e “de mulherzinha”. Concepções nem sempre postas em discurso, como no caso das aulas de educação física e nos jogos recreativos entre meus familiares, mas nem por isso não percebidas, não sentidas.

Em seguida, desfilei alguns fatos e momentos marcantes desde quando passei a frequentar o SESC de São Carlos com o intuito de começar a praticar voleibol. Quando iniciante, pude perceber uma maior presença de meninas praticantes, que se somavam a alguns garotos cujos gestuais eram classificados como efeminados pelas próprias meninas, tanto que despertavam comentários entre elas. Conforme meu envolvimento com o esporte foi se elevando, desenvolvi o desejo de me tornar jogador, que me impulsionou para a busca de uma equipe em que pudesse aperfeiçoar minhas habilidades e com a qual pudesse disputar campeonatos.

Fui informado, por colegas do treino de iniciação, de que havia uma professora (Fabiana) que treinava meninos e meninas, no próprio SESC, à noite. Decidi, então, observar os treinos, de que acabei gostando. Após ter iniciado os treinamentos com Fabiana, na equipe GVSC, notei que muitos de meus companheiros tinham trejeitos feminilizados e que utilizavam um vocabulário à parte, específico dos gays, fatos para os quais Pedro, um companheiro que fazia aulas de iniciação comigo e também treinava com Fabiana, havia me chamado a atenção. Comecei então a frequentar o SESC quase que diariamente e logo percebi que nas disputas meramente recreativas havia muitos garotos com gestuais feminilizados, dos quais, aliás, os meninos que jogavam futebol de salão na quadra ao lado da quadra de vôlei, frequentemente zombavam justamente pela forma de utilizar o corpo. Também notei que um *ethos* diferenciado integrava a prática do voleibol, caracterizado por performances feminilizadas, relativamente disseminadas entre os praticantes da modalidade. Performances estas que combinam, ou podem combinar, gestos feminilizados com um linguajar característico dos gays, ao menos de São Carlos.

Passei, então, a acreditar na possibilidade de o voleibol ser visto como “esporte de mulherzinha”, sobretudo pelas pessoas que não o praticavam, em razão não simplesmente da percepção da presença de gays, mas também de performances feminilizadas. Relatei o caso de

Túlio, que acabou desistindo de frequentar os treinos de Fabiana após ter sido chacoteado pelos colegas na escola em que estudava, em virtude de treinar com gays e do receio de ser considerado gay.

No tópico em que inicio a pesquisa de campo propriamente dita, após o meu ingresso no programa de pós-graduação da Universidade Federal de São Carlos, voltei a tocar na questão dos usos feminilizados do corpo, de modo a ressaltar que, de fato, eles fazem parte da dinâmica do cotidiano do voleibol, ao menos no nível amador. Indiquei, ainda, que, conquanto não disponha dos meios necessários para verificar se esses usos têm vez no dia a dia dos treinos, no vôlei profissional, parece haver uma tendência a evitá-los, por parte dos técnicos e também pelos próprios jogadores.

No terceiro tópico, tratei das técnicas corporais ou, mais especificamente, da concepção de que elas seriam essencialmente femininas. Pude captar isso nos manuais de voleibol. Interessantemente, nos manuais, os autores chamavam a atenção para a existência da concepção do vôlei como “esporte feminino” ou “próprio para moças” não só no Brasil, como também em outros países, dentre eles China e Japão. Por meio de uma breve pesquisa em comunidades da plataforma de sociabilidade virtual *Orkut*, as quais possuíam tópicos de discussão em que essa suposta feminilidade das técnicas era aventada, minha hipótese pareceu ganhar maior sustentação, mesmo embora uma pesquisa etnográfica mais aprofundada, para além das redes de sociabilidade virtuais, necessite ainda ser feita.

O *Orkut* ofereceu-me a possibilidade de pensar que algo semelhante ao vivenciado por mim nas equipes pelas quais passei pudesse ser verificado em outras localidades do Brasil. Dessa forma, fui ampliando concomitantemente minha visão da realidade, que antes estava restrita ao SESC e seus frequentadores e modificando, paulatinamente, o modo como compreendia a relação entre os possíveis fatores basais que sustentam a concepção do vôlei como “esporte feminino”, “de mulher”, “de viado”. Percebi que deveria considerar tanto as técnicas postas em prática pelos jogadores quanto às técnicas do próprio vôlei, abstraídas dos corpos. Quer dizer, o esporte em si concebido como se tivesse uma essência feminina, hipostasiada em suas técnicas.

O método evoluiu, pois, do nível mais pessoal, por meio do relato de minhas experiências, a um nível mais abrangente, por meio da verificação da opinião de outras pessoas, praticantes ou não, veiculadas no *Orkut*. Além disso, essa ferramenta de pesquisa me permitiu refletir se essas concepções do vôlei como “esporte feminino/de mulher/de biba” tinham se mantido com o tempo. Pelo pude observar, há indicações de que realmente elas

tenham se mantido. E, mais uma vez, reitero que pesquisas de campo devem ser feitas para verificar se essa hipótese se confirma ou não. Obviamente não desprezo a possibilidade de ter havido variações com o tempo. Embora ao longo de minha trajetória como atleta essas concepções tenham permanecido – quer dizer, pensa-se ainda que o vôlei é um esporte feminino, pelo menos em comparação com o futebol, e ainda se pensa que o vôlei é um “esporte de viado/de biba”, como vimos na análise dos comentários das pessoas que participam de comunidades no *Orkut* – creio que elas não sejam estanques, e estejam em processo de transformação, pelos próprios rumos que o esporte vem tomando no Brasil, popularizando-se crescentemente e em função do conteúdo dos conceitos de masculino e feminino, que também se alteram incessantemente com o tempo.

Assim, é possível que tais concepções não sejam tão presentes quanto eram ou, pelo contrário, que sejam mais fortes agora do que há 13 anos, quando comecei a jogar. De qualquer maneira, ainda são sentidas pelos praticantes da modalidade, sobretudo pelos praticantes do sexo masculino – que frequentemente reagem a elas e acabam, por isso mesmo, contribuindo para que sejam mantidas – e (re)atualizadas por não praticantes.

Ainda no terceiro tópico, trouxe à tona os níveis mais imperceptíveis que estão no cotidiano da prática (os gritos na hora das comemorações, os gestos para acertar tal fundamento e etc.) que parecem embebidos pela classificação. Tentei não tratar exatamente a relação classificação/agentes na chave da causa e efeito, posto haver uma evidente retroalimentação entre as concepções e classificações do vôlei como esporte feminino/de mulher/de viado, (re)produzidas sobretudo pelos não-praticantes, mas que são trazidas para o interior da prática e a vasta presença de gays assumidos e mulheres.

Entretanto, defendi, no quarto tópico, que o contraste com o futebol, tido como esporte masculino, é um fator importante na classificação do vôlei como “esporte feminino”, “esporte de mulher” e “esporte de biba” e que isso se associaria à concepção de que o vôlei possui técnicas corporais tidas como femininas, contribuindo para a manutenção dessas concepções ao longo tempo. Ainda neste tópico, diferenciei as expressões “esporte de mulherzinha”, “esporte de mulher” e “esporte feminino”, bem como expressões correlatas, mostrando como elas se sustentam e se vinculam por meio do discurso nativo. Demonstrei que tanto a concepção e classificação do vôlei como “esporte de mulherzinha” (ou de “biba”, ou “de viado”, que possuem sentidos semelhantes) quanto à concepção e classificação do vôlei como “esporte de mulher” contribuem para reforçar a concepção do vôlei como esporte feminino.

Em suma, limitei-me, ao longo do texto, a constatar que existiam e existem concepções de que o vôlei é um “esporte feminino”, “esporte de mulher”, “de biba” e que essas concepções duradouras se relacionam com a realidade social do vôlei. Realidade que revela um contexto de permissividade com performances caracterizadas por gestos e linguagens marcadamente feminilizados. Essas concepções ganham ainda mais força porque a feminilidade é vista como parte da essência do vôlei, consubstanciada nas próprias técnicas. Minha hipótese central é de que tudo passa a ser inteligível, no caso do Brasil, quando observamos o contraste do vôlei com o futebol, esporte de maior apelo popular, considerado masculino.

Enfim, procurei mostrar que o voleibol, no Brasil, é um esporte que permite, ao mesmo tempo, em algumas situações, uma diluição das fronteiras entre o masculino e o feminino, por meio de experimentações e combinações de gênero, e, em outras, uma reconstrução dessas fronteiras, oscilando entre a subversão e a atualização das convenções em vigor sobre o gênero. É um espaço que, conquanto seja frequentemente visto como feminino, possibilita um verdadeiro jogo dos gêneros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADELMAN, Miriam. “Mulheres Atletas: Re-significações da Corporalidade Feminina”, in: *Estudos Feministas*, Florianópolis, julho-dezembro/2003.

ARCHETTI, Eduardo P. *Masculinidades: fútbol, tango y pólo en la Argentina*. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.

BIZZOCCHI, Cacá. *O Voleibol de Alto Nível: Da Iniciação à Competição*. São Paulo: Fazendo Arte, 2000.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BRUHNS, Heloisa Turini. *Futebol, Carnaval e Capoeira: entre as gingas do corpo brasileiro*. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

COELHO, Juliana Affonso Gomes. “Das regras às representações: uma leitura antropológica do *ethos* feminino no voleibol”. São Carlos/SP, UFSCar, Departamento de Ciências Sociais. Monografia apresentada como requisito para obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais, 2006.

_____. “Voleibol: um espaço híbrido de sociabilidade esportiva”. In *Visão de Jogo*. TOLEDO, L. & COSTA, C. E. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

DAIUTO, Moacyr. *Voleibol*. São Paulo: Cia. Brasil Editora, s.d.

DAMATTA, Roberto. “Esporte na Sociedade: Um Ensaio sobre o Futebol Brasileiro”. In DAMATTA, Roberto et alli. *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.

DAMO, A. S. “O uso dos termos amadorismo e profissionalismo como categorias sociológicas na literatura acadêmica sobre o futebol”. In: ENCONTRO ANUAL DA

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 26, Caxambu. *Programa e resumos...* Caxambu: Anpocs, 2002. v. 1, p. 76.

KENSKI, F. S. *Meninos/ futebol versus meninas/voleibol: um estudo de caso sobre as relações de gênero nas práticas corporais de uma certa escola*. Resumo de trabalho da área de educação física. Disponível em: <http://www.pdf-search-engine.com/meninas-volei-pdf.html>. Acesso em: 20/03/2009.

MAUSS, Marcel. “As Técnicas Corporais”. In: _____. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Edusp, 1974.

OLIVEIRA, L.E.S. Voleibol no interior: um estudo de caso sobre o ethos dos jogadores. In: TOLEDO, LH; COSTA, CE (orgs.) *Visão de Jogo: antropologia das práticas esportivas*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2009.

PISCITELLI, Adriana. Gênero em Perspectiva. **Cadernos Pagu** (11), 1998, pp.141-155.

_____. Re-criando a categoria mulher?. In: Algranti, Leila Mezan. (Org.). *A prática feminista e o conceito de gênero*. 1ed.Campinas: IFCH/UNICAMP, 2002, v. 48, p. 7-42.

_____. *Comentário*. Cad. Pagu, Campinas, n. 21, p. 211-218, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332003000200009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15/08/2009. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332003000200009>.

PISCITELLI, A., GREGORI, M.F.; CARRARA, S. Apresentação. In: PISCITELLI, A., GREGORI, M.F.; CARRARA, S. (org.) *Sexualidade e Saberes: Convenções e Fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

RUBIN, Gayle. *The Traffic in Women. Notes on the "Political Economy" of Sex*. In: REITER, Rayna (ed.) *Toward an Anthropology of Women*. New York, Monthly Review Press, 1975.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. Cad. Pagu, Campinas, n. 28, p. 19-54, Junho de 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20/04/2009. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332007000100003>

SOUZA, Marcos Alves. *A “nação em chuteiras”: raça e masculinidade no futebol brasileiro*. 1996a. 64f. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília.

STRATHERN, Marilyn. *O Gênero da Dádiva*. Campinas, Editora da Unicamp, 2006.

TOLEDO, L. H. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs, 1996.

_____. *Lógicas do futebol*. São Paulo: Hucitec / Fapesp, 2002.

TORRÃO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cadernos Pagu**, Campinas, (24), p.127-152, 2005.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Senhores de Si: uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*. Lisboa: Fim de século, 2000.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e Alma – Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.